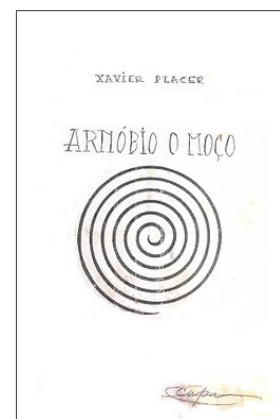


ARNÓBIO O MOÇO



MÓDULO	UNIDADE
<i>Na moldura de um quadro</i>	
Nasci corre-mundo	1 2
Era o temperamento da mãe	3 4 5 6
Beirava os doze anos	7 8 9 10
Viver no Rio	11 12 13 14 15 16
Pensão Monlevade	17 18 19 20
Plaqueta	21
Bacharel em Direito	22 23 24 25 26
Longe de tudo que diminui	27 28 29 30
A mulher, a filha & os amigos	31 32 33 34 35 36 37
Teu caminho é o romance	38 39 40 41 42 43 44
Meio dia de sábado e sol	45 46 47 48 49 50 51 52
Clarinas	53 54 55 56 57 58 59
Não haviam tocado nos papéis	60 61 62 63 64 65 66
E num dia qualquer	67 68

Livro iniciado por volta de 1988 e terminado em 2006.

Último livro escrito. Não foi publicado.

Foi mantida a capa original, desenhada pelo autor.

Texto formatado de acordo com o original datilografado pelo autor.

Uma das páginas do original:



Eventuais erros de datilografia foram corrigidos.

Nota de Celio Placer:

A citação "**A vida é como uma espiral e não como uma linha reta. Passado e futuro se encontram em um infinito presente**" (Autor desconhecido) não consta em nenhum texto do original, ela foi citada por meu pai quando perguntei o porquê da figura em espiral da capa. Ele ainda acrescentou:

– É uma mandala,
simboliza a volta ao começo.



Ele considerava este livro o fechamento de toda a sua obra poética e ao mesmo tempo um retorno à origem. É um mapa da sua memória, ou nas palavras do personagem Nestor: "*Que isto é uma carta de marear para o interessado ir balizando a fantasia, virtualmente viajar em si próprio: lá, onde irrecusável está tudo ou nada.*"

Se este livro estivesse sendo escrito agora (2016) seria um e-book interativo e multimídia, conceitos que ele acreditava ser a evolução natural do livro impresso. Por esta razão acrescentei alguns recursos visuais que estou certo teriam a aprovação do autor.

ARNÓBIO O MOÇO

NA MOLDURA DE UM QUADRO
AMORES & LIVROS
MITOS & MUNDO
UM HOMEM EM SUA VIA

SEROA –

demorei tanto que dei a você o direito de pôr em dúvida a existência do livro. Aqui vai o datiloscrito. Ontem me dizia sua irmã: – Espero encontrar o amigo que eu, Margarida, todos nós conhecemos, não um super-homem. Falei a Saloméa que não pensava ofuscar leitores. Que isto é uma carta de marear para o interessado ir balizando a fantasia, virtualmente viajar em si próprio: lá, onde irrecusável está tudo ou nada. Uma coisa fique explícita: quem aí existe é Arnóbio (Franco de Melo), que toma Nestor (Leoni de Melo) para porta-voz. Quanto a esse outro da capa, clarissimamente trata-se de um intruso cujo pseudo nome convém ignorar.

Nestor

1 – NASCI CORRE MUNDO, repetia Arno de moço.

E acrescentava:

– Não se diz que o mundo é um grande livro? Está aí, quero fazer a leitura dele de capa a capa.

Viagens. Sua primeira paixão. Curiosidade, atração pelo desconhecido e também necessidade de movimento de uma natureza a quem tudo que era vivo solicitava. Deitava tarde, levantava cedo. Nada fácil acompanhar aquela adolescência que não conhecia cansaço nem tédio. Energia e tempestade, um tornado.

Brasil de sul a norte no tempo de estudante em férias. Com algum colega. Comigo. Com que interesse arrumava a mala, munindo-se previamente de guia e mapa. Máquina a tiracolo, pelo caminho interessava-se por tudo: conversava com tipos, enfiava por becos, sumia, reaparecia, estava em toda a parte, em nenhuma. Devorador de espaço, reduzia a dispersão a fotos e notas.

Na Paulicéia, nossa juventude curiosa deslumbrou-se com a modernidade de grande centro tentacular, avenidas, martineles, multidão de rostos e sotaques estrangeiros, tudo motivo para dias plenos, à garoa ou ao sol...

De volta de andanças, um senhor Azambuja, baixo e gordote, nos divertiu mais de uma vez. Juntávamo-nos ao grupinho que o rodeava no rol do Hotel, sequer entendendo que o gaúcho estava ali cumprindo expediente pra fazer rir por ofício.

... Aí, nomeado fiscal de rendas, fui bater com os costados no Ceará. Lá o Azambuja caiu numa boa, me associei a um gringo fabricante de quê? adivinhem paisanos!

Ninguém se arriscou.

– De gu-ar-da-chu-vas.

Alguém: Enricou na Terra do Sol.

– Enriquei, tchê? Aqui me têm... falido.

Apresentaram-nos. Veio a costumeira pergunta - de onde eram os dois guapos rapazes?

Eu: Das Minas Gerais, sim senhor, mas do Rio, *de coração*.

Azambuja jogou os braços pro alto de sob o poncho:

– Tchê... Somos todos cariocas!

Engatilhou de quebra novo número.

– Ora o Rio e seus torós! Vejam se podia esquecer... Curiosos assim na grade do palacete do otorrinolaringologista. Um calvo de bermuda e sandália. - No pico do temporal o matacão rolou encosta abaixo na madrugada pousando no meu salão. A família dormia. O matacão, acreditem, vizinhos! não quebrou um só cristal, não tocou no meu oratório. Contava ufano e sorrindo a insólita pedrada de granito...

– Como se tivesse caindo do céu.

– Exato. Era, além de cirurgião, oblato beneditino.

– Que é oblato, Azambuja?

Maravilhou-nos o céu azul de Curitiba.

Enviávamos albumzinhos e postais pros familiares e amigos. Arno alongava-se em cartas divertindo com pitorescos de toda sorte, a mãe, o pai e Letícia, a irmã.

Em Blumenau o coração do viajante balançou.

Na loja de cristais Hering a gerentezinha nos sugeriu gravássemos ali, na hora, nossas iniciais nas duas taças que compráramos. Já a casa fechava o expediente. Enquanto eu assistia à habilidade do gravador na pequena banca, ouvi do balcão Arno a convidar discreto a lourinha para saborearem um *strudel* ou, se ela preferisse, um chopinho.

A gerentezinha (baixo): Porque não um *strudel* e junto um chopinho?

Segui com eles até à porta da choperia. Para não empatar o caçador nem a caça, deixei-os, ela rindo do alemão que ele se metera a falar.

Só o vi no dia seguinte de manhã.

Ficamos uma semana em Blumenau. Eu insistindo na partida: – Um programa por noite, Arno? e ele a me dar tapinhas nas costas.

E rumamos pra Foz do Iguaçu. As afinidades eletivas! Dali mandou pra recente amiguinha, com vasta missiva, um colar furta-cor da Boêmia, ainda por algum tempo, Santa Rita da Serra-Blumenau cruzaram cartas.

No outro ano, foi a vez, tinha que ser, do nordeste.

Salvador. Na escadaria do *Grande Hotel* da Boa Terra, logo de chegada, um desses artistas de rua. Paramos a observar a habilidade do retratista ampliando de uma foto 3/4 uma "cabeça" de criança.

O barbudo nos convidou a posar. Era "internacional".

– Hermenegildo Dantas, para servi-los.

– Outra hora, certo?

Dia seguinte, mal nos põe os olhos em cima, o homem da indumentária branca largou correndo com prancheta e tudo. Perturbado? Seríamos uns empestados?

Tardinha, ao retornarmos, acercou-se meio canhestro. Desculpássemos! Ele era da *Lei*. Fora por bem de nós três. Na primeira parte daquela sexta-feira, o *guia* lhe avisara que não devia ter contato com dois forasteiros...

Em viagem, Arno tinha imprevistos assim:

No interior de Pernambuco, Garanhuns, arrematou na feira de sábado um gaiolão inteiro de pintassilgos e partiu com decisão.

O vendedor de pássaros ficou olhando espantado. Ouviu-o murmurar: De uma banda chove e da outra vem...

– Arno, qu'ê isso?

Vi-o, acompanhado por um bando de meninos e meninas, caminhar para o extremo do terreno e, gáudio da garotada, libertar os pássaros pra todo o ar.

Meninota morena: Moço! Moço! o senhor é muito bonito soltando os bichinhos.

Arno: Ôi, como você se chama?

Ela: Adivinha! Adivinha!

– Você é a guria dos olhos de jabuticaba. Quer casar comigo?

– De jabuticaba? e correu arisca como uma lebre para junto da mãe.

Acenou-lhe, ela voltou. E o moço bonito pagou alfenim pra todo mundo, outros pintassilgos alvoroçados em torno dele.

Uma sortida daqui até São Luiz, insisti com meu primo que, em Recife já quisera retornar, decepcionado de não conhecer ali o ausente Guilherme Freyre.

Lembro-me nossa ida a Cantagalo, RJ, onde nascera o polígrafo hispano-brasileiro Américo Castro. Que fazer no Maranhão?

– Então a figura do barbeiro, na Praça dos Melros, não valeu? O bairrista a apontar uma casa de comércio miúdo onde contávamos encontrar um museu, eloquente a referir a visita do filho à terra natal, foguetes, lauto banquete com brilhantes discursos e sonetos?

Na Universidade, almoçamos com dois mestres, um sociólogo e sua assistente.

Ela: Aqui, tal nos vêm, compomos um jovem casal assaz conhecido nos meios universitários maranhenses.

Ele: Ilustres amigos, aqui lhes ofereço meu décimo modesto livrinho.

Nobreza obriga, fez Arno as honras à altura:

– Caro e culto professor Ribamar, bem se adverte que em nobre estilo traça, conscientemente, o destino plural e duradouro de sua gente, e obra.

Vivas palmas ressoaram numa sala de aula.

2 OCASIÕES motivados pelas particularidades que nos referiam de lugar e por um curta-metragem, programamos conhecer São Thomé das Letras, em Minas, na primeira oportunidade.

Assunto longo de nossas conversas e até o jovem professor do ginásio, João Manoel, queria juntar-se a nós. Tio Justo e Ana Lídia não paravam de nos animar.

Porém à última hora não aconteceu. João Manoel desistia. Fez mistérios a princípio, acabou dizendo. Sonhara a mãe com ele envolvido em desastre. De certeza, um pesadelo. Desculpássemos, não ia matar a mãe. Depois soubemos que, enquanto eu e Arno andávamos por águas do norte, João Manoel e Dona Branca haviam partido para o sul...

Navegamos sim o São Francisco.

Sonho antigo, sempre adiado, percorremos o chamado rio da integração nacional, o Chico de castanhas águas na voz do povo.

Uma semana do País das Gerais -

Pirapora

São Francisco

Januária

Bom Jesus da Lapa

Barra...

à Cachoeira de Paulo Afonso.

O "gaiola", atracando em precários cais de madeira, ia recolhendo morenidades de cabelos corridos, outras desembarcavam nos vilarejos assinalados por uma torre de igreja, com redes, canastras, papagaios, filhos ao colo.

Heróico, o vaporzinho não brincava em serviço... Barcaças de atrevidas carrancas a proa passavam, havia acenos de cá e de lá. Nosso barco desviava de bancos de areia, ilhotas recortavam-se ao largo onde um cavalo pastava e junto a canoas curumins banhavam-se nus.

Por vezes a frágil embarcação adernava. Aquilo a mim e a Arno nos deixava apreensivos, o povo é que, ruidoso, roía rapadura, matava a sede em fatias de melancia, *nem estava ali*. Como o pequeno grupo do baralho, de cócoras, no jogo a dinheiro.

Cícero Pedra sanfonava todo o tempo, a filha magrinha garganteava:

Não sei se vá ou se fique

Não sei se fique ou se vá:

Partindo não fico aqui

Ficando aqui não vou lá...

A assistência batia palmas, dava vivas e o sanfoneiro fechava invariavelmente com isto:

*É um sapo dentro de um saco
O sapo batendo papo
E o saco com o sapo dentro*

enquanto a esperta moreninha corria o pires.

A paisagem fluvial encolhia entre barrancos ou abria em cintilação de escamas matinais no rio-mar. Ao crepúsculo, O Sol era um globo de fogo suspenso. Boquinha da noite, acima do risco do horizonte vermelho, água e céu, asas negras pairavam.

Pernoitamos na velha cidade da Barra.

À espera do almoço, observávamos na sala de entrada da hospedaria uns quadrinhos com umas formas estilizadas, quando um rapaz entrou.

Voltei-me, pedindo que nos explicasse que heráldica era aquela.

Ele (sarcástico): Heráldica de curral... Asa, Flor, Roda, Flecha, Galho. Marcas de ferro do gado por estes sertões.

Arno: Faltou o entrelaçamento MR.

– Bem, esse é de minha gente.

Chamáram-nos para o almoço; perguntei-lhe se não queria nos acompanhar, aceitou; fizemos um conhecimento baiano, falou-nos sobre seu livro.

Arno (ao café): Que sorte a nossa descobrirmos alguém que escreveu sobre o São Francisco!

Candido Jucá, sertanejo de olho azulado, era antes de tudo amargo.

– Mais difícil, moços, é topar por aí quem não escreveu sobre o São Francisco.

Aplaudimos a boa palavra, e ele nos convidou para terminarmos a conversa na casa dele, ali perto.

Vejam, me formo em antropologia no Paraná pra vir vegetar neste buraco onde nasci, a lecionar em ginásio. Faço as minhas pesquisas sobre linguagem não-verbal, pra quem?

Folheávamos interessados o original datilografado a capricho do livro de Cândido Jucá Moreira da Rocha, quando um homem pálido se precipitou saleta adentro:

– Xará! Xará! Me dá cinco mil réis.

Depois, Candinho, disse-lhe. Agora estava ocupado com aqueles moços. Voltasse outra hora.

O homem pálido não se movia. Calava e esperava, braço retesado, mão em concha. Pedi licença ao dono da casa para dar o dinheiro, sem esperar resposta estendi ao pedinte uma nota de dez cruzeiros.

Ele pegou a nota, rasgou-a com brusquidade e jogando pro alto metade:

– Só quero cinco! e girou nos calcanhares.

Quando veio de correr o trinco da porta, Cândido Jucá murmurou um seco pedido de desculpas. O que nos arranjava! Candinho tinha fixação nele.

Contou que a criatura estivera alguns anos recolhida no Hospital-Colônia da Bahia, o haviam afinal mandado pra casa, vegetava por aí. Com a mãe, bisneta de latifundiários, antigamente um dos clãs mais poderosos da Barra. O avô paterno inaugurara a derrocada gastando na política. O pai tinha o vezo das demandas e processos, liquidara os últimos tostões, o filho era aquilo. Capaz de voltar (disse entre dentes) pelos outros cinco, a lógica lá fora era outra.

E passamos a longa tarde, tarde de fresca viração soprando do rio, a tomar água de coco no alpendre, a conhecer esplendor e miséria daquela região ribeirinha, mundo arcaico, sua gente. Mais aberto, era claro que o sertanejo lavava a alma naquele encontro. Ao nos despedirmos:

– Ficamos amigos os três, de graça.

Morena baiana - astróloga - espionada de viés pelo marido, no último dia a bordo vaticinou nossos destinos. Voz sonora e firme, no salto alto e turbante, tranquilizou-nos de entrada:

– Os astros inclinam, não obrigam, simpáticos jovens!

Ritualmente declinamos nossos nomes, ano, mês, dia hora de nascimento. Consultou devagar um livrinho encadernado em couro, concentrou-se juntando as mãos de anéis, recitou compridamente os horóscopos de cada cliente.

E nossas auras eram positivas, viagens, tropeços alguns, insignificantes, êxitos profissionais, amores, o moço Arnóbio alerta nas conjunções do deus da guerra Marte e Vênus, seu primo Nestor nos decanatos de Mercúrio e Saturno...

Afoito, eu: Mas nenhum, nenhum eclipse, tragédia oculta, Pitonisa?

– Nada, é a mensagem. Alerta! Ir à luta. Querer é poder!, simpáticos jovens!

Arno pagou a conta.

– Viajar é ser moderno.

Vinha Arno carregado de anotações sobre tipos, frases, vocabulários, folhetos de cordel, "vitalinos" de barro, coisas do sul e do norte.

...logo que chegávamos, organizava o material.

– Não sei o que você vai fazer com tanta fichinha...

– Um dia, ó Nestor de experientes falas, quando estiver esquecida, esta maçaroca bem pode render um livrinho. Eu dedicarei a meu primo, aceita?

– Nunca vi. Não fosse tanta fúria de documentar, diria que Arnóbio Franco de Melo é o perfeito viajante.

– Ótimo. Olha o título da futura obra-prima: *O perfeito Viajante*. Garanto que não será mais um guia "culto" sobre cidades. Será um livrinho ultra-vivo.

3 ERA O TEMPERAMENTO DA MÃE. Tanto, que viviam em perpétua colisão. Nos entreveros de mãe e filho:

- A alguém tinha que sair, dizia Tio Justo.
- Ana Lídia: Pois a mim é que não foi.
- Mas se é o seu retrato, minha querida mulher.

Ana Lídia. Ativa, ia e vinha atenta a tudo na ordem doméstica. Tio Justo empenhava-se em cuidados com a saúde dela, que nem ligava, detestando conversas de doença e morte.

Seu hobby: plantas. Gastava horas matinais no ripado de avencas, violetas africanas, gerânios e quantidade de antúrios e gardênia que, em vasos, eram trazidos para decorar o interior da casa.

De noite, pois não sabia ficar a toa, distraía-se fazendo tapeçaria, enquanto escutávamos todos radionovelas. Alfabetizara cedo os filhos, ensinando-lhes música e espanhol, treinando-os a escrever cartas para os avós. Arninho gostava de escrevê-las, mas detestava o piano; Leticinha, a irmã, aceitava as duas coisas.

Mas a ativa e exigente Ana Lídia não suportava aquilo que chamava verdadeira casa de repouso. Ainda acabava tendo visões, dizia. Então pegava ela mesma o carro e ia ao Centro de Santa Rita postar cartas para os pais, comprar revistas ou visitar uma amiga.

Esta era uma senhora carioca, casada já madura com o proprietário de hotel-fazenda. Viajada, vivia do passado europeu. Uma urna de mágoas: da filha, que a esquecia; do marido mineiro: – Marido mineiro, minha amiga, pode tudo, mulher de marido mineiro não pode nada. E ia por aí... Ana Lídia voltava geralmente pesarosa e Tio Justo não aprovava aquelas visitas.

Meu tio, com as quatro fazendas - gado de corte, leite e laticínios - duas vezes prefeito de Santa Rita e participante quando não motivador das iniciativas progressistas da cidade, ficava à margem de certos detalhes. Criara

uma escola para os filhos de empregados e meninos da redondeza; Arno e Letícia cursaram com eles o primário.

Assim era, e discretíssimo. Refugiava-se canhestro na reserva ou na ironia monossilábica, para muitos passava por orgulhoso. Seu lazer: solitários passeios no seu manga-larga e o pôquer duas vezes na semana, à noite, com o Tabelaão (eterno presidente da Câmara Municipal), o Coletor, o Veterinário-Presidente, o Vigário e o juiz Guerrante. Vez por outra aparecia uma viúva - Dona Délia - que desmontava ruidosa do seu cavalo ajaezado e sacudia o rebenque, se preciso na cara da pessoa. O Coletor (fora seu noivo): - Chegou a perturbadora! Ana Lídia escondia-se dela.

Letícinha era o avesso da mãe e do irmão. Frágil, retraída, principalmente medrosa. O uivo da ventania e o relampejar nas trovoadas punham a caçula nervosa, agarrava-se à mãe. Chorava: Nossa! Nossa! Arninho acabava se irritando: Letícia, sua boba! o vento é o ar em movimento. Só voltava à calma quando a tempestade, cansada de açoitar as vidraças com relâmpagos, serenava. Parecia-se bastante com o pai. Ele punha-a no colo, beijavam-se e diziam-se ternuras, o que somente de século em século Tio Justo conseguia do indomável e insatisfeito Arninho.

Já entre Ana Lídia e Arninho era outro cotidiano.

A caixa de bombons aparecia logo logo esvaziada? fora ele. O que nem sempre. Enlameava um pouco a roupa, tinha pronto que trocá-la. Gostava das setas, pandorgas e outros brinquedos feitos por ele e pelos filhos de empregados, ela enchia-o de brinquedos encomendados no Rio, quebrava-os, daí grandes clamores.

Ana Lídia, nascida em Itaiuba, fora educada na Espanha.

Don Francisco, moço empreendedor, recém-casado emigrara de La Coruña e radicado em Minas tornara-se comerciante, forte comerciante. Logo após a guerra de 14, Ana Lídia caçula, os dois outros irmãos - Ramón e Domingos - voltara toda a família para a Europa. Aos dezoito anos, vindo conhecer a terra natal, hospedada na casa da madrinha, ali a conhecera o jovem Justo que se apaixonara à primeira vista pela "espanhola". E o casamento aguardou só o tempo de chegar a autorização expressa dos pais. Casara-os Padre Brasil, jovem vigário de Santa Rita da Serra. A lua-de-mel do casal foi uma visita a La Coruña, que se alongou até Madrid.

Nem Arninho nem Letícinha a chamavam de *mamãe*. Chamavam pelo nome: Ana Lídia. Mãe era mãe Jovelina, a mulata robusta e mansa que amassecara a pequena Ana Lídia primeiro em Itaiúba. Quando a família Franco retornara à Europa, a moça Jovelina acompanhara a "sua" menina.

Em La Coruña de começo tudo bonito para a babá: a neve, as roupas de lã, as pessoas, a fala das pessoas. A seguir, as flores murcharam e a curiosidade. Por último, diante do prato das batatas no leite, vinha-lhe à boca o gosto de

feijão tropeiro; os churros não tinham o sabor do bolo de aipim. Mal tocava na comida.

Aninha, a menina Aninha contaminou-se da tristeza da babá. Quando ouvia falar em sua volta para o Brasil pegava a choramingar. Não, não, queria Mãe Jovelina, no te vás, Jovelina! Abraçava-se a ela, beijava-a.

– É preciso despachar essa criatura para o Brasil, repetia Don Francisco, Dona Isabel, afeiçãoada à boa mulata, resistia ao pensamento de repatriá-la. Aquilo passava! e levou ao médico, que lhe receitou um cordial.

O banzo apoderou-se de vez da brasileira.

Surgiu uma oportunidade. Uns vizinhos emigravam para o Brasil. Encomendaram-na à família e veio para a sua terra, para a paisagem às margens do Pucaí onde abriu os olhos para a vida e era feliz como um lagarto ao sol. Terminou aí a aventura espanhola de Jovelina.

Em Itaiuba casou com o primeiro namorado, tivera meia-dúzia de filhos e agora criava os filhos de "sua" menina. Trabalhava de manhã à noite. As duas empregadas se queixavam: ninguém sabia fazer as coisas a contento dela e, calada, refazia o já feito toda vez.

Ótima em contas de cabeça, sabendo de cor e salteado a tabuada, ali, na ponta da língua, em alfabetização não saíra das primeiras letras.

Tio Justo, que gostava de brincar com ela, um dia perguntou-lhe em nossa presença:

– Hoje, Jovelina, você vai me dizer quantos 9 tem de 1 até 100?

Baixou a cabeça, beijos em bico, muito concentrada. Antes que qualquer de nós achasse a resposta:

– Tem 20 mesmo, seo Justo.

– Palmas! Palmas para Jovelina!

As duas crianças a adoravam. Ana Lídia não demonstrava o menor ciúme. Quando os punha de castigo, por trás lhe dizia: Mãe Jovelina, vai lá ver os teus pimpolhos.

4 NO QUARTO DE BRINCAR, Arninho, seu querido, galgava logo o colo da mulata, acomodava-se na turgência de seu regaço. Seus grossos braços, enlaçando-o, eram quentura e segurança.

Mãe Jovelina desfiava causos e causos, de saci, de figueira onde os escravo eram amarrado e judiado, da arca de libras *estrelinhas* enterrada na Fazenda e qui o falecido avô deles - Deus tivesse! - mandô escavucá a toa, mas um dia diz-qui ia se achá o tesoro. Dona Teresa - Deus tivesse! - é qui nem creditava. Eles se alembrava da avó?"

Arninho: Me lembro. Vó Teresa passava a mão na minha cabeça e dizia: - Que menino crescido que você está, meu netinho!

- Ela era muito caridosa. Não havia esse qui num gostassi de Dona Teresa, qui Deus tenha! Quando morreo, três dia depois os pombo entraro na casa na procura dela.

Voltava às estórias. Todas di verdade, quem contava era o padraсто dela, um cativo - Deus tivesse! - qui tinha morrido di cem ano...Era mestre carapina.

O menino repetia baixo: ca-ra-pi-na. Logo queria saber o que era carapina. Mãe Jovelina explicava na sua fala descaroçada de consoantes. Estória puxa estória, as conversas encompridavam-se.

Uziel era o seu filho mais carinhoso. O patrão dele lá no Rio de Janeiro tinha pejejado com ele pra estudá, mas a mania de Uzielzinho era dirigi carro. Aí no Exerço tirô carta di chofé.

- O quê qui meu fio vai sê quando fô home feito?

- Eu vou ser arquiteto, Mãe Jovelina.

- Arquiteto? Quê qu'ê isso?

- Nem queira saber, uma coisa muito bonita.

Letícia: É um doutor que faz casas, Mãe Jovelina. Mas papai quer que ele seja advogado. Eu vou ser pianista.

O irmão saltava do colo da mulata.

Advogado, é? E você vai ser o quê? quituteira - e pegava-lhe um tapa.

Chorando, a irmã revidava. Havia um começo de engalfinhamento, que Jovelina acalmava. E sentenciava para as duas crianças qui elas devia de obedecê direito ao pai e à mãe.

Letícia: a Espanha é muito bonita, Mãe Jovelina?

Bonita mesmo. Só qui lá num tem bananêra nem sabiá. Inté qui tem muito parrêra di uva, pé de azeitona i árvre qui dá castanha.

- Vó Isabel?

Jovelina voltava às recordações e elogiava Dominginhos, queixando-se de Ramónzito, que a xingava de *llorona* e dava beliscões nela. Não poupava elogios à madrinha de crisma qui nos domingo ia na missa com ela, Aninha e

os menino. O avô não. Dom Francisco ficava esperando na praça mais Dom Diego e o sr. Gumerindo. Mas quando ela recebeu o santo-crisma do batismo aí entrô na igreja com os dois amigo e depois em casa deu pra ela aqueles brinco de oro qui nunca mais deixô.

As crianças espantavam-se de não ter nunca mirado brincos de ouro tão famosos, queriam vê-los com as mãos. Jovelina tirava-os, Letícia admirava, Arninho nem tanto.

Pegava do chão o lenço dela que havia caído e punha-se a desatar o nó na ponta.

– Não, meo fio.

– Por quê?

– É pra eu me alembrá di levá o corte di fazenda pra costurera fazê o meu vestido de Natal.

Quando ela fechava os olhos e calava, Arninho:

– Abre o olho, Mãe Jovelina!

Os dois bebiam aquelas primeiras lições de vida respeitosos. Assimilavam também vocabulário e gramática da ama, que Ana Lídia e Tio Justo corrigiam rindo.

No fim daqueles castigos, ritualmente a cantiga das adivinhas. Sempre as mesmas, alto, em cadência.

Mãe Jovelina:

– Quem é quem qui já trabáia pra nascê?

– O pinto! porque fura a casca do ovo.

– O qui é, o qui é?, entra n'água e não se móia?

– A sombra.

– A mãe é verde, a fia encarnada.

– A mãe é mansa, a fia danada?

– É a pimenta.

D'ali a pouco, estavam livres; Ana Lídia fingia que nem via.

5 O TEMPO PASSA. Quando Arno grandote começou a andar pelos cantos com a filha do capataz da *Arca*, Ana Lúdia enxergou logo um drama. Tio Justo nem ligara. Tacitamente até se divertiu, ora o frangote! cantando de galo.

Naquela manhã o rádio, sintonizando no armário da copa, calhou Ana Lúdia colher este retalho de idílio:

Olho seco? Colírio Lux!

- Você é muito bonito.
- Você também é.
- Sabe que eu roo unha?
- Eu também.

duas gotinhas de Lux, num piscar d'olhos...

- Eu não gosto é de sua mãe.
- Por quê?
- Proibiu de eu conversar com você.
- É mesmo? Não liga.

dois olhos belos e brilhantes!

- Não liga. Outro dia eu sonhei que estava beijando você.
- Então beija de verdade. Não, não, tem gente aí... Adeus.

Ana Lúdia tomou aquilo exageradamente a sério. Queria que Tio Justo mandasse a família para outra fazenda. Certos momentos meu Tio era peremptório. Encerrou o assunto ali:

- Que culpa tinha ele, se começava admirado pelo belo sexo?

Conhecia a arte de desmoralizar qualquer punição. Escapava de fino com inventivas e táticas a seu jeito.

Pouco aturava num castigo. Isolado entre quatro paredes? Não era problema para Arninho. Trepava no peitoril da janela, punha-se diante do mundo. Dobrava aviõezinhos de folhas arrancadas do caderno que iam aterrissar no gramado ao pé do relógio de sol. Passava o Uziel ou outro, retinha o passante a lhe devolver as aeronaves e a conversar.

Logo, com um caniço faz-de-conta pescava peixes de mentira num rio imaginário... Cantarolava. Descia, pegava o *Alice no País das Maravilhas*, intrigava-se com a pequena Alice: "– Está aí, já vi muitos gatos sem sorriso.

Mas sorriso sem gato! É a coisa mais curiosa que já vi na minha vida." Lembrava o pedaço de pau que vira mergulhado no tanque d'água e que parecia quebrado. Ah, a vida era cheia de porção de coisas que a gente não entendia!.

Mas enjoava de livros e estirado no chão entregava-se ao que ele e Letícia chamava "fazer cineminha": fechados os olhos, assistir ao espetáculo do fluir rápido de imagens. Neste brinquedo, adormecia.

Tarde, mais tarde, se honraria Arno de ser um precursor do palavrão. Na verdade bem inocentes para o que viria depois.

Não assim para Ana Lúcia naquele tempo.

– Meu Deus, dai-me paciência! este garoto não toma jeito. É um avoadado, deita e rola.

Tio Justo: A culpa não é dele... É o diabo que o cutuca.

– Agora até deu pra desleixado.

– Coisa da adolescência.

– Você está vendo só, Nestor?

– De fato. Tio Justo às vezes...

– Você é outro. Ele precisa é ser mandado pra Marinha.

Tio Justo: Grumete?

– Grumete, sim. Esfregar convés de navio e picar ferrugem.

Nessas e noutras, eu e meu Tio ríamos.

– Olha só o sobrinho do Cônego Brasil. Endireitou. Ou então interná-lo nos Salesianos.

Tio Justo: Barbaridade!

Eu: Nada. Ele fugia no fim da primeira semana...

Ana Lúcia lábios apertados

O herói ouvia mudo as possíveis avenidas e veredas de seu destino, careteava.

– Vocês levam tudo pra galhofa, isso é muito sério.

Maiores clamores quando Arninho – e acontecia quase diariamente – queria montar a cavalo, o seu rosilho Pitão. Como, estabanado, caía uma ou outra vez, a mãe achava a cada vez que o filho ia se matar.

6 NÃO SE MATOU. Uma tarde, cavaleiro e cavalo sumiram. Na direção de Itaiuba? De Dois Corações? Empregados saíram em campo. Quando, às oito da noite, com chuvisco e neblina, os que haviam apostado em Itaiuba voltaram sem notícias, encontraram o fujão em casa.

Contava o peão Zacarias, ofegante e vitorioso:

– Topei o menino e o cavalo na farmácia de Seo Onofre. Povo assim (juntava os dedos), pesar da aruega. Seo Jorge Vereador tinha encontrado ele na Bacia do Inácio de testa sangrando e Pistão pastando por ali.

Ana Lúdia: E você não o trouxe, Zacarias?

– Don'Ana...

Soou um buzinar escandaloso no pátio. Era o jovem político, enteado do farmacêutico no forde vermelho com que circulava pra lá pra cá, ruidoso, presente em toda parte, todas as horas.

E eis Arninho, conduzido para dentro de casa, cabelos tosados, a cabeça enrodilhada de gaze feito uma auréola, a mãe segurando a mão, o acidentado repetindo tranquilo na cadeira que fora só um susto, que não sentia nada, nada.

Mãe Jovelina trouxe um copo d'água, insistia que ela tomasse um golinho só, enquanto Ana Lúdia lhe fazia perguntas. Prático, Tio Justo despachou logo o chofer Uziel a buscar um médico na clínica do Dr. D'Ângelis de passo que o implacável Jorge Vereador empurrando o herói para o limbo, usurpando função de profissional, crescia em cena.

Sem medir palavras, Jorge Vereador afirmava ao chefe político e à sua distinta senhora que provavelmente o menino fora arrastado uns bons duzentos metros preso no estribo. Mas ele fizera minucioso exame e graças a Deus! não houvera traumatismo craniano, o perigo era a infecção, por isso a conselho dele Onofre já prevenira com um antitetânico, deviam contudo vigiar a temperatura, qualquer alteração logo, por favor! o avisassem. Claro, não era do metiê, mas com todo o respeito ao Dr. D'Ângelis, estava ali pronto pra colaborar com os amigos.

Tapinhas no ombro, louvava a calma do nosso Arninho:

– Então, meu rapaz, você queria se matar? Não pensou aí em sua querida mamãe e em seu bom papai?

Ana Lúdia olhava-o agradecida. Tio Justo viu logo tratar-se de um tombo a toa. Não gostava nada do correligionário e considerava a cobrança que o jovem político lhe faria nas barganhas do partido.

Chegou de jaleco a médica de plantão na Clínica.

Dr. D'Ângelis não pudera vir, enviava desculpas. E passou a examinar a cabeça enfaixada do fujão. Enquanto Jorge Vereador informava como procedera. Transparecia no rosto da profissional compenetrada o desagrado, a clara decepção, pois não havia nada a fazer. Após comentar sobre sequelas de tais acidentes, achou-se na obrigação de receitar qualquer coisa.

– Isto vai ajudar na assepsia da cicatrização.

Voltando-se para Jorge Vereador, com indiferença:

– Como vai?

– Eu, ótimo. E a prezada Doutora?

Bem podia dizer nosso edil que ia ótimo. Não esperava que a cadeira de deputado a que aspirava – "para servir à minha gente em Belo Horizonte", lhe caísse do céu.

Ativíssimo, mantinha em Santa Rita numa saleta (de empréstimo) um bazar de pechinchas que arrebanhava na região; dia de São Jorge (contribuição do comércio) distribuía cocadas à criança; e pelo Natal, vestido de Papai Noel, do alto do forde vermelho, brinquedos e camisetas com seu retrato. Para os outros enviava (pelo correio da Câmara) mensagens cristãs com votos de alegria total do Jorge Vereador, candidato democrático a deputado (conto com vocês!) ano que vem. E no aniversário da cidade dava um gordo café-da-manhã na praça embandeirada e música.

Partia a Doutora.

O implacável:

– Faz tempo não tenho a dita de pôr os olhos no prestimoso amigo Dr. D'Ângelis. Vou fazer uma visita a ele de surpresa e ver como vão as obras de ampliação da Clínica. É um progressista!

– Realmente. Ela tirou um cigarro da carteira, mal o levava aos lábios, ocorreu prestimoso com o fogo do isqueiro.

– Obrigada.

Ouvimos nosso Jorge propor à de branco montarem de parceria um consultóriozinho, iniciativa de não tomar tanto tempo, para atendimento gratuito "aos nossos pobres". Um modo de a Doutora ir pondo o pé na carreira política, se isso lhe agradava. Aliás política era missão, mas de repente estava eleita prefeita do bom povo de Santa Rita.

Ela murmurou qualquer coisa sobre o perigo de escândalos com políticos.

– Oh! esses ocasionais acidentes não destroem, promovem.

A distante, que não ligava a mínima pra ninguém, arregalava agora quatro olhos.

– Vamos conversar sobre isso. Belo projeto, Jorge.

– Eu sabia que...

Lá se foram.

7 BEIRAVA OS DOZE ANOS e compunha versos.

– Nestor, já viu o homem da pala verde? Quero ser escritor como ele. Que bom ficar no meio dos livros, lendo, escrevendo uma porção de horas, já pensou?

Espionava-o de fugida certas tardes, numa pensão, quando acabava as aulas. Que maravilhas – imaginava – ele não escreveria! Uma vez o homem da pala verde lhe acenara. Não tivera coragem de corresponder. Confuso, ao mesmo tempo que lisonjeado, abalara. Jamais o adolescente pensava em abordá-lo; se o via na rua, o que era raro, enviesava caminho.

Seria ele também a sua primeira impressionante imagem da morte.

Uma quinta-feira em que decoravam a rua principal com o tapete de serragem colorida para a procissão de *Corpus Christi*, seu ídolo suicidou-se. Chocou, ofendeu todo mundo. Aquilo não tinha explicação!

Teve somente para o Lino, Locutor de Rádio, Carolino Rosa da Silva de importante família pernambucana (dizia-se), assinando Rosa e Silva. Casamento vantajoso com moça mineira que a um tempo se orgulhava e morria de ciúmes do Lino, coroara ali a carreira. Tinha mania de Mitologia e opinava sobre qualquer assunto.

Por Júpiter! O sujeito não colaborava em nossas festividades. Só de século em século consentia baixar do Olimpo, publicar umas coisinhas no *Santarritense*, por sinal que ninguém entendia. Com aquela figura desfavorecida, aquele nome às avessas – NATAN – que diabo de literatíssimo era esse?

Arno: Ele fazia traduções.

– Certo, eu li algumas. Não eram más não... Mas isso, meus caros, isso é trabalho profissional. Matou-se quando a Musa lhe soprou que não queria nada com ele. Até porque...

Eu: Você fala feito orador de comício, Lino.

Sou radialista de berço!

Arno: Todos diziam que ele sabia sete línguas. Que em esperanto...

- Aqui ninguém conhece esperanto! Depois, sete línguas, quem checkou?
- Se era tradutor devia saber vários idiomas.

Lino (triumfante): Isso não faz sentido. Podia ser *traduttore traditore* de um só. Aliás do inglês, que hoje em dia todo mundo por aí se não sabe, arranha.

– Você sim, é que não sabe nada de nada. Só mesmo Mitologia. Não fale mais comigo.

– Ótimo! Segue teu caminho, que eu sigo o meu, garotinho.

O fato rendeu. Suicidara-se? Queimava no fogo do inferno. Um erro tê-lo enterrado no cemitério novo. De qualquer forma não lhe assistia direito a missa de sétimo dia.

Cônego Brasil jogou uma pá de cal em cima. Todo mundo em sua paróquia era teólogo! Criatura solitária e vulnerável, se alguém carecia de orações era o pobre Natan. Haveria missa e estavam todos convidados!

Pouca gente na igreja além das habituais devotas matinais. Arno e eu entre os poucos. De passo que o oficiante prosseguia, atrás de nós uma menina de luto soluçava tempo todo. Não soluçava, gania feito cachorrinho novo e explodia a intervalos:

– Meu padrinho! Eu quero meu padrinho!

No final o vigário fez a pequena assistência ajoelhar, improvisou breve prece:

– Senhor, que a alma do teu servo Natan...

A dona da pensão, antecipando-se aos nossos pêsames, veio agradecer chorosa a nossa presença.

– Louvado seja Deus! ele tinha amigos. Obrigado! Meu irmão só queria passar despercebido. Ah, se tivesse escrito um livro seria conhecido do mundo inteiro.

Em casa, achou-se um escrito. Natan declarava que desde cedo se sentira um inviável, mas isto era assunto seu. Somado tudo, fora um homem feliz, seu gesto final absolutamente consciente. Abominava tititis, os ociosos deixassem, por favor! o nome dele em paz. Que o cremassem! Beijos, muitos beijos para a sua querida afilhada Vaninha.

Também aquilo logo esqueceu. Naqueles dias aparecera na cidade um italiano, Giacomo Petraglia, ele, a mulher e a cunhada, num *trailer* – PINOCCHIO – todo enfeitado. Interessante e escandaloso, exibiu o italiano seus fantoches, divertiu crianças e adultos, um sucesso. Partiu, voltou e ficou.

Depois do jantar conversava-se sobre o assunto. Eu falara na menina chorosa e na frase-necrológico da irmã do morto.

Ana Lídia, embora lamentando-o, coitado! condenava o gesto.

– Outros verão uma prova de coragem, eu disse. Beber um copinho de guaraná com cianeto de potássio...

Arno: Quem sabe se matou pelo pavor de um dia morrer?

– Ou então do terror de ficar imortal.

Tio Justo: Oh, criaturas! Jogam conversa fora, foi só um desperdício.

Arno: Claro, a gente nasce por acaso.

Ana Lúcia: Hum! O quê que você quer dizer, Arninho?

– Isso mesmo. A gente não é livre? Se ele quis morrer, mãe, muito que bem.

– Arninho, Menino sem coração! Você já viu, Justo? Olha, Nestor um pirralho! Vá para o seu quarto, imediatamente, e pense no que falou.

Eram peremptórias as ordens da mãe. Ao retirar-se, o expulso sorriu pra mim e pro pai, compreendendo-nos de seu lado.

Ana Lúcia (abanando a cabeça): Outro dia achava a cremação a coisa mais natural.

Letícia (no colo de Tio Justo): Bem feito, não é, pai?

Com os dedos abertos das duas mãos em concha, batia-os devagar, atenta ao movimento.

– Bem feito. De-noite até vai sonhar com ele.

Mal acabavam estas falas, Arno reaparece. Espavorido, lívido. A mãe ergueu-se, o que fora, o que fora?

– Ora, nada, nada! e atirou-se na cadeira.

Tio Justo: Filho, o que está sentindo?

Veio a mãe com um copo d'água.

– Bebe, meu filho. Você está nervoso!

Arno recusou.

– Não estou nervoso. Não vi nenhuma viúva negra no travesseiro.

– Diga. Você o viu? Abra seu coração.

– Não quero falar. Me deixem, me deixem! e engoliu a água.

Manhã seguinte:

– Nestor, você acredita em alma do outro mundo?

– Às dez da noite, como ontem, e depois daquela conversa na sala...

Contou. Ao acender a luz do quarto, um calafrio lhe percorrera o corpo. E a sensação de uma presença estranha a seu lado. Tudo num rápido segundo.

– Qual! foi o medo.

– Isso mesmo. O medo, Nestor.

Esquecia que, via das dúvidas, trouxera aquela noite o colchão para o meu quarto.

8 PROFESSOR JOÃO MANOEL corrigia e incentivava o principiante. Presenteou o discípulo com um dicionário de rimas. Arno rejubilou. Recomendou-lhe para enriquecer o léxico, de certeza, o exercício das "palavras cruzadas".

O aprendiz copiava em maiúsculas os seus sonetos. Todos versando tópicos nobres – a vida, o crepúsculo, a saudade, a amizade, os deserdados – em vocabulário ricamente poético. Tudo ortodoxo. Ele sentia pudor de seus poemas, só nós, os de casa, podíamos lê-los.

E sua alegria grande foi no dia em que o amigo e professor, moço de livro debaixo do braço, brilhante colaborador d'*O Santarritense* sob pseudônimo de Leonam de Santa Rita, lhe dedicou de público este –

MAR DE CADA UM

***EU NUNCA VIRA O MAR... IMAGINAVA
ALTOS ROLOS DE ESPUMA NUM ESCARCÊU
ROMPENDO EM SAL E CONVULSÕES DE LAVA
CONTRA OS MUROS DE PEDRA ATÉ O CÉU***

***UM DIA O CONHECI. DESFEZ-SE A IMAGEM
SONHADA DO MEU MAR COM SEUS SEGREDOS:
VI-O EM ONDAS E ESCAMAS, E NA VARGEM
BRANCAS VELAS ALI, FEITO BRINQUEDOS.***

***ENTÃO VOLTEI ÀQUELE MAR PRIMEIRO
OCULTO MAR EM MIM, MAR VIOLENTO
PORÉM ÚNICO MAR E VERDADEIRO***

***É NELE QUE ME É GRATO NAVEGAR
É NELE QUE EU AGORA ME CONCENTRO
EM CHAMA ARDENDO - Ó ILHA SINGULAR!***

Leonam de Santa Rita! Nem todos gostavam dele, maledicentes o chamavam de "o gênio de Santa Rita". Arno era um dos poucos com entrada franca no palacete da rua principal. Quando batiam à porta, vinha a mãe viúva atender: – Quem deseja falar com o professor João Manoel? e antes de receber resposta: – Agora meu filho está com a professora de alemão. Ou: – Outra hora, por favor, no momento prepara aulas.

O poetinha a seguir desdenhou os passadistas do mestre.

Herege, jurando pelos deuses do Modernismo, estes escassamente descobertos em antologias e abundantemente nos suplementos literários dos

jornais do Rio e São Paulo, assinaturas de Tio Justo, afastou-se do aprendizado ortodoxo.

Éramos ambos leitores assíduos dessas folhas: eu interessado sobretudo na política, o literatozinho nos seus poetas primeiro, depois também na política. Acompanhávamos a Revolução de 32 em São Paulo com veemência e simpatizantes.

Arno: Os paulistas são separatistas...

Eu, que já me inclinava para o estudo de História e lia tudo que sobre isso me caía das mãos:

– Ninguém sabe direito, dizem talvez pra desmoralizar. Mas profetizam por aí que, um dia, o Brasil com dimensão de continente vai se dividir mesmo em países.

Arno: Também meu Professor Lagos de História lá no ginásio uma vez falou nesse assunto. Que a Amazônia já é vista como área de controle internacional e os olhos dele se encheram de lágrimas.

Professor João Manoel, mestre de Letras, não viu com satisfação a metamorfose do aprendiz. Métrica e rima eram para Arno uma fraude, tão fácil! Numa batelada de livros, levou pro "sebo" o tal dicionário de rimas.

Admirava sim aquela libertação, a *cor local*, os diminutivos, as palavras de todos, principalmente as modernas – asfalto, automóvel, arranha-céu, ônibus, cigarro, você, sintomático. Para treinar, pegava composições românticas ou parnasianas e fazia substituições, desbastava-as.

Vinte vezes ao dia repetia pela casa o verso mário-andradino:

os mineiros pintam diariamente o céu de azul...

verso que aos ouvidos de Letícia soavam como não-senso.

– Nossa! Que bobagem!

Mãe Jovelina dizia que não, não ligasse e pra não judiar do maninho.

Arno abraçava-se à mulata:

Jovelina jovem!

Jovelina linda!

A cachorrinha pinscher de Letícia assanhava-se.

– Para, Guria! Para! Você não vê que meu irmão é doido varrido?

Arno: E sou mesmo! Uni duni tê salamê mingüê...

Desabusado, o modernista passou a publicar n'*O Santarritense*.

Já não me lembro onde, descobriu certo escritor argentino: Jorge Luis Borges. *Un patio*, em espanhol. Traduziu o poemeto com capricho e foi a sua primeira colaboração no jornalzinho local.

O sr. Duarte da Tipografia do Atril – Duarte, Coube & Cia. – franqueou "ao rapazito do Sr. Prefeito Justo de Melo" uma linotipo. Mestre Coube, chefe da oficina, ensinou o autorzinho a manipulá-la, e o próprio compunha feliz os seus trabalhos.

Nascidos entre pelos o filho do Sr. Duarte, responsável geral, consumia-se com a revisão e qualidade da produção. Sobe e desce de linotipistas, revisores e aprendizes, cheiro de tinta e ruídos mecânicos, ordens, tudo aquilo encantava o escritorzinho. Esperava os sábados com ansiedade para ir lá. Domingos pela manhã ao ver sua colaboração sem um único "gato" era um júbilo...

Passara a estreia despercebida de três sonetos.
Não se decepcionou. Ei-lo a escrever e publicar prosas poemáticas curtas –

JARDIM DAS ESPATÓDEAS

*Na superfície azul do lago a luz brilha,
rebrilha.
Há uma presença de asas no dia novo.
As espatódeas em flor vermelham no meio
do verde espalhando pétalas pelo chão.
As tilápias não sabem que hoje é sábado,
nadam com fúria n'água fria sem parar...
Eu, vadio, desço da ponte
e caminho por aí ao sol pisando pétalas.*

Depois apareceu com umas composições em losango, círculo e outras figuras geométricas. Até este humor gráfico –

S I G N O S

C – a maçã dentada
E – a estante vazia
G – é gancho é farpa é anzol
H – a fachada da matriz
I – o soldado em serviço
K – a expulsa da família
M – o mar o mar o mar
O – o fruto maduro (ou o sol a pino)
Q – o gato de botas de costa
R – de repente o Luar
S – a serpente no bote
T – a árvore desfolhada no Outono
U – a urna esperando a chuva
X – o lugar de você assinar

Quem via? Alguém lia? Somente os de casa.

Topei com o professor João Manoel, que mil vezes lhe repetia: Acompanhar modismos é fácil, meu santo.

Aproveitou para dar, também a mim, sua liçãozinha:

– Ah, esses gibis e seus leitores de histórias em quadrinhos, de resto garoto inteligente. Não concebo que real interesse achar nessas *quadrinhices*, com perdão do neologismo.

Eu: Injustiça, Professor. Há muito que ele abandonou as revistinhas.

João Manoel: Hum! Se não as lê às claras, às escuras as lê. De certeza.

9 – NINGUÉM QUER SABER de poesia! desabafou. Vou pra prosa.

– Prosa é mais compreensível, e aceita.

– Você vai ver, Nestor, todo mundo gostando. Bolei publicar uns retratos de gente viva, gozarei certas figurinhas por aí.

No primeiro sábado apareceu –

C A R A S

Nas festinhas não olham para nada, para ninguém. Não provam doces nem salgadinhos. Olho só no fotógrafo que, de máquina no peito, inocente, se mexe entre roupas novas e penteados.

Gente, eu descobri, de certeza, as caras que gostam imenso de ser fotografadas. É daquele que feito o incendiário do filme se coloca na área estratégica. É daquele que tem um sorrisinho sempre engatilhado.

Mas olha só! a tal cara não escancara a toa a arma branca dos trinta e dois dentes. Genial. Isso fica para a hora inteligente do clique, hora do passarinho.

Fotogênicas? Vezes sim, vezes não.

Você aí da festinha, quando vir uns lábios que se abrem um nada não vá nessa, essa é a cara que gosta imenso de ser fotografada. De certeza.

Professor João Manoel! Professor João Manoel! identificaram todos.

O jovem mestre tornara-se famoso no ginásio por aquilo que, mal comparando, era um assédio. Não podia ver máquina fotográfica, não resistia. Nas solenidades escolares, festividades, competições esportivas, ao esboço do menor "instantâneo", alerta como um esquilo, abria caminho, jeitosamente se posicionando no olho da objetiva. Na D"LUKAS, na vitrina de fora, entre pequenas fotos brilhava testa lisa, sorridente, numa ampliação 19x14.

Segunda de-manhã Arno previa um mau momento. Ouviu no corredor a voz do Professor, entrou por uma sala vazia deslizando direto pelo corrimão para o térreo. Bateu de cara com ele!

– Você tem talento, menino. De certeza.

Arno (ressabiado): Obrigado, Professor! Obrigado. O senhor leu?

– Li. Você fixou a talho de foice a velha e conhecida fotomania do nosso Professor Lagos. Mão no ombro de Arno, prosseguiu pelo pátio, ele aliviado e contente com a aprovação do mestre. Este mostrava-se exageradamente eufórico:

– Sabe da novidade? Vou deixá-los! Minha esperada nomeação do concurso na UNI-CAMP saiu. Dentro de quinze dias estou em São Paulo, membro do Departamento de Letras, lecionando. De certeza.

– Parabéns, Professor, vamos sentir sua falta. Não esqueça da gente.

– Ninguém esquece jamais a aldeia natal...

Com o título – KARI-KATURRAS – passou a glosar semanalmente figuras locais. E as palmas agora multiplicavam-se. Pôs o Lino na berlinda um domingo. Seu gosto pela Mitologia, o exibicionismo dele e umas rimas em *ino* flagrantemente o retratavam.

Paguei eu por tabela.

Como elogiavam minha voz de natural empostada – Arrisca! Arrisca!, Nestor! – a sogra do diabo me tentou, fui cantar num programa de calouros da Rádio.

Não estaria tão nervoso. Mal abro a boca com o samba de minha predileção naqueles dias, *Vitória*:

***Antes da vitória
não se deve cantar glória...***

o Lino me gonga, tripudiando que não devia mesmo cantar de galo, o esperançoso rei de Pilos voltasse outra vez para de novo assaltar Tróia com Nonô e Noel.

Durante algum tempo a colaboração do pequeno prosador espremeu-se em retângulos de fios finos de permeio a anúncios no semanário de seis folhas.

Ana Lídia, mãos zelosas, colecionava os números d'*O Santarritense* nos quais comparecia o seu menino. A cada saída queria saber o que eu achava, e ao meu opinar de que pra meninote de sua idade me pareciam acima da bitola, sorria gratificada no seu corujismo.

Este meu futuro bacharel promete! ironizava o pai.

Quanto a Arno, aos poucos foi se desinteressando de publicar.

Encontramos por acaso o Vigário na praça. Vinha de faixa vermelha que o fazia ainda mais esguio e ligeiro: fora elevado a monsenhor naqueles dias e andava eufórico com as homenagens.

– Você não nos brinda mais com suas produções, Arninho?

– A fonte secou, Monsenhor.

Esclareci que o nosso escritorzinho aprendera a fazer sonetos com o Professor João Manoel. Publicara aqueles três, passara a outros escritos e agora se desinteressara quase inteiramente.

Monsenhor: Oh, o soneto é uma nobre e consagrada forma. Faça-lhes uma pequena confissão. Sabem que nos bons tempos de "formigão" também sonetei?

Arninho arregalou os olhos de espanto:

– É mesmo, Monsenhor?

Sim, e recitara-os em mais de uma festividade... Um deles, modéstia à parte, fizera sucesso: *O Alambique*, cujo final, muito apreciado, fechava a chave de ouro rimando com falsa glória:

***... tudo é escória
e só o espírito fica e vivifica!***

Arninho: Realmente. Pois pra mim, acabou. Tenho mais é que pensar na minha *querida* arquitetura.

Monsenhor exaltou a arquitetura, rendosa profissão hoje. Seguisse a natural inclinação.

Dali a dias – 6 de outubro – aniversário de seus catorze anos, apareceu na *Arca* à hora do parabéns e, para júbilo do aniversariante, com o *De Architectura* de Vitrúvio numa edição em espanhol. Caprichando na caligrafia, escreveu:

***Ao mui inteligente e amado
ARNINHO,
com grandes esperanças, of.
Mons. Josafá Brasil.***

Ana Lúcia disse uma palavra elogiosa à sua letra, que não conhecia.

– E olhem! É a primeira vez que me assino com o novo título.

Tio Justo: Aliás muito merecido e honroso para Santa Rita.

Monsenhor Josafá Brasil modestamente tirou um salgadinho.

10 COMPANHEIROS, comparsas, cúmplices do primeiro cigarro, muitas vezes confidentes, eu uns anos mais velho, assim convivíamos, assim éramos.

Meu pai, irmão de Tio Justo, tombara numa tocaia. Participava no palanque de comício ao lado do candidato a governador. Este, a meio do discurso exaltava a Providência Divina, "desde o mais humilde grão de areia até a alma imortal do homem" (era um de seus chavões para se lavar da pecha de ateu), quando uma bala endereçada ao político atingiu meu pai. De uma hora pra outra o irmão mais novo, Tio Justo, que cursava o terceiro ano de Direito em São Paulo, tivera que se pôr à frente das Fazendas. – Tudo mudou.

Minha mãe, depois da morte do marido, ficara sem saber o que fazer de si e dos três filhos. Era forte de ânimo mas quanto às coisas práticas dependera sempre por completo dele. Voltou para a casa dos pais, em Belo Horizonte, comigo e minhas duas irmãs. Eu, na cidade grande, sem a autoridade paterna, meti-me com o que a família chamava de "as péssimas companhias" Largara os livros. Contestava.

Ali, agora Jorge Vereador era o Deputado Menescal. Fizera curso de impostação de voz e oratória e tribuno brilhante tornara-se popular. Popular é dizer pouco, popularíssimo, por um motivo ou outro sempre nas colunas da imprensa. Abandonara-o a Doutora, com quem tinha um filho. Vivia com uma loura atrevida que lhe aprontava cenas na rua. Na primeira, o jornal da situação noticiou o escândalo fantasiando assalto para arrebatamento de cordão de ouro com medalhinha religiosa; segunda vez, nova explicação: a seguir calava. Na imprensa alternativa era tema de charges. Aquilo não lhe fazia mossa, falem mal mas falem, nada a declarar.

Empreendedor à custa de bancos oficiais, era um cidadão bem-sucedido. A ira do nosso grupo transbordou quando ainda uma vez repetiu o troca-troca de legenda.

Perorava nos comícios pelos tópicos da nova cartilha. Barbudo, em camisa:

– O Governo revela o homem, disse alguém. A política, já nela a sacrificar-se como missão, é bonita, digo eu. Eu, que por pensar primeiro no povo tenho comido sempre, senhores! da banda podre.

Exponho-me nesta trincheira de lutas e canseiras para fazer o quê? Cobrança ao Poder por todos vocês. Pois bem, ataquem-me os adversários com calúnias e baldões, eu as esquecerei. Atirem-me pedras, eu as recolherei. Ufano para erguer com elas um pedestal de granito a nossa formosa Minas Gerais!

Armados delas nos bolsos, aos berros de Hip, Hip, Hip, Hurra! lançamos nossos petardos num comício na Gameleira. A polícia agarrou um de nós. Foi um tumulto, era o que queríamos. Gritos, correrias, tiros pro alto. Metidos num camburão nos levaram para a Polícia Central. Lá, arrogante, desafiando o cassetete, invoquei a minha condição de neto do Desembargador Leoni e pela madrugada soltaram "os comunas baderneiros" como noticiaram os jornais.

Lembro-me uma vez. Eu fora arrancar uns cruzeiros extras de meu avô no Tribunal Eleitoral. Quem topo? O Deputado Menescal – endomingado, escanhado, anelão no dedo. Fez-me a maior festa. E presenciei, à sombra de togas e bigodes retorcidos de magistrados defuntos, este instrutivo diálogo:

– Sr. Desembargador Leoni.

– Sim, Deputado.

– Política... Vou largá-la, me dedicar exclusivamente à empresa privada. Para isso me formei em Administração. Política brutaliza.

– Meu bom Deputado Menescal, há anos ouço V.Ex^a recitar tão formoso estribilho. *Abundans cautela non nocet*. Que eu traduziria: Esperteza demais come o dono.

Rimos os três.

Menescal ainda acrescentou:

– Certo, Mestre. Como diz o outro: o Poder é afrodisíaco.

Meu avô: E artimanhas de administrar interesses...

Dia de meu aniversário encontrei debaixo do travesseiro uma carta. Punha-me em brios.

Nestorzinho, pesa-me dizer-te: o teu procedimento em Belo Horizonte é inqualificável. De dois meses a esta parte...

Corri logo ao final: o avô cortava-me a mesada.

Na reunião de família, teimei em deixar a cidade e ir viver no Rio de Janeiro, lá eu voltaria aos estudos. Minha mãe se opôs, queria-me junto dela.

– Aqui não fico! Não suporto a presença desse homem. Você não devia ter casado segunda vez! explodi.

Minha mãe pôs-se a chorar.

– Nestorzinho, ofendes tua mãe, interveio meu avô. Quem sabe se devia casar ou não? Ela, e mais ninguém. Atenta que teu padraсто só tem um defeito, é ser um homem de bem.

E não ofendi apenas minha mãe, agredi a todos, me retirei a berrar como um maluco mas de alma lavada. Já andava com intenção, arrumara emprego de "lanterninha" no bairro Floresta e comecei no dia seguinte. Dormia nos fundos do cinema. Nas saídas à rua enterrava o boné na cara e cautelosamente evitando o Centro me achava seguro. Pensava em nada. Nas horas de folga aprendia flautim com o segundo bilheteiro. Agora me sentia livre, independente, homem feito! Que queria mais?

Mas quem escapa ao olhar arguto de mulher? E se são duas mulheres? Vaga-lume dos outros, tentei disfarçar uma noite na penumbra. Minhas irmãs me reconheceram, correram a me denunciar.

Vim pro Rio com pequena mesada.

Morava, comendo de bandeja na Casa do Estudante, trabalhava à noite de revisor num jornal e era assíduo na Faculdade.

Ali conheci o Sathoc, um filho de salineiro de Cabo Frio. Sathoc e eu, tínhamos a *bela vita* à nossa frente! Vinha me buscar na redação e nos espalhávamos pela Lapa na madrugada, cinemas na Cinelândia, penetras em teatros, barrados aqui e ali, tudo motivo de riso para os dois jovens sem compromissos.

Quando cansamos, ia-se todo fim de semana e feriados, Sathoc para Cabo Frio, e eu para Santa Rita. Na Arca encontrava tudo que podia desejar. Tio Justo, sempre igual, me queria; eu afinava com Ana Lídia, ali as coisas me adotavam, eu a elas.

11 VIVER NO RIO, fora sempre sonho de Ana Lídia. Sentia a província como uma existência pequena e diminuída. Ultimamente vinham de quando em quando a passeio dois ou três dias. A volta não era das melhores: a mulher silenciava, as crianças reclamavam. Tio Justo pedia paciência. Essa hora chegaria!

E chegou. Agora que os filhos entravam na adolescência, a família veio para um amplo apartamento na Lagoa. Tio Justo descia todo fim de semana.

Convite dele, insistência de Ana Lídia, mudei pra lá onde Arno dividiu comigo seu quarto de vista para a montanha. Margarida, meu recente namoro, residia na Tijuca. O Rio é praia e sol. Domingo cedo e nas manhãs feriadadas, eu, meu primo e a priminha Letícia íamos buscá-la de carro para o banho de mar, desde que a estudiosa não estivesse de provas na Faculdade.

Seguindo pelo Alto da Boa Vista, atravessando a floresta, saíamos de corrida no oceano aberto. Banho no Leblon, em Ipanema ou Copacabana. Meus tios logo simpatizaram com a moça carioca, a inexperiente Letícia passou a imitá-la em tudo.

Sob a luz difusa do outono, o incêndio do verão tropical abrandava. Oportunidade para devassar outras surpresas de cenário.

Eu e Margarida nos tornamos guias dos novatos.

Fizemos os clássicos passeios pela Cidade e adjacências. Subimos ao Corcovado, ao Pão de Açúcar, em torós repentinos corremos para abrigos.

Na marina da Glória atrevemo-nos numa lancha motorizada para seis pessoas. Marinheiros de primeira viagem mas confiantes no piloto da alva casca-de-noz, mareamos pela Guanabara. Prazer de estar no marazul ao banzeio das ondas, vento e sal nos cabelos, e também de oferecer aos olhos o cartão-postal da Cidade visto de outros ângulos. Excitados, nossas jovens gargantas expandem-se ruidosamente em cantos. Margarida:

*Ó abre alas
Qu'eu quero navegar!
Eu sou da Tijuca
Não posso negar...*

Vinte vezes após íngremes caminhadas nos fotografamos em deques, junto a quiosques, à frente de portais históricos e canhões de fortalezas, em espaços avulsos a panoramizar cadeias de morros, uma ilha. E ali estendemos nossas toalhas descartáveis de piquenique.

Algumas vezes Mãe Jovelina ia com a gente. No Museu da Quinta, ela que pouco antes estirara o pescoço diante da girafa no Zoológico, agora diante dos esqueletos de dinossauros desgarrou-se pelos salões recheios de visitantes. Quando já cansávamos de procurá-la, o alto-falante anunciou que Dona Jovelina da Conceição aguardava com urgência os seus familiares na portaria.

Torcemos em partidas de futebol. Das escadarias da Biblioteca Nacional, Pátria-amadas, ovacionamos o desfile de Sete de Setembro. No carnaval andamos por ruas e clubes. E habituados às eleiçãozinhas do interior espantou-nos, na eleição para prefeito e vereadores, a campanha milionária. Cidade cheia de *outdoors*, retratos, faixas. Carreatas, camionetas berrando, cantando candidatos e aquele enxame de populares, bonés e camisetas publicitárias distribuindo "santinhos"...

Rimos sim da transfiguração de Natalino, vadio crônico e inofensivo dos botecos e sinucas de Santa Rita, que Dr. Brás delegado mandava trancafiar mais os cupinchas quando tudo andava em ordem pra mostrar serviço.

Agora ali, no terno branco folgado, crachá e óculos escuros.

– Natal!...

– O próprio.

– Quem te vê e quem te viu.

O caboclinho de voz mansa, entre dentes:

– Seguinte: Tive uma chance. Sou guarda de sanitários do Jockey Clube Brasileiro, sacou? e descolo uma grana boa dos gringos e dos bacanas.

Arno: Viva! Nosso conterrâneo deixa de ser substantivo abstrato.

Eu: Concretíssimo. Tem função cidadã.

– Vigia, logo existe.

– E fatura.

– Esses dois... Natalino, que Deus te ajude! falou Ana Lídia.

– A todos nós, Madama.

Chegada a temporada no Municipal assistimos a óperas, balé russo e peças como *Estranho Intervalo* e *Seis Personagens à Procura de um Autor*.

Tio Justo (ouvindo nós dois discutir O'Neill e Pirandello): Êta, a família mineira civiliza-se! Quanto a mim, gostei mais de *Deus lhe Pague*.

Depois do teatro, íamos jantar num restaurante cuja especialidade eram frutos do mar, passamos também a frequentar uma tratoria em Botafogo, quando por unanimidade não se preferia ambiente de música ao vivo.

Essas correrias, bem podiam ser assim chamadas, por toda parte, foram interrompidas com pequeno mal estar de Ana Lídia. Aquela atividade cansara seu coração. Mas, ânimo forte, logo se levantou do repouso imposto pelo cardiologista.

– Gente, estou boa: Não quero ser desmancha-prazeres.

Tinham uns vizinhos estrangeiros no edifício da Lagoa. De começo ambas as famílias esquivas, ultimamente através do companheirismo de Letícia e a colega Míriam no ginásio das Mercedárias, mais os encontros esporádicos com a vizinha na feira do bairro aonde Ana Lídia gostava de ir com Jovelina, viera a aproximação. O Sr. Ébner, um belga vermelhaço, era *marchand de tableaux* com estabelecimento de arte no Centro, a *Galeria Ebner*. A mulher, Madame Jenny, artista plástica. O marido passava os domingos debaixo das cobertas. Madame Jenny, a animação em pessoa, e Margarida conduziam a turminha a exposições, à pinacoteca do Belas-Artes, gastaram um dia em Petrópolis percorrendo de pantufas o Museu Imperial, depois varando de tílburi por margens de hortênsias até a Casa de Santos Dumont, chupando os famosos caramelos petropolitanos.

Esgotaram-se programas, jantares, novidades. Tio Justo e Ana Lídia foram os primeiros a se desinteressarem. Eu e Arno, de fino, nos esgueiramos. Devorantes, buscávamos concertos de música dodecafônica, teatro do absurdo e outros modernismos de espantar.

No segundo piso da Galeria Ebner, numa saleta reservada para artista que desejasse pintar, aulas e reuniões, Madame Jenny fez a óleo o retrato de sua amiga Ana Lídia. Moldurado, ela o pendurou na sala da casa da Lagoa e foi surpresa para Tio Justo ao descer aquela semana. Na verdade a pintora Jenny, diante da obra, sabia quando parar e dar o toque final de acabamento.

– Como está parecido! disse Tio Justo e sugeriu que o levassem para Santa Rita.

O quadro foi ficando ali.

Ele encontrava-se no Hipódromo com turfistas mineiros certas tardes de sábado ou domingo. Espairecia, pois pouco jogava, fazia uma ou outra aposta nos muitos páreos. Aos que estranhavam seu jeito dizia que estava ali para fazer higiene mental, não para ganhar. E não ganhava nem perdia mais do que os que se valiam de prognósticos e probabilidades.

Adquirira dois potros em leilão, não prosperaram, desfez-se deles por qualquer preço ao próprio jóquei. Também se maçava de tanto ir e vir, começou a espaçar as vindas. Então Ana Lídia viajava à *Arca* demorando dois-três dias na Fazenda.

12 ANA LÍDIA adorava o Rio.

Oportunidade também de ligações telefônicas quase diárias para La Coruña, conversas com a mãe e os irmãos, com a cunhada. Enquanto não se relacionara com os vizinhos, espreitava sozinha curioseando novidades nas vitrinas das galerias de Copacabana, ia à manicure, esquecia por vezes a hora do cardiologista.

Estreitara a amizade entre ela e Madame Jenny, vinham ambas para o Centro certas tardes. Assistiam ao filme de sucesso no momento. Lanchavam na *Brasileira* e uma e outra tinham ainda, invariavelmente, à última hora, de ir a uma loja apanhar qualquer encomenda. O tempo não dava para nada, chegavam até à *Galeria Ébner*, na Avenida Rio Branco.

Arno já se encontrava ali ou aparecia em seguida. Interessava-o naquela Casa o conhecimento de pintores, escultores, críticos de arte, algum escritor. Ficava calado ouvindo as conversas entre os renomados sobre Impressionismo, Cubismo, a cor inexistente, arte figurativa e não-figurativa, perspectiva aérea, o ponto áureo.

Às vezes nem voltava com a mãe e Madame Jenny, ficava horas no ambiente artístico, divertia-se. Havia um desabusado de boina à banda e laço preto. Proclamava que "quadro é mercadoria". Fabricava naturezas mortas – caçarolas de cobre vibrante sobre fundo negro-café – que se vendiam às dúzias. Chamavam-no "o pintor burguês"; ele ria e enriquecia. Outro, que descambara para a fotografia, questionava agora o valor da pintura e acendia enredadas discussões afirmando que a perspectiva era uma ilusão.

Jão-Jaques: Você não diz nada, Arno? Ah, mineirinho ladino!

– Faço um curso teórico de artes plásticas. Aprendo com os mestres.

– Ótimo. Só não quero que um dia vá giletear minhas telas numa expô.

Divertia-o a incultura satisfeita de alguns, Um que adjetivava a pintura abstrata, subjetiva, de *subjuntiva*; aquele que defendia fanaticamente a arte engajada (falava *enganjada*); o próprio Jão-Jaques gloriava-se de não saber desenhar como uma virtude, quase um talento; Natanry, aluna promissora de Madame Jenny, porém acendendo cigarro atrás de cigarro mais conversava do que trabalhava, amuando-se quando a mestra o advertia.

O Sr. Ébner, que simpatizava com ele, uma e outra vez convidava-o para um drinque no bar ao lado e insistia que experimentasse pintar. Ele? Não levava o menor jeito pra pincéis.

– No entanto gosto de ver seu interesse pelos meus artistas. Uma coisa observo, *mon jeune philosophe*, não os julgue pelas idéias.

– Alguns como são primários, Sr. Ébner.

– Mas destros no pincel. Pensam com as mãos.

Empresário lido na especialidade, admirador de Ruskin, o Sr. Ébner emprestou-lhe obras do inglês. Os conceitos do autor sobre a arte, o trabalho, exaltando o amor à Natureza e pregando a necessidade de reformas sociais, entusiasmaram Arno. Tornou-se um fervoroso e decidido *ruskiniano*.

Nem ele nem a irmã queriam agora subir mais à Santa Rita com a mãe. Quedavam com Mãe Jovelina na Lagoa.

Blusas brancas, saias encarnadas, no peito os escudos bordados de São Pedro Nolasco, Letícia e Miriam semi-internas nas Mercedárias, eram levadas e trazidas pelo chofer do Sr. Ébner. A menos que as Irmãs não telefonassem dizendo que queriam ambas dormir aquela noite no colégio.

Arno cursando o científico, aperfeiçoava-se na Cultura Inglesa. O mestre, um estressado de aula em cima de aula, fazia-o bocejar. Mal terminavam as sonolentas *conversations* dava graças a Deus, saía pra namorar com uma colega no Passeio Público. Ou a buquinar pelos sebos, correr feiras de livros. Quando simplesmente não flanava pelas ruas do Centro ou dos bairros, de ônibus, a pé, olhando, vendo, sentado num banco de praça a observar.

Certa vez sentou-se na Praça Arcoverde.

Viu ali uma ruína embruxada num longo manto plástico, chapéu de plumas esgarçadas. Deslucava-se em corridinhas circulares que enfumavam o andrajo feito asas; estacava, discutindo sozinha, logo crescia em movimentos bailarins. Num daqueles giros plantou-se incendiária diante do espectador. E Arno, reconhecendo nela a cavaleira de sua infância, estremeceu. Dona Délia! Dona Délia! Partiu depressa, ouvindo atrás de si uma crise de gritos agoniados.

Porém nem tudo eram fúrias totais no belo Rio.

Aquela gordinha do lado da janela – acontecera – que o empurrava a protestar gratuitamente a coxa dele pressionando-a, não consentia aquele abuso! quando o ônibus freia levando todos de cambulhada, e ele rápido a ampara do choque, e de repente, numa como se diz reversão de expectativas, amiga, o convida para ir contemplar com ela a paisagem desde sua *kitchenette*...

Cada dia mais se integrava no cotidiano da terra carioca.

No fundo, vislumbrava os aspetos desnaturados da cidade grande – mas isto não chegava como ocorreria depois a perturbar o seu deslumbramento. Inteiro, o jovem contentava-se em existir cidadão.

Aquela onda nas calçadas largas de pedras portuguesas; esbarro num desconhecido, perdão! o trapeiro de saco nas costas; o moço executivo furando caminho com a pasta; acima da média humanidade de pedestres, o homem-sanduíche do alto das andas apelando para consumos conspícuos: aquela bebida, a pausa que refresca! vá ao teatro!, ambulantes correndo de fiscais; pivetes; manchetes; neons pisca-piscando; uma nova gíria ouvida ao acaso; cheiro errante de gasolina, buzina! nordestinos; turistas; erradios;

este esmagamento na massa urbana fazia dele participante deliciado da cidade dita maravilhosa.

Era um amante do verde entranhado nele na infância de província. O Rio, a metrópole, além do verde invasor da vegetação, ofereciam-lhe água. Parava às portas de discolândias. Escutava *jazz* e *mpb*. Súbito a lembrança da presença do mar o alegrava.

13 ENTÃO FOI QUANDO sobreveio o golpe terrível.

Desta vez tinham vindo todos, inclusive a amiguinha Miriam. Arno chegaria à noite. Mãe Jovelina, ausente e saudosa da *Arca*, sentia-se em casa, não parava de arrumar.

Ana Lúcia se dizia livre das crises cardíacas. Para contentamento do marido sempre preocupado, afirmava que desde o último check-up, com resultado dos melhores na opinião do médico, não sentia nada, nada.

– Graças a Deus! É o que me repete o grosseirão do D'Ângelis: Cuida-te, Justo, que a patroa inda pode te enterrar...

Ficara o casal conversando até tarde. Ela inquieta com a demora de Arno, ele a tranquilizava. Algum imprevisto pelo caminho, nem era a primeira vez que aquilo acontecia. Acabava de concordar, quando o retardatário entra salão adentro.

– Oh, filho, sua mãe...

– Pai, também estava preocupadíssimo com vocês. Pegamos um engarrafamento daqueles, desastre com duas viaturas do Exército perto de Resende.

Ana Lúcia: Tudo bem! Eu é que esqueci ainda uma vez a tela no Rio.

– Eu trouxe, mãe. Está no carro.

– Trouxe? Olha, Justo, você afinal atendido.

Tio Justo: E já não era sem tempo... Vai apanhá-lo, filho. Entronizamos sua mãe na sala!

Ao ouvir Arno chegar, Letícia e Miriam tinham ocorrido ao salão.

Ele entrou com o retrato e lembrou que estavam esquecendo uma pessoa.

Ana Lúcia: É verdade. Chamem Mãe Jovelina.

Jovelina apareceu pondo nela própria a culpa do esquecimento do quadro. Deixara-o embrulhado na mesa da sala.

Tio Justo (excepcionalmente expansivo aquela noite): vamos escolher o lugar de honra pro óleo feito por Madame Jenny da Sra. Ana Lúcia Franco de Melo!

Foi alegre meia hora de discussão. Cada um achava o lugar ideal e tinha uma crítica para o do outro.

Ana Lúcia: Bem, a entronizada é modesta, não opina.

Havia uma fotografia ampliada com larga moldura da sorridente e bonita Ana Lúcia vestida de noiva, o Jovem Justo apertado num terno escuro e colete.

Ele: Somos todos uns tolos. O lugar é esse mesmo.

Protesto geral. E a foto do casamento? Pra onde ia?

– Levem a velha foto pro nosso quarto. Pronto.

Assim foi feito com grande arruído.

Letícia: Ouçam só o que Miriam está me segredando. Que chegando ao Rio a primeira coisa que vai fazer é contar pra mãe o cartaz que se deu em Santa Rita ao retrato que ela pintou.

E foram acabar o serão de muita conversa e risos na sala de jantar.

Ao recolherem, Ana Lídia ergueu a guilhotina para renovar o ar no quarto – a LUA arredondava.

– Não, não é possível! – exclamou – ir pra cama com uma senhora Lua desta.

Tio Justo convidou-a para um giro pelo jardim.

No longe-perto ardiam as estrelas gigantes e anãs: tranquilas. Sob as constelações foram por momentos dois pontos cegos na terra adormecida. As colinas deixaram de existir, as palavras apagavam-se no falso dia que a luminosidade derramava. Acima do recorte das moitas ali, arroxeara-se uma quaresmeira só, o sereno umedecia a grama.

Um louva-a-deus saltou na saia, ela levou um susto. O relento, entranhado da emanção forte dos manacás, arrepiava. Entraram, era melhor fugir daquele friozinho! O marido lembrou os comprimidos, providenciando o copo d'água. Ana Lídia ingeriu-os, gracejando que observasse como andava comportada com as suas mezinhas...

De manhã, Tio Justo estranhou a palidez da mulher, a quietude de seu sono entre lençóis. Chamando-a baixinho, pousou a mão em sua testa e viu que estava gelada.

Ana Lídia morria aos trinta e nove anos.

14 ARNO, num crispado mutismo, revoltou-se.

Trancava-se no quarto. Chorava, e nos contatos reagia agressivo. Mãe Jovelina, triste mas resignada, oferecia ao infeliz pratos prediletos, inventava atenções. Aquilo, ao invés de agradar, irritava o adolescente todo arestas. Num rompante machucou Mãe Jovelina chamando-a de *estorvo*.

Largado entre as quatro paredes, ferido, pensava. Pensara algumas vezes na morte, vagamente, de modo abstrato. Agora, dentro dele, debruçava-se aquela presença sem rosto. Muda presença absurda!

Não, ela não lhe dizia nada, a morte. Não o levava a qualquer luz. Vertigem à beira do remorso de estar vivo e sua mãe morta, morta, horror. Ela, amante de viver, tão nova! Buscava um ponto de apoio, só encontrava ausência.

Punha-se a andar no quarto. Chegava até o corredor. Voltava. Aqueles espaços cheios de intimidade antigamente eram agora nada. Então vinha para a sala, quedava-se largo tempo diante do retrato a óleo da mãe.

Num fim de tarde em que o cheiro forte dos gerânios vindo do ripado apertou, foi ao cemitério. Na hora quente, o olhar aguçado viu ali somente restos. Despojos malvarridos e na terra vermelha violetas despontando, a vida indiferente prosseguindo...

Desejava sonhar com a mãe, não sonhava. Vinham falatórios da estrada. Aquilo éramos, gentes passando, aqui e agora, ruidosos e vazios... Madrugada, mergulhava num sono bruto, tinha pesadelos de inundações, desmoronamentos.

Esquecido de si, o pai preocupava-se com o filho. Insistia em levá-lo à Clínica do Dr. D'Ângelis, onde podia ficar de repouso uns dias. Precisava era sair daquele quarto! Negava-se, que o deixassem em paz.

Um sábado, a pedido de Tio Justo, o médico apareceu. Examinou-o, fez perguntas. Ora, o mal do rapaz era evidentemente psicológico. Tinha experiência, não era o primeiro caso.

– Que fazer então, D'Ângelis?

– Está resolvido, meu colega nisei psicoterapeuta em São Paulo. Uma apresentação minha, caro Justo.

Arno: Não quero saber de analistas.

O impetuoso médico: Quem falou aqui em analista, rapaz?

Lá fora os parceiros do molinete aguardavam no carrão. Buzinavam. Dr. D'Ângelis estava a caminho da pescaria de seus fins-de-semana.

Sem atender a nada, sentou-se e redigiu a tal apresentação, que entregou a Tio Justo.

– Não adianta, teimou Arno.

– Ah, é? Pois fica praí te destruindo na solidão e no masoquismo. Me desculpa, Justo! Adeus.

O pai esgotara também a paciência e já se dispunha a arrancá-lo do quarto à viva força.

Não foi preciso. Exausto, vendo que a reflexão e os dias não tornavam a sua mágoa mais pequena, Arno ergue-se sobre ela, guardando-a dentro de si. Não, não havia respostas!

Manhã. Abrira a janela e a luz inundava o seu covil. Tio Justo entrou e disse-lhe que era o dia da missa de mês.

Pai e filho abraçaram-se, e sentados à beira da cama, a dor os reteve ali na franja de um silêncio longo.

Desde aquela manhã foi Arno reconquistando o interesse de viver. Com outros olhos.

Letícia mantinha-se à base de comprimidos. Mas qualquer fato novo a inquietava como algo irremediável. Por fim, uma tristeza crepuscular a dominou.

As Mercedárias do Rio, que acabavam de fundar casa em Dois Corações, carinhosamente a convidaram para uma temporada. Mas, e o pai? Como Tio Justo insistisse, arrumou a mala e foi-se numa tarde. – Não demoro muito lá, pai.

Frescas, nos vasos da capela, rosas cortadas no próprio jardim mais o odor de cera impregnavam a casa de lisas paredes brancas, asseio rigoroso e ordem. Na meia-laranja da colina as horas, todas ocupadas, deslizavam monásticas e confortáveis dentro da pequena comunidade. Havia sempre o ressoo de um harmônio exercitando. A intervalos o toque da sineta ressaltava a quietude, vertia em seu coração uma grande paz. Até o vento, que ela temia de-menina, naquele refúgio perdia o malefício. Assim passava os dias e era quase feliz. Pensou em entrar para a Ordem. Desejou habitar aquelas paredes a vida inteira, longe, bem longe do mundo...

Não tinha nada de beata a Superiora. Era uma espanhola de caráter doce e enérgico, experimentada. Conduziu-a à sua cela:

– Muito bonito, muito louvável. Mas não convém precipitar-se. Termine primeiro os estudos que podem ser úteis, e mais tarde, se ainda se sentir com vocação, venha professar. As grandes dores, filha, são más conselheiras.

Letícia voltou para casa, para junto do pai.

Dos avós, cartas e cartas chegavam, inconsolados com a morte da filha. Quando uma delas pedia que ao menos Leticinha os fosse ver, Tio Justo numa das longas conversas de pai e filha, mostrou-lhe a dor dos pobres velhos, que viajasse!

Compenetrou-se do apelo como um dever.

Os dois avós, Tio Ramón, a mulher e as duas filhas adolescentes a aguardavam no aeroporto. A avó Isabel abraçou-se a ela dizendo-a o retrato da sua falecida, chorando num abraço que não tinha fim. No carro para casa a recém-chegada, que sabia o espanhol aprendido com a mãe, entendia pela metade aquele dialeto galego no falar rápido e vivo da parentela...

E vieram os dias que se prolongaram por seis meses de atenções e carinhos. Ela, que pensara em consolar, na realidade é que era consolada. O avô Dom Francisco tratava-a como um bibelô. A avó sentava-se à frente dela a contemplá-la, fazer perguntas e pedir que falasse na sua Aninha. Letícia devia repetir dez vezes as mesmas coisas.

As primas apareciam a tirá-la daquele clima. Ligou-se a elas e à mãe que ensinava humanidades no liceu local, e era o mesmo que Ana Lúcia frequentara. Ia lá com a tia. Percorria as dependências do casarão imaginando a mãe, adolescente e feliz, sentada numa daquelas carteiras, chamada pelo professor ao quadro, saindo com a turma ruidosa das colegas sobraçando pasta e cadernos.

Conversou uma tarde com um velho mestre. Acaso ele se lembrava da aluna Ana Lúcia Franco?

– Sí, sí. Hija del matrimonio Franco. ¿Tu madre? Una niña muy simpática, pero muy indócil...

De-noite, recordava Letícia muitas vezes aquela observação, tinha saudades do Brasil, e revolvía-se na cama à espera de um sono que demorava. Tantos carinhos e atenções a embaraçavam. Escrevia cartas para o pai e para o irmão.

Voltou.

Perdera um ano de estudos mas voltava de coração algo apaziguado.

15 QUANTO A TIO JUSTO, aquela morte ensombrou-lhe a existência. E de tal modo que não tornaria a casar.

Surpreendi-o naqueles dias com seu amigo, o dentista Ludovico Jäger que a gente tratava de Luís Caçador. Tive a impressão de que conversavam há muito, não desejei perturbar.

– duas vezes a vida me feriu. Primeiro o assassinato estúpido de meu irmão no comício, e agora.

Depois de grave silêncio, confidenciou meu Tio que sonhava quase todas as noites com a mulher!

– Vejo-me escrevendo num quadro negro o nome de Ana Lídia e vão-se as letras, uma a uma, apagando-se... Sobre um chão de pedras brancas sua imagem surge de costas. Peço que se volte, permanece imóvel, e eu não sei se estou vivo ou morto.

– É ela mesma, não é imagem.

– Penso: nada mais a atingirá, tristezas nem alegrias. Insisto que se volte. Nada. Nada. De repente uma chave cai, as pedras acomodam-se em desenhos quebrados, e ela parte rápido. De manhã, já dia claro, a figura se apresenta com a mesma intensidade, agora de frente, desaparecendo quando me detenho em alguma coisa, e logo que afasto a atenção de qualquer objeto, retorna, até que some. O Luís, ledor desses assuntos, que acha? Há nisto qualquer sentido?

– Oh, sim.

– Pois quero ouvir a tua opinião.

– Bem, tu sabes que tais matérias não são para mim ocupação de dias feriados. Está provado que livre do espaço e tempo, a alma desdobra-se e viaja. E é aí que ocorrem os fenômenos extra-sensoriais, meu caro Justo. Eu descrevia, até o dia em que tive a prova. Foi na minha parada cardíaca. Na maca, meu corpo levitava horizontalmente, e assisti a um crepúsculo maravilhoso. Vivi, na erraticidade, um abraço consolador com minha filha. Nos entendíamos telepaticamente. E me disse adeus envolta na minha aura predileta, a vibração azul, mas que azul!

– Não ponho em dúvida a tua palavra, Luís. Mas essas visões serão realmente de um além?

– Oh!

– ... ou, não leva a mal, produtos de imaginação?

– Os olhos do espírito extrapolam a material explicação de faculdades, de funções. Do contrário não seria o espírito. A energia...

– Isso tudo é muito complicado para mim.

– Também o era para este seu amigo e minha mulher, quando nos conduzíamos como uns ateus prosaicos, até que a passagem da nossa Luizinha nos abriu os olhos.

Tio Justo havia tocado no "fraco" do bom Luís Caçador.

Falava, falava. Ele em silêncio. Interrompeu-o e notei impaciência no tom:

– Vamos ao ponto, Luís. minha falecida mulher, eu sonhando ou depois acordado, está se comunicando comigo ou não?

– Certo que está. Tu é que não vibras na sintonia dela. Faz-se muita pesquisa séria no estrangeiro. Nosso espírito continua num oceano cósmico e desse meio psíquico universal se manifesta.

Pequena pausa.

– Tu, Justo, não admites estas consoladoras verdades... Queres ler um livro que te trago? Não é de um desses que chamam de místicos mas depoimento de cientista.

– Por ora não, não estou para leituras.

– Quando quiseres. Vou rompendo, vou pagar um descanso a estes ossos... Se alguma novidade do alto houver, mensagem ou outra coisa, quero notícia.

Foi-se, passou por mim que nem me viu.

– Oh, Nestorzinho, vieste?

– Desculpe, Tio!

– Ouviste?

Notei que meu tio estava perturbado. Mas não fez comentário, ele que economizava palavras e ainda assim se confessasse de falastrão; eu guardei o meu reparo fora de hora de que eram armadilhas...

Apresentei-lhe o manual de inglês básico que me pedira. Ali mesmo começamos nossas conversações que se repetiram, ele, eu e Arno.

E foi apenas o tempo de treinar um pouco, viajou aos Estados Unidos. Com o juiz Guerrante, que aproveitava licenças-prêmio acumuladas e pensava trazer novidades em Direito, adquirir bom número de tratados, deixar relações para corresponder-se.

Onde não se demorou. Pois sentiu que a mudança nada significava: a mágoa, quieta, ia com ele, dentro dele. Em três meses, o viúvo triste estava de volta.

– O companheiro de viagem é que parece gostou da América?

Tio Justo num gesto vago:

– O Guerrante...

A fazenda *Muriqui* em Itaiuba fora sempre negligenciada, entregue a sucessivos administradores que não davam certo. Transferiu-se para lá. Com o capricho que botava em tudo (e agora num interesse de quem foge de si), iniciou uma plantação de café. Assim passava Tio Justo os dias. Mandava encilhar ou ele mesmo o fazia o seu cavalo manga-larga, dava longos passeios

sozinho. E só retornou à Arca quando entendeu que podia enfrentar aquelas paredes, mover-se ali, conviver com o passado.

De onde não arrendou, duas vezes mais silencioso. De passagem, lamentava ter perdido o gosto de tanta coisa, mas logo calava. No fundo, ele que já era, tornou-se ainda mais um homem solitário. O trabalho era a sua vida.

16 NA PROVÍNCIA, o último a receber comunicados é o destinatário. O mensageiro encarrega-se a caminho da entrega de anunciar as notícias em primeira mão. Quando a velha senhora, mãe do juiz, abriu o telegrama já a cidade inteira sabia da próxima volta dele.

Viram os conterrâneos descer do carro, não, não um sócia, o próprio, mas outra pessoa. Derrubara a compacta cabeleira forense, o que fazia desaparecer o grisalho das têmporas e a eliminação do bigode tornava Guerrante pelo menos vinte anos mais moço.

Trouxera um carregamento de roupas feitas e, arquivados logo ternos e gravatas, ei-lo folgando dentro de calças e blusões de magazine, pisando firme e forte nos sapatões acolchoados. Cardápio *yankee*. Fazendo ao acordar o seu sólido *breakfast*, ia acender o cachimbo na varanda.

Deixara por lá a modelo. Namorada dos primeiros dias até o final das licenças-prêmio acumuladas, quando acordou, estava na hora de reassumir, viajou atrasado para a função, para Santa Rita.

Porém mal decorridos seis meses, a Justiça de Tio Sam o pressionava. Nascera um casal de gêmeos, a modelo afirmava serem filhos do brasileiro. Que retirasse a ação, telegrafou Guerrante e partiu imediatamente. Não demorou – casado, ei-lo com a esposa americana mais os *babies* na terra natal.

Não chegou uma loura. Era uma morena, metro e setenta, cabeleira solta, que desde o primeiro momento encantou a todos com seu charme e gestos desenvoltos. Jéssica vestia uma coleção de minissaias e de shorts, aprendeu logo português, conquistou as gentes.

Para o marido é que os dias se toldaram. Antiga ligação, certa quarentona que ele mantivera discretamente na cidade, rebelou-se. Escândalo. Espalhou-se que o irmão, instrutor de tiro ao alvo, gerente de O HOMEM DE FERRO: *Armas & Munições*, ia raptar os gêmeos, que se havia tornado populares, Johnny e Liza nas bocas santarritenses – Joninho e Lazineira. Afinal, a queixosa aquietou-se quando ele passou para o nome dela a casa rósea assobradada na Travessa do Mercado.

Vigilância e Solidariedade, a loja maçônica, esta não aprovou o novo estilo e biografia do adepto. Viu tantos rostos a banda, que achou melhor desligar-se, desligou-se.

Observação do Grã-Mestre, rico empresário:

– Está aí. Quanta loucura não comete um intelectual quando levanta a cabeça de cima dos livros.

Mister Guerrante, como o chamavam agora, perdeu a auréola de pessoa respeitável. Não, não era confiável!

Veio o amigo e família visitar Tio Justo. Não se queixou de nada nem de ninguém, era visivelmente um homem realizado. Feliz, confidenciou a meu tio que a mulher esperava novo filho.

E chegou pouco depois um parente dela. Moço atlético, rosto vincado, era obstetra especializado em partos n'água, Dr. Christopher Nash que se integrou à equipe do Dr. D'Ângelis.

Na piscina azul da Clínica nasceu naqueles dias uma brasileirinha. Do Rio, de São Paulo, ocorreram repórteres a entrevistar a mãe, o médico estrangeiro, o dono da Clínica. Fotos. A Rádio anunciava. Um sucesso.

O magistrado entendeu que era chegada a hora de se aposentar.

E em pouco estava livre de códigos e sentenças, ocupação que via agora como um tédio, desgraça que lhe roubara o melhor da vida. Não quis ficar a toa, comprou um pedaço de terra a meia légua da *Arca*, e ninguém vinha importunar ali o plantador lidando com empregados fizesse bom ou mau tempo, embalando quivis ou tranqüilão estirado à beira do pequeno lago.

Guerrante aderira à doutrina da simplicidade primordial e nua.

Christopher era autor de um folheto onde – espiritual e pragmático – apresentava o Naturismo como a chave e a fonte para o encontro de você mesmo, corpo sadio-mente liberta, interessado em tudo, participante, a felicidade total em harmonia cósmica. Guerrante traduziu-o, prefaciou-o e editou-o de seu bolso.

Evidentemente, não pertencia mais à tribo!

Compreendeu isto pela má acolhida do livrinho... Decidiu vender a propriedade, não achava comprador, arrendou-a por fim ao meio-parente e partiu com a família. Inclusive a velha mãe, que não podia já agora desgarrar dos netinhos e seguiu em retirada.

Para a América, naturalmente.

Na festinha de despedida:

– Então o Guerrante amigo abandona mesmo a gente.

– Deixo o Chris. Gostou da Neuza, que gostou dele. Tocam pr'aí a fazendola.

– Bem, que nosso ex-magistrado seja feliz lá pelos *States*, meus votos sinceros.

– Magistrado, hem? Aqui pra nós, Nestor, eu era é um megatério. Foi preciso viajar ao estrangeiro, ver mundo pra abrir os olhos. Em todo caso, ainda a tempo. Não, não vou lamentar... Encontrar-se um homem a si mesmo é fortuna que não se iguala a nada. Convenhamos que o Direito seja uma bela Ciência. Eu era um burocrata dele, agora, graças a Deus, sou gente.

Olhei-o da cabeça aos pés. O Mister Guerrante da chacota não aparentava nada do velhote precoce dos antigos dias. Parecia todo ele gritar: *Viva the american way of living!*

17 PENSÃO MONLEVADE. Ali, no Catete, instalou-se depois de fazer escala por dois hotéis da Zona Sul. Atraído pelo ambiente boêmio do bairro, alugou amplo quarto de-frente num terceiro andar. Cada manhã o acordava o triu-triu-descontínuo de pardais nos galhos dos oitizeiros que arranhavam as vidraças do antigo palacete.

Desde logo descobriu que habitava um pequeno mundo.

O marido de Madame tinha a robustez de um segurança. Mas seu cumprimento matinal era meteorologicamente este: Não acordei bem, aliás não me parece que hoje o tempo vá levantar. Respeitabilidade em pessoa, o Doutor exercia sucessivas atividades. Porém nunca entendeu a que correspondia aquele título e ausências.

Já o comandante de longo curso saía pontualmente às dez pras oito de boné, ia jogar com outros velhos no Largo do Machado. Demetrius, o oferecido bailarino, mostrava o desdém à indiferença de Arno fazendo-lhe beicinho. E Joana, escriturária do I.B.G.E., alegrava o ambiente com sua boa voz. O sonho dela era ser cantora de rádio sob o pseudônimo de Jennifer. Não é mesmo bonito? O Moura era separado e colecionava moedas.

Principalmente havia o Brasilino.

Certos dias o crioulo acordava uma seda, outros, puro limão. Quando se encontrava em seus furores, era ignorá-lo. Afrontava a pessoa, se a pessoa se ofendia: – Ele não escora! e ria de banda. O Doutor se indignava, queria expulsá-lo: Esse negrinho deve ser cambondo de terreiro, a mim ninguém engana. Mas cadê que o despachavam? Madame, francesa autoritária, o defendia. Havia que tolerar o rapaz pelos seus bons-serviços (o faz-tudo ali) e pelos seus dias de bom-humor. Nestes, seda e cetim, o crioulo inventava mil modos pra agradar, serviçal, sobretudo com Arno, o único a quem respeitava um pouco: ele, a par das largas gorjetas, dava-lhe as suas camisas quase novas. Um belo dia sumiu. E todos sentiram no dia-a-dia a falta do imprevisível Brasilino.

O morador reservara trecho da parede para o grafismo de seus visitantes. Uns documentavam a passagem com a simples assinatura e data, outros com desenhos extravagantes, a maioria grafitava frases divertidas ou equívocas, alguma quadrinha. Oranice Franco:

*Arno, vais me perdoar:
se lêes e segues de fato
o – IF – do Rudyard,
és um grandíssimo chato.*

Na Faculdade de Direito, vagamente de-esquerda a princípio, o grupo de Arno tinha decidido um dia filiar-se ao PCB. e passaram a ser ferozmente hostilizados ali por integralistas e socialistas.

O Estado Novo pusera na ilegalidade todos os partidos políticos. Ainda assim os adeptos teimavam na clandestinidade. Na pensão, entre paredes, travavam-se grandes tertúlias.

Ciência do Direito? Aquilo era rotina. Na fumarada do cigarro e bebida, quando o assunto não era mulher, debatia-se literatura, cinema novo, demolia-se e reconstruía-se dialeticamente o Universo. Falas e vozes iam num crescendo. O jargão de uso. Ideologia. Superestrutura. Luta de classes. Alienação. Berravam o *Manifesto*: "Um fantasma ronda a Europa – o fantasma do Comunismo. Proletários de todos os países, uni-vos!" A turbulência invadia o silêncio noturno da casa. O Doutor vinha teso no seu robe e chinelos pedir moderação, e ficava, aceitava um copo.

Partiram os companheiros uma noite, liderados por um exaltado, a atacar uns remanescentes integralistas da vizinhança. Os do Sigma reagiram e durante vinte minutos foi aquele tumulto, gritaria, desbarato dos beligerantes, correria alucinada: um companheiro dos atacantes atingido na cabeça por violenta garrafada! Carregaram o ensanguentado para a farmácia das imediações, retornando ao campo de batalha. Mas já policiais cercavam o prédio e foram todos – verdes e vermelhos – jogados de cambulhada no camburão. Na delegacia apanharam rijo, lá mofaram dois dias. – Tinham sido vítimas de uma armadilha, o exaltado do grupo era um falso acadêmico, um tira.

Estudante de Direito, matriculado ao mesmo tempo numa faculdade de Arquitetura (por onde se formaria num curso arrastado, só indo buscar o diploma quando dele precisou), fazia ainda aos domingos o CPOR.

Ali, sob o tacão do sargento, Sadhoc e ele quase foram desligados. Arno, por fazer perguntas de mais e continências de menos; o colega, um gozador, por pilhérias e abusos, de resto compensados num molhas-mãos ao instrutor.

Dizia rápido entre dentes Sadhoc:

– Sin-reír-mira-la-cara-pícara-del-caporal.

Sargento Pantoja: Eu já não proibi vocês dois de falar francês na minha cara?

Nas buquinagens pelos sebos o jovem estudante conhecera de vista sem se aproximar, alguns escritores da velha-guarda. Quase ao término do curso de Direito, passara a frequentar a Livraria Nacional. E ali enturmou-se com os de sua geração, todos de esquerda.

Conheceu Eliakim Seroa, judeuzinho um pouco mais moço e brilhante, que se tornaria aviador e um de seus maiores amigos. No fundo da simpática livraria gostosamente riu de piadas do trocadilhista, discutiu ficção e política, de passo que, observador, reparava nas gentes do povo dirigindo-se modestas ao balconista, papelucho com nome de autor e obra, e lá se indo livro debaixo do braço como se ali não fosse lugar deles. Participou de lançamentos na casa, listas de protesto ou de adesão, satisfeito no ambiente de letras e de famosos ao qual sempre aspirara associar-se.

Há veleidades que só testando. Vivia a falar em jornalismo. Por que não tentava a bela profissão? Através de certa amizade, arrumou lugar num matutino carioca.

Compareceu no melhor terno.

Imaginava o bisonho que lhe destinariam um canto de janela onde ficaria aplicadamente a caprichar frases em ordem direta, enxutas, dinâmicas. Tivesse sorte, talvez deparasse ali – colmeia intelectual – algum colega poeta ou outro que fizesse da ficção um ramo do jornalismo.

Levou um choque quando o chefe da Redação, um gordo em mangas de camisa que controlava tudo ditatorialmente despachou-o, para começar, a fazer trabalho de rua.

– Não tens, meu foca, de anotar nada do incêndio, do desastre, do assalto. Ver, ouvir, indagar. Chegando, ao pé de um redator tarimbado, repete em detalhe a ocorrência. Isto é fazer jornal ao vivo, o resto conversa.

Reportariou assim três, quatro vezes, pediu para trocar de tarefa. O chefe aborreceu-se, mas simpatizava com seu jeito, designou-o repórter de polícia. Na 77ª DP os únicos viventes racionais eram o canário-da-terra corruchiando na gaiolinha de arame e o gato pedrês do Delegado. Não aguentou mais que alguns dias.

Novo aborrecimento do chefão. Que desta vez lhe declarou sem firulas que ele não tinha queda, mais que provado, pra jornalista. Estava dando a ele mais chances do que tivera! Em consideração ao amigo comum, vá lá! colocava-o na função leve de "pentear" queixas e reclamações, *CARTAS DOS LEITORES*.

Agradeceu, principiou gostando. Mas secretamente decepcionado com a descoberta de que, na imprensa, nada era de graça e que fatos, personagens reais, era tudo maquiado.

Cansou em dois tempos do trabalho de tesoura e cola naquela atmosfera de cigarro e papéis pelo chão. Não, não bateu a porta violentamente no último dia nem fez a careta, desfecho dos filmes de alta-comédia.

Quatro exatas semanas de jornalismo!

Sem ir ao Caixa buscar o primeiro ordenadozinho, o foca desapareceu.

18 ADQUIRIRA O HÁBITO dos passeios solitários.

Entretinha-se em meio ao verde no Campo de Santana a pensar em tudo, em nada. Relaxava observando os lambe-lambes a fuzilar com suas máquinas de tripé os retratados, conjecturando profissões dos passantes, olhando as ariscas cotias de corridinhas no gramado. E viu pela primeira vez no lago esverdeado – descobriu com espanto – cisnes negros singrando de permeio a cisnes brancos ...

Sentado num banco onde uma figura tranquila, postura e ar de cegonha estava, ouvi-o como se falasse mais para si do que para o recém-chegado:

– Hum, não tem sensibilidade nenhuma...

Um guarda de jardim passara, olhar lançando chamas, rodando ostensivamente o cassetete.

Arno: Decerto o senhor não se refere ao zelador dos bons costumes.

Não respondeu. Estendeu a longa mão:

– Baltasar, para servi-lo! e saiu a largas passadas.

De novo tornou a encontrar ali o estranho. Desta vez, mais acessível:

– O jovem gosta, como eu, de se aproximar da Natureza?

Arno quis falar no mesmo tom:

– Venho sempre, para ouvir um dia o canto do cisne a morrer...

Não riu; encarou-o grave. Depois disse que morava em Santa Teresa e falou de sua ocupação atual como a coisa mais nobre debaixo do sol. Fora escrevente juramentado de cartório, largara aquele pelourinho e não estava arrependido, muito ao contrário, meu jovem.

Baltasar agora era restaurador de quadros. Preparara-se num curso e só aceitava tarefas em quantidade que pudesse dar conta. Suas restaurações? Obra de arte em cima de obra de arte, telas raras ou preciosas:

– Para que mais, se tanto basta para as minhas necessidades e da mulher?

Não resistiu ao convite de acompanhar o homem das mãos longas ao seu ateliê.

– Claro, Claro, nada acontece por acaso, repetia Baltasar a caminho, deslocando-se a compridas passadas. Sou bom fisiognomonista e a Voz não me engana.

No casarão da rua da ladeira, na saleta circular de entrada, quadros mais quadros contra a parede. Viu Arno uma publicação de luxo na borda de uma moldura: *A Atlântida não é Mito*.

– Presente do meu amigo Grã-Duque Otto, seu autor. O que me encanta nessa obra – acrescentou – é a proposta de um governo sábio de todos para todos.

Arno: Um governo participativo, menos a camarilha dos palhaços.

Temeu haver cometido uma gafe. Baltasar perguntou-lhe o mês de nascimento.

– Outubro.

– Libra. O jovem tem que detestar mesmo política. O homem nascido sob este signo é pela justiça.

Correu alta cortina atrás da qual surgiu uma escada em caracol. Lépidio, subiu na frente e ia dizendo:

– Vivo uma existência aparentemente igual a todo mundo. Mas um pouco diferente...

A luz branca de uma claraboia iluminava do alto. Calçando umas pantufas das várias que havia ali, pediu que fizesse o mesmo. Enquanto girava a chave da fechadura:

– Aqui, amigo, é o meu arquivo-biblioteca. Aqui me é dado harmonizar, longe do turbilhão. Aqui a Voz do Silêncio fala, desvela-me as transcendentais verdades, intuo a vida una e indivisível.

Cortesmente dando-lhe passagem: Entre!

Arno deparou diante de si a mais selecionada biblioteca de *iniciado*.

Baltasar era rosa-cruz. E sentiu-se de súbito como no interior de um templo.

Naqueles dias, quando queria localizar meu primo, se não o encontrava na Pensão Monlevade, ligava para Paula Matos. Na Rua Paula Matos, em Santa Teresa, era certo. Atendia-me uma carinhosa voz, a esposa de Mestre Baltasar. Se eu perguntava a meu primo por que tanto interesse naquela casa, o novel neófito calava.

Porém e não demorou muito findou aquele relacionamento.

O bom Baltasar não só teimava em tratá-lo de discípulo como queria-o armado cavaleiro na Ordem do Grã-Duque. Onde encontraria uma fraternidade. Onde veria dignitários da nossa melhor sociedade.

Arno contemporizava. Por último confidenciava-me:

– Nestor, palavras mágicas – *arcano, analogia, correspondências* e outras – fazem de um homem senhor do Universo. Sobretudo ouvidas em grupo. Mais ainda conversadas a dois em recinto fechado, na penumbra. Desfeito o grupo e o diálogo, à luz do dia, tudo se evapora, meu caro. E os velhíssimos enigmas continuam.

Tarde da noite me bate Arno na porta.

– Nestor, tenho uma estória carnavalesca pra te contar.

– Carnavalesca?

– Meu caro primo, de encabular. Não contarei a ninguém, só a ti.

– Te acalma, e fala baixo, a família dorme.

Estirou-se no sofá.

– Você conhece esse cavalheiro de cavanhaque volta-e-meia no noticiário da imprensa, acusado de golpes, inclusive de envolvimento em máfia estrangeira de droga, o polêmico Grã-Duque Otto.

– Quem não o conhece!

– Fim de semana, fim de sábado, eu a caminho de casa e não é que fui sequestrado? Sim, a palavra: sequestrado. Por dois parceiros do Grã-Duque. Um deles no carro: – Ora todos pagam a honraria, jovem, pergaminho e medalha. Para o amigo é uma homenagem do nosso Grã-Mestre. Conduziram-me ao edifício do Instituto Histórico na Lapa. Ali, num reservado, enfiaram-me uma túnica negra, comprida da garganta aos pés, punhos de veludo-púrpura, no peito o logotipo da fraternidade – VOCO – pluma e espadas cruzadas dentro de um triângulo, dentro de um quadrado, dentro de um círculo, imagem repetida no recinto, pendente do teto entre galhardetes.

– Conheço o local, menos essa decoração de teatro.

– Traje a rigor, casa lotada. Depois de momentos de música ambiente e expectativa, abre-se a porta, e avança o Grã-Duque de mitra e espadão. Discurso breve, todos os ilustres presentes conheciam demais a Venerável Ordem Cultural do Oriente-Occidente, a nossa querida VOCO, criada que fora pelos soberanos da Boêmia, seus augustos antepassados. Em dormição durante séculos, perseguida por forças ocultas, e que ele em nosso tempo carente, por determinação superior, reativara.

– Naturalmente o amazonense queria...

– Ouve-me. Um acólito escancarou enorme livro diante dele, o oficiante recitou em francês os Versos Áureos de Pitágoras.

– Foi o momento alto.

– Está por vir, com teu primo. Um adolescente leu os nomes dos quinze futuros cavaleiros da VOCO: prestimoso tabelião Dr. Paulino Roco, benemérito industrial Sr. Atanagildo Ornelas, premiado escultor Guto Albino Alvim e foi sonoramente por aí até o promissor bacharel em Direito, eu! Arnóbio Franco de Melo, último da fila. Baixaram-se as luzes, menos do tablado. Voltados para a plateia, as respectivas madrinhas de pelerines iam se postando ao lado direito de cada afilhado. A minha foi a própria esposa do Grã-Duque, que veio acompanhada por Mestre Baltasar.

– Sim, Madame Alessandra.

– Batia o Grã-Duque o rijo espadão luzente no ombro do sagrando – espaldeirada de sagração – e ao desferir o golpe, este proferia o curto juramento de fidelidade à VOCO e a madrinha lhe pendurava o espadim à cintura. E foi aí... Justo aí. Me xinga do que quiseres Nestor. Descrido, mau-caráter, tudo. Já na primeira espaldeirada no primeiro candidato a coisa me espantara. E vi-a repetir-se. *Aquilo* me tomou, vinha do fundo, um sufoco. Não resisti. Numa explosão, minha fisiologia em crise, rindo rindo rindo, rolei no tapete. A assistência mal terá percebido, eu estava no último terço da fila, quatro mãos me arrastaram pros bastidores. Diabo, Nestor, só acontece comigo?

– Parabéns.

– O quê?

– Isso salvou você do ridículo. Esquece. Dois golinhos de uísque recolocarão meu primo na roda da fortuna. E eis como acaba a iniciação heterodoxa de um sequestrado errado.

19 O QUE NÃO EXPERIMENTARIA da vida artística e literária!

Fundou com os companheiros a revistinha de letras & artes – *Galáxia* – que duraria bastante, quatro números. Arno aceitou a secretaria. Mas impondo condições: ninguém faria poemas pra publicar com nome da namoradinha, não haveria o pingue-pongue do elogio mútuo, começaria por ele, secretário, que não assinaria colaboração. *Galáxia*, revista de vanguarda, pra valer!

Borboleteavam no grupo várias jovens: Xaviera, garça buliçosa que enfurecia se a chamassem poetisa – ela era poeta! Glaucê Maria, cronista, feminista ardorosa e polêmica. Sua prima, a casta Susana, franjinha na testa, que pra rir e fazer rir os outros, dizia enormidades. Ao contrário de Clóris, muy puta pero muy señora. Que repetia: – Eu sou a matriarca da minha família. Moussia Eloá, olhos verdes, Musa comunitária que deu início à derrocada... Lá se foram os draconianos princípios ético-literários de *Galáxia*, revista de vanguarda!

Também, distraído, cometeu suas gafes. Criticou o romancista cultor de terras malditas, o imitador do poeta maior, o ensaístazinho das citações a cada três linhas. Claro, fez desafetos.

Entretanto, não posava. Via assim e externava-se ao vento. Até a hora em que C. de Paula, que fora *ghost writer* de um dono de jornal e era agora vitorioso agente literário, advertiu-o:

– Meu caro Arno, você picha tudo.

Surpreendeu-se. Ele pichava tudo?

– Isso aí. Você e o Seroa. Sei bem que, nas categorias do Ovalle, Arnóbio é um *dantas*, um bom. Mas esse seu amigo, um verdadeiro *kerniano*, um impulsivo. Também sei que o escritor não elogia escritor, como mulher não elogia mulher. É em teu benefício, querido, que te digo isto.

E ponderou-lhe que esquecesse, pelo menos economizasse observações, certas farpas, verdadeiras mas que feriam vaidades. Na contramão, que podia ele esperar quando amanhã estreasse? Quando pretendesse entrar, nada mais justo, pra Academia, até mesmo pra Câmara? Ou fazia questão de desagradar, candidatando-se a ilustre desconhecido?

– Tomo as letras a sério.

– Perfeito, amigo. Outra coisa, larga a parceria com esse impossível Seroa. O negócio é outro.

Arno ouvia.

– São outras as normas. Você tem que ser o seu próprio, simpático empresário, marcando presença em lançamentos, dando entrevistas, lançando ao acaso uns paradoxos, de preferência engraçados.

– C. de Paula entende do ofício.

– Um pouco. Anunciando aí que escreves um romance, que estás estudando violino. Olha, escândalo pessoal não destrói ninguém, até promove. Por outro lado, convém o sujeito tornar-se às vezes um tempo invisível. E acendes assim a tua estrela. O resto é com a plateia, os animadores e C. de Paula bateu-lhe de amigão no ombro.

O principiante entendeu que a Literatura é Literatura, mas também política.

– Obrigado, Mestre, eis...

– De nada. Isso são apenas os preliminares.

– ... eis pra mim bom remate de aprendizagem.

Afastado três semanas em Santa Rita onde, braço engessado, fora cicatrizar o ferimento do desastre de automóvel, voltou com sua cicatrizinha de civilizado e alegrou-se ao ver o quarto e último número da heroica *Galáxia* na rua.

Uchôa, rude vendedor de coleções de porta em porta, vestido na maior linha, honrava-se com o relacionamento daqueles moços. Vivia a propor-lhes (como vira na grande América), instalaram um Birô Cultural de elaboração de teses e discursos, copidesque de obras e venda de originais manuscritos.

Ninguém considerava o projeto. Nem o outro, da editora. Acabou o ativo Uchôa, ele próprio, instalando uma livraria-bar. Ali o pessoal se reunia e na pior turbulência inventou uma obra coletiva.

Cogitaram os mais diversos tipos de ficção, depois de muito debate fixaram-se no policial.

– Mas policial ortodoxo! opinou C. de Paula, que se julgava o mais experimentado de todos. Nada, nada de lances passionais, de fantástico.

Vilanova, agora cineasta-amador, aparecido na livraria-bar:

– Falou. Crime. Enigma. Suspense e final correto. Filmes estão aí, é seguir a técnica da sétima arte.

Arno: Minha gente, façamos a novela de todas as novelas policiais!

Rodava o chope, o entusiasmo tomou conta do jovem grupo.

Apenas o Eugênio, que passeava a sua contra-figura comprida entre os companheiros, recusou-se com uma palavra de vinagre: perda de tempo.

Boné de pala pra nuca, o filho de Uchôa largou o refrão que repetia de cinco em cinco minutos e risada:

– Freud explica!

Discutiram sumariamente o crime, a investigação, a descoberta e a solução. Cada colaborador, bom enxadrista, dentro da maior liberdade forjaria uma série de *nós* para criar interesse. Honestamente porém esboçaria *ganchos* para o continuador.

Lançaram a sorte.

Ganhou aquele título de impacto: *Uma Mulher Pula a Própria Sombra*. Palmas pra Zé-Jorge. Quando a seguir saiu o nome de Seroa para

autor do primeiro capítulo, explodiram palmas ainda mais fortes. O sorteado declarou-se feliz e orgulhoso, ia caprichar.

E logo logo, menos de duas semanas, convocou a turma para a leitura do capítulo.

O corpo do cabeleireiro fora descoberto pela polícia debaixo da cama da manicure. Intempestiva, a mulher interrompe erguendo-se no Tribunal do Júri onde o promotor a acusava de homicídio "com requintes dolosos de pantera."

– Meritíssimo! Admito que Vossa Excelência ponha em dúvida a minha honestidade, a minha inteligência, não.

Antes de quatro meses, datilografada por Susana, circulava em várias cópias. C. de Paula partiu a agenciar a publicação. Expectativa, ansiedade! E vieram pingando as respostas de três Casas: a) lamentavelmente programa editorial já fechado para aquele ano; b) não trabalhamos, no momento, com tal tipo de literatura; c) a terceira aceitava, com promessa de edição imediata, mas semanas depois falia.

– Olha pai, estás bobeando direto. Manda o livro dos meninos logo pra uma tipografia.

Uchôa: Qu'ê isso, filho? Quer ensinar seu pai a ganhar dinheiro?

Mas pegou o original, levou-o pra uma gráfica do subúrbio.

Ressuscitava agora o morto tabloide *Galáxia* em Nova Editora Galáxia:

UMA MULHER PULA A PRÓPRIA SOMBRA

Cinta encarnada motivando no pequeno volume estória comovente, inventividade à Sherlock, sexo e força, esgotou.

Seroa animou-se e bancou (era o verbo corrente), a tiragem de uma novela que acabara naqueles dias. Dedicava-a "Aos queridos companheiros de *Galáxia*."

20 FREQUENTÁVAMOS – ele, eu e Seroa – um grêmio literário.

As reuniões aconteciam sábado à tarde, dispersavam-se ao amanhecer. Não faltávamos a uma única reunião, logo nos apelidaram de Os Três Mosqueteiros.

Quem era quem ali? Ninguém. Novas da comunidade literária. Prêmio recebido. Notícia de um próximo lançamento. Aquele viajou à Europa, este vai aos Estados Unidos. Obra em progresso anunciada com augúrios de obra-prima. Dedicatória aposta no livro acabado de sair. No vindouro sábado Sicrano leria capítulo inicial de suas memórias.

Acontecera que num domingo de fins de setembro, manhã de sol carioca, fomos os três visitar o túmulo de Machado de Assis num aniversário de sua morte. Já partíamos, depois de pousar umas rosas no jazigo de Machado-Carolina, quando surgiu de repente pela aleia do São João Batista um tropel de visitantes.

Visualizamos na distância um grupo de conhecidos, escritores, um mercador de livros, algumas jovens. Alguém nos apresentou àquele senhor de blêizer marrom, misto de diretor de faculdade e monge tibetano – líder do grupo, o Bibliófilo.

Tornamos ao túmulo com eles.

O Bibliófilo biografou o menino pobre Joaquim Maria, precisou fatos e datas. Minuto de silêncio cronometrado em homenagem ao Mestre. Comentários. Fotos.

Assim nos ligamos àquele grêmio da Zona Sul.

Falas. Frases de espírito. Amenidades e urbanidade.

Somente o velho irmão do professor Rangel, que havia anos renunciara a falar porque as palavras, todas as palavras, pareciam-lhe insuficientes e toscas para expressar sentimentos e pensamentos, mantinha-se à parte. Calava, e sorria.

Apenas o Uchôa quebrava um pouco o ritual. Um carregador trazia a porção de novidades, nacionais e estrangeiras. O mercador de livros calava respeitoso enquanto num enxame os presentes se amontoavam em torno.

Seroa de pronto se salientou na pequena sociedade. Passou mesmo a ser considerado quando distribuiu exemplares de sua recente novela *Lilith & o Sr. Golem*. Na lenda cabalística de Adão e Eva, a mulher Lilith exige do marido "direitos iguais para criaturas iguais". Esta primeira rixa no Jardim, transposta para casal de apartamento, é no texto pretexto para invenções e colisões de saborosas ambiguidades. Cada final, um capitulozinho de comédia, outro de tragédia, um terceiro de tragédia-comédia, *ad libitum* do leitor.

Havia começado por achar o título estranho, porém todos acabaram gostando da ficção do novo confrade. Um exagerado: Obra-prima, sem favor!

Quando o grêmio perfez dez anos veio a solene comemoração.

Entrevistas. Artigos. Telegramas. Almoço. No almoço, uma coisa proibida peremptoriamente: discursos. Arno foi escalado para o brinde. O Bibliófilo exigia, e os demais confrades, saudação em verso, quanto mais clássico, melhor, soneto ou ode. Arno arregaçou as mangas.

Ultimamente um casal californiano comparecia sem falhar um sábado às reuniões. Jovens, comunicativos, falando fluentemente nossa língua, pediram licença para bancar o custo do banquete no *Roda Viva*. Gentileza, retribuição deles pela democrática acolhida dos cariocas, ok? Bateram fotos de todo o mundo, de todos os ângulos, aos grupos, isolados, antes, durante e depois. Os brasileiros eram muito simpáticos, ok! tudo festa.

Arno dizia bem –

*Em bordalesas de carvalho
na sombra de evaporadas adegas
os vinhos
– esmagadas vindimas –
à feição decantaram
silenciosamente.*

*Evoé! Evoé, Dionisos!
Transbordem agora nossas taças.
Com o Mestre cordial à cabeceira
degustamos, gratos aos deuses,
a alegria tim-tim dos que se dão
às belas-lettras.*

*Perdão, confrades!
se digo: Rasguem-se as mil Atas
destes dez anos em ascensão,
que as de hoje bem resume todas.
Quem a escreveu? Quem a lerá? – E ela
Moussia Eloá!*

Ovações. Palmas. E novas palmas unânimes.

Porém Arno com o tempo se afastou, inventava trabalhos.

Eu e Seroa, sem ele, fomos também rareando nas reuniões, acabamos perdendo o interesse. É que o Arno achava sempre aquele grupo alienado dos acontecimentos políticos, acomodado e mais que acomodado. Aquilo não era atitude de pessoas que, pela cultura e posição social, antes deviam ser participativas, fazer alguma coisa, contribuir. Sobrevinham ultimamente uns

sobre outros os fatos mais graves no País e o sodalício – assim era para chamá-lo o sodalício nem estava aí.

Um belo dia redigira argumentado protesto para ser divulgado em jornal a propósito de gritante arbitrariedade da Ditadura. Fora eu, Seroa e o personagem mudo, ninguém se mexeu para assinar.

O denominador comum ali era o professor Rangel, sempre vestidíssimo.

Notando o bom gremista a decepção de Arno, tomando-o pelo braço levava-o a uma palavrinha. Muito, muito de aplaudir iniciativas tais. Todavia afirmava ao jovem idealista, que inócuas. Quão longe, meu jovem, iam os bons tempos! Modernismos, vanguardismos... Melhor se dissera, tempos absurdos, e foi por aí.

Escutara calado. Voltou indignado para casa e rasgou o escrito.

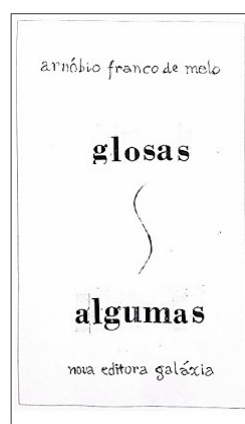
Dias depois, escrevia uma carta, argumentada embora amiga.

Louvava o culto do convívio civilizado das letras, agradecia as horas fruídas entre refrescos e mãos-bentas servidos na vasta sala de estantes e douradas encadernações, a oportunidade de uma e outra pesquisa feita ali, e declarava que ia sentir saudades, etc., etc., mas da data em diante, desligava-se. O gesto morreu no beletrismo da agremiação neutra.

Partira o casal californiano para São Paulo. Uchôa lançara no almoço do *Roda Viva* depois do undécimo chope: – Ilustres, esses dois bonitinhos a fotografar, não estarão nos *fotografando*? Não me chamo Raimundo Uchôa ou são uns cagüetes da C.I.A.

Eram, descobriu-se mais tarde.

21 PLAQUETA, cem cópias fora do comércio, Seroa e eu recolhemos a colaboração de Arno em *Galáxia*, reeditamos aquelas imaginações. Coincidência, saiu no dia de seu aniversário. A surpresa o emocionou e na mesma hora nos fez afetuosas dedicatórias.



À MANEIRA DE ARNÓBIO

Por eventos, gestos, jogos – criativo e breve – o Autor expõe na praça a safra de seu minifúndio.

Glosas:algumas. Podia titular fábulas, se bem que ausente o fecho ecler da moralidade.

Inflacionados mitólogos somos todos. Ora, quem aguenta feiura e afronta do cotidiano sem transmutar chumbo em ouro, sem a alquimiazul do sonho?

Leitor (a), de *Episódio a Uma Prosa*, aqui, a via é curta e o tempo de vocês. Engajem-se.

KIM SEROA

EPISÓDIO

Aconteceu. Comigo. Há ceguinhos de bengala e óculos escuros mas espíritos fortes. Este, era um robusto senhor, pesar do jeito de cegonha. Quando lhe disse meu nome:

– Prazer. A mim chame-me W.M.

A velocidade do coletivo embalava os dois. Tão depressa passávamos de um pra outro tema, que vasculhamos as dez mil coisas, ele falando alto, um tanto sintético e irônico.

Eu, na manhã azul, mais loquaz e perguntador do que outros dias. Cabeças se voltavam para os importunos: não baixávamos a guarda.

Contentes um do outro, descemos no centro. Despedi-me com um cumprimento amável. Que passasse bem, ele morava nos assuntos. Pagou-me com esta:

– Sim? Pelo que vi, o prezado é um *espírito analítico*.

ELA & ELE

... **D**e repente (Ele chegava atrasado) o magro Magistrado ordenava que

Ela ficasse à parte com o seu projeto —

UMA PROMESSA DE FELICIDADE.

Ele, sob o peso de sua maquete —

A BEM AMADA ENTRE OS ASTROS

derreava, era o nonagésimo e derradeiro concorrente.

– O fim coroa a obra, senhores! Um par de finalistas: Ela & Ele.

"Uma mulherzinha de boina!" murmurou. Ouvi-o o Magistrado, e irado:

– Até quando? Com que direito?

– Até quando? Com que direito?

Num relâmpago o lugar era um lagar e logo um lago, a triunfadora saía a nado ornamental e a boina (um avejão) voava em círculos rasantes cada vez menores, visando-lhe os olhos – sem raiva, brincadeira absurda e inocente, seu ofício.

O GUARDA-CHUVA

ao Sadhoc
autor da proeza

Há pouca gente um dois três quatro cinco seis sou o sétimo o guarda-chuva está lá enganchado na borda do guichê se eu tiver sorte..... a fila dá uns passos avança devagar mas avança ninguém até agora o apanhou o sujeito da minha frente quer puxar conversa estalo os dedos olho o teto aparece esse velhote pronto! é o dono segurando o embrulhinho tanto cuidado são uvas gracias! vai colocar-se lá atrás terei sorte? o outro demora discute com a funcionária certo o idiota de um filatelista sou agora o terceiro calma! o segundo... eis-me na boca do guichê posto minha encomenda pro velho enfio o precioso no braço – tranquilo marcho a passo firme de proprietário.

APOLINÁRIO

... le style c'est l'homme même.

Mas é isso (conta o lobista da Companhia) há pessoas que se sentem atraídas por eles. Sou dessas. Cadê coragem para descartá-las? Como dizia, arrumei a duras penas um lugarzinho no Legislativo Estadual para esse Apolinário Santa Cruz, que deblaterava mais do que escrevia. Escrevinhava lá umas coisas... Chegado demais ao copo, fugiam dele. A mim, não podia me ver. – E aí, meu Mecenas? – Você como vai na função? – Tudo ótimo. Conversa-se o dia inteiro, enquanto os deputados fuxicam. Mês depois, e estava o Apolinário dos meus cuidados desempregado. – Oh, você é um sem-cabeça! – Pode me chamar do que quiser. – Conta lá. – Semana passada o chefe me botou pra redigir relatórios e ofícios. – Daí? – Aquilo ia *estragar* o meu estilo.

RUÍDOS FORA DE CENA

Atores: Dorinha, Eu, Guillon
Cenário: Avenida
Tempo: Uma tarde

– Que terá sido feito do Evaristo Guillon?
– Ora o Gordo! Envelhecido, obra *datada*, deve estar morto e esquecido, querida.

– Será? Olha que comediógrafos duram muito...

Abertura de cena: eis de repente, entre os carros e buzinas, o Gordo que nos fizera rir, que desfrutara a *sua hora* aqui e em Buenos Aires, que a seguir dele não se ouvira falar.

– O Teatrólogo! Por quê não nos reprisa o *Palco Giratório*, seu sucesso de bilheteria?

– Público de teatro, meus caros, *envelhece* muito depressa!

Coda:

Atropelados pela frase, quando nos íamos espantar com um – é mesmo? – já ele abria espaço entre gentes na calçada do lado de lá.

Pombos voavam na tarde.

INTELECTUAL

Você veio, convite do amigo, que veio a negócios, na garupa da moto. Os primeiríssimos emocionantes minutos na cidadezinha! As Horas, coroadas de palmas, elevam-se intatas.

Flaneur, para diante da loja de tudo. A rua é de todos. Caras gratuitas. Pressa, nenhuma. Ciclistas. Que bom morar em cidade pequena...

Busca uma livraria, encontra só a Papelaria Universo. Magote proletário de cabras cruza a via férrea desativada, horários amarelam. Um tiro ao longe.

Você volta devagar, busca rebusca uma rima rara pro soneto que traz no bolso, a rima nega-se. E de repente derrepentemente as palmas murcham, você depara-se diante de uma inflação de horas. Se não tivesse vindo! Se já fosse amanhã!

Olha o céu, o amigo demora. Ah, a cidadezinha *imaginada* era melhor!

UMA PROSA

para os companheiros de viagem

O que às mãos me vem, não o cortejei. Podia não ter vindo. Talvez fique ou se vá. É o mesmo.

Se em meus porões ameei, meu não é, reparto-o. Esta, a minha alegria. Vinde! Vinde!

Minha pobreza é a minha riqueza. Quanto mais anelo, mais encontro; mais dou, mais tenho. Ninguém possui mais do que eu, dono da vida.

Porque não sei entesourar, sou fonte. Enquanto fito o Sol, sou imortal. Levito.

Quem em tal altura,
quem aí me alcança?
Eu levito. Eu voo, eu voo!

22 BACHAREL EM DIREITO. O moço Arnóbio morava agora num décimo andar de Copacabana. Frequentava a praia pela manhã, vinha para a cidade, onde almoçava e seguia para o escritório. No entusiasmo de recém-formado, ele mais dois colegas haviam instalado um escritorzinho...

– Então, Arno, muito arrazoadado, prazos, audiências e cartórios? eu lhe perguntava em nossos agora espaçados encontros.

– Tantos, que dá pra ler meus autores durante o longo expediente.

Que fazer? Prestar concurso para o ministério público? Imaginava-se de borla e capelo. Dr Juiz Arnóbio Franco de Melo. Casado depois com filha de magistrado...

Colegas de Faculdade candidatavam-se ao Itamaraty. Insistiam, ele com aquele gosto para línguas, estava lá dentro. Arno argumentava: Viver no estrangeiro, amigos? De começo, tudo bem, muito interessante, mas com o tempo seria desenraizar-se. Não, não era com ele.

O pai queixava-se que o abandonava e à irmã no mato.

Passou a ir a Santa Rita. Tio Justo contemplava o *seu bacharel* e lhe dizia que não esquecesse de enfiar no dedo o anel para comprar selos ou pedir moça em casamento: sentia-se realizado no filho.

Diante de tanta satisfação mais as atenções da irmã, decidiu ficar-se.

Ocupava as manhãs no escritório do pai. Com carta branca de Tio Justo e alguma resistência dos funcionários, renovou procedimentos, dava instruções práticas, aposentou velhas máquinas de escrever por elétricas.

Aos domingos, Letícia muito aproximada das Mercedárias, levava-a de carro ao convento, ele próprio e Tio Justo assistiam à missa. Acabou relacionando-se com as freiras, corrigindo a pedido umas traduções do espanhol.

Longas conversas dos três à noite. A irmã desejava conhecer a Argentina, iria com Miriam, a antiga colega na Tijuca. Arno concordava com a ideia, dizia que visitaria ali um escritor de sua admiração, Jorge Luís Borges.

– Podemos alongar e ir até o Paraguai...

Arno: Já ganhamos a guerra do Paraguai, que queremos mais?

Letícia: Há o túmulo de Solano Lopez, morto pelo soldado Chico Diabo, eu gostaria de ver o monumento nacional.

Tanto, tanto falaram na viagem, fizeram tantos planos, que tudo acabou em nada.

Mas quando estada ali e conversas caíram na rotina e saudades do Rio apertaram, só pensava em raspar-se de Santa Rita. Veio, e pouco depois partia para Buenos Aires.

Indagou do gerente do Hotel onde naquela Buenos Aires de tanta livraria podia encontrar o escritor Jorge Luís Borges. O homem ocupadíssimo despachou-o sugerindo que o buscasse pelas duas ou três lojas de la Calle Florida.

Sentado num largo banco, reconheceu-o contra o fundo de enciclopédias e dicionários. O Mestre abria à espátula com o maior amor uma brochura. Diante do espanhol do recém-chegado perguntou-lhe de que província era, convidou-o a sentar-se.

Declarando não ser jornalista mas um admirador vindo do Brasil só para conhecê-lo, pediu permissão para fazer – não era entrevista – umas perguntas nascidas da curiosidade.

Borges aquiesceu.

Então Arno questionou, para começar, se ele tinha uma estética definida.

– Una estética. No, no soy poseedor de una estética. El tiempo me ha enseñado algunas astucias.

– ¿Astucias?

– Sí, no son otra cosa. Preferir las palabras habituales a las asombrosas, intercalar en un relato rasgos circunstanciales exigidos ahora por el lector, simular pequeñas incertidumbres, narrar los hechos como si no los entendiera del todo. Y no olvidar todo el tiempo que el Universo es insondable, misterioso, fantástico. Tales astucias o hábitos no configuran ciertamente una estética. Por lo demás, descreo de las estéticas.

Enquanto conversavam, uma e logo outra pessoa, rondando as bancas de livros, respeitosamente acenavam para Borges.

Perguntou-lhe se era frequentador diário da Casa. O escritor explicou que de fato sentia necessidade de um giro diário, só não o fazia nos dias de chuva ou quando tinha à mão qualquer trabalho. Depois de breve silêncio, recordou com certa emoção a mocidade e seu fervor por Buenos Aires:

– En aquel tiempo, buscaba los atardeceres, los arrabaldes y la desdicha. Ahora, las mañanas, el centro y la serenidad...

Declarando-se admirador antigo de sua obra poética, Arno recitou em português aquele soneto sobre o mar, dando ênfase aos dois versos:

*Antes que o tempo se acunhara em dias
O mar, o sempre mar, já estava e era.*

O escritor bateu-lhe no joelho, cumprimentando-o graciosamente que havia tido que esperar vinte anos para receber tal homenagem.

Acrescentou:

– Sí, sí. Es un dístico feliz. La poesía no es menos misteriosa que los otros elementos del orbe. Tal ó cual verso afortunado no pude envanecer-nos, porque es don del Azar ó del Espíritu. Es fortuito la circunstancia de que uno sea el lector, el otro el redactor.

Houve uma pausa. Pensou que ele ia falar alguma coisa, esperou.

– Solo los errores son nuestros.

Meia hora depois, temendo estar sempre demais, Arno resolveu despedir-se. Acudiu-lhe de repente uma ideia e falou:

– Me gustaria una palabra-guia de Jorge Luís Borges.

– ¡Un consejo! e o Mestre agitou vagamente a mão.

Não, não tinha nenhuma autoridade para isso. E que podia com honestidade propor a um moço inteligente numa era de materialismo dialético, nazismo e outros ismos? Arno observou que a autoridade dele era grande.

– Bueno, mi joven poeta. Crea usted en lo que escribe. Principalmente insatisfacción, mucha insatisfacción y ningun dogmatismo.

Arno: ¿Sin abolir espejos, laberintos, espadas ni cabala?

– ¡Hacen falta, sí, sí! respondeu Borges afetando seriedade.

Com o autógrafo do escritor no voluminho – *Obra Poética* – e afetuoso abraço borgeano, Arno partiu realizado

23 NEM DE PROPÓSITO. Mal de novo no Rio e no escritório que os amigos iam levando, ao sair uma tarde encontra-se com o Sadhoc na rua.

Estava cheio de teorias novas de Economia em que se formara, o velho árabe de poucas letras mas atilado em produção e comércio de sal (era o pai!) desentendera-se no momento com ele, achava-o um "sem cabeça", ah! a tempestade havia de acalmar.

Notava-o mais agitado que de costume. Que se passava com Sadhoc?

– Você não acha que o velho se acalma?

– Sem dúvida, companheiro. Embora eu ignore o que acontece.

Longamente conversaram sobre o passado num bar. Quando as muitas luzes começaram a acender-se, Sadhoc pediu hospedagem ao amigo.

Arno: Ah, você com essa mala e guarda-chuva me intrigou desde logo.

No apartamento de Copacabana, Sadhoc afinal abriu-se. Tinha um "caso" com a mulher de salineiro. Um furacão, desejosa de "gozar a vida antes que os homens deixassem de me olhar" repetia. Todo mundo em Cabo Frio, o dono inclusive, sabia. Tomavam chope juntos, o homem era viciado em pássaros, repetia-lhe as imitações humanas dos seus mainás, e, de repente... De repente, entende? tomara-se de razões, espalhando que o ia matar. Dera no pé, às pressas, feito um criminoso.

Arno: Fica. Quando o tempo anaimar, você volta.

– O caso é sério, e muito.

– Vai espairecer até a Índia, Sadhoc. Trás de lá um gaiolão de mainás, e tudo se acomoda.

– Sabe que isso me passou pela cabeça quando andava às tontas por aí não querendo ir pra solidão de um hotel? e riu.

– Você, felizardo, que faz?

Arno confessou que ainda não acertara o passo.

– Compreende-se. Podemos, se você resolver arregaçar as mangas comigo, virar os reis do sal no Brasil, meu querido. Nada menos.

– Me libera. Não tenho bossa pra salineiro.

– Compreende-se. É lógico e natural. Sei que você, no fundo, está rindo da minha escapada dos lagos. Paciência. Vamos dormir!

Quatro, cinco dias depois partia. Telegrama de Sadhoc pai comunicava ao filho que o homem dos mainás tivera segundo ataque de loucura, fora internado. Maktub!

Neste estado de meia disponibilidade, vi Arno iniciar-se no *society*.

Gravata borboleta, vivia na alta roda, no *Maximo's*, íntimo de empresários, executivos, deputados, banqueiros. Quando o pensava no Rio e ligava para o

escritório, viajara a São Paulo para uma Bienal; fins-de-semana dava grandes passeios de iate pela Guanabara, velejando esportivamente com um adido cultural ou ia-se de helicóptero para a Região dos Lagos.

Minha mulher, curiosa daquele mundo, ligava para saber das novidades, intermináveis conversas entre os dois. As notas sociais punham o brilhante advogado em evidência. ali filho de político e industrial mineiro.

– Sim senhor, viraste hoje um colunável neste Rio de Janeiro.

– Pode me rotular de esnobe. Me divirto, Nestor.

– Naturalmente com elas...

– Oh, não atira pedras nas socialaites. Nem todas cheiram cocaína. Aliás em mulher nenhuma. Estão todas pr'além do Bem e do Mal.

– Me intriga é pensar que você aguenta esse lé-com-lé.

– Te garanto: não são mais loucas do que as do cré-com-cré. Apenas concretizam o imaginário que as pequenas-burguesas, coitadas!, sonham e recalcam. Só isso. Questão de conta no Banco.

– E a filha ou mulher, sei lá! do capitão-de-indústria? Continua a tingir de verde os cabelos?

– Aquilo foi um erro, outros dizem que vingança por ciúme da cabeleireira da Eleninha Castro e Sá. Ah! não pára de jurar que sou um homem interessante. Ontem me propunha fugirmos para o Chile.

– Pro Chile?

– Pra Santiago do Chile. E você sabe, Nestor, que quase topei?

– O quê?

– O marido anda, o insaciável Castro e Sá, agora teimando comigo mais outro companheiro fazer-nos deputados federais na próxima eleição. Detesta Vargas, acredita que pode cair a qualquer hora...

Não foi para o Chile, Santiago ou Valparaíso. Com forte gripe de que não se curava, Arno veio tratar-se em nossa casa.

24 GRAVADOR NA MÃO, plantou-se Vilanova à porta que Margarida acabava de abrir, atirou sonora frase:

– Que rotina em grande escala! Não acontece um terremoto nesta Urbe! (deu um bocejo cósmico). Mas hoje vamos ouvir algo de novo!

Era sábado à tarde. Propusera a revista mundana entrevistá-lo e Arno, que tentara adiar, tinha ali o amigo.

– Tudo bem, queridos?

Arno: Meu caro jornalista, que pode te dizer nesta tardinha um intoxicado de remédios e inalações?

– Esquece! Vamos trabalhar. Verás que não farei perguntas mais compridas do que as tuas respostas. Aliás, um bate-papo relâmpago pras meninas, ok?

Eis as duas páginas de *Sombra* –



FALA ARNO O MOÇO

Country Club da Barra à borda da segunda piscina. Ali
nosso entrevistado de hoje

copo de uísque e o inseparável cachimbo
lia uma revista estrangeira. A dois passos
o motim aquático das bonitas frequentadoras
na manhã,
enquanto nos acolhia com sua proverbial cordialidade.
Queridas leitoras (es) gozem o *show* de inteligência
de Arnóbio Franco de Melo.

Tony Vilanova

Comecemos com amenidades.

Em que tempo você gostaria de viver?

Gosto do meu tempo. Apenas luto pra não ser total prisioneiro da imagem do mundo atual, mundo de geral padronização.

País onde gostaria de ter nascido?

Aqui mesmo. Me sinto à vontade no Brasil, embora me desgoste às vezes.

Que achas da mulher?

Assim, à queima roupa? Há muitas mulheres numa só... Que seja a fabulosa atriz que já é. que nos inventa a festa, a portadora da alegria.

No dia-a-dia que mais detesta?

Moscas. Mas os integrados, os demasiados integrados me incomodam. Roem calados a bela face do mundo.

A maior desgraça pra você seria...

Primeiro: não saber admirar. Segundo: perder o sentido lírico da vida.

O fato militar que mais admira?

Nenhum. Ah, sim, a Batalha de Itararé... que não houve.

Política?

Prefiro mudar de assunto, Vila.

Ok. Elevemos o padrão. Que pensa da existência em geral?

Tenho um conhecido que afirma: ela não é o feito-pelo-homem. Outro: é uma enganação. Na infância, certos momentos, o espanto de existir me assaltava e saía correndo. Batia com a cabeça no muro, dava um grito e, claro, não chegava a nada. Mas vale a pena ter vindo aqui *uma vez* pra ver como é, não?

Qual a cor preferida do amigo?

O verde.

Então um otimista. Como viu o último empate do FLA-FLU?

O rubro-negro merecia a vitória.

Eu atendo ao querido público. Responda o nosso entrevistado, se quiser. Já experimentou droga?

Já. Faz tempo, pra ver como era. Queria conhecer a relação entre droga e criatividade.

Não precisava se justificar. A que chegou?

Bem, me lembro de viagens fantásticas e de enorme acuidade em relação a mim, às pessoas, liberto como se eu fosse outro. Mas durante aquilo não me motivava para a escrita. E o ruim vem depois... Literatura, meu caro, qualquer arte é cultura, trabalho suado, não brota de artifícios procurados. Esta a lição, pelo menos pra mim.

Completando: Psicose... Sim, psicose ou neurose, isso ajuda em arte?

(Parou para pensar)

Atrapalham, estou certo. Tenho amigos artistas, portadores de uma ou de outra, e sei da luta deles pra se realizarem.

Que gostaria que ficasse de você?

Não muita coisa. Um ou dois livros.

Ok! Só resta e este entrevistador agradecer a oportunidade. Última perguntinha: tem alguma divisa, qualquer *achado* do gênero?

(Pausa do entrevistado, e encerrou:)

AMAR, PARA NÃO MORRER.

25 LITÍGIO DE PARTILHAS numa herança milionária e codicilo caprichoso o absorveram no escritório e no Fórum. Teve também que assistir o pai: o velho Contador em quem Tio Justo confiara sempre dera para beber. Arno, levando um contabilista, foi pôr em ordem a balbúrdia dos negócios perante o fisco e a seguridade social. E nisto se passaram quase dois anos. Era muito para temperamento como o dele. Agora viajava, respiraria numas férias longas, tinha direito à uma viagem à Europa!

Para satisfação do pai e do irmão, Letícia desfizera o noivado. Arno quis levá-la. Ambos insistiram sem resultado. Não estava naquele momento para viagens, compreendessem. A verdade é que frequentava de novo as Mercedárias e com vivo fervor. Arno foi só.

Dirigiu-se diretamente a La Coruña, terra dos seus, pensando em demorar-se lá uma semana. Ficou duas.

Os tios, como Ana Lúcia muitas vezes comentara, eram uns "originais".

Tio Ramón formara-se em Direito, advogava e lecionava na Universidade. Arno assistiu a duas aulas do tio. Desenvolvia uma exposição didática, porém chistosa aqui e ali, era brilhante e querido dos alunos.

Como o tio lhe lembrava muito a mãe, passava horas em sua companhia. Reparando a relativa modéstia de existência do casal com filhos – a mulher professora de idiomas no liceu –, indagou dos honorários da profissão na Espanha.

– Tengo colegas ricos. Yo particularmente no sé ganar dinero.

O outro, Tio Domingos, vivia num lugarejo de acesso difícil – el Sylvestre – numa clareira de carvalhos e castanheiros onde a ausência de ruídos era um abuso. Escultor profissional. Mas trabalhava apenas seis meses no ano, os outros seis quedava-se descansadamente lendo, tocando a gaita galega.

Caladão, murmurou que ele era um guapo rapaz, que se não estivesse nos seus dias de *ocio con dignidad* fazia-lhe o busto-retrato como fizera da irmã em madeira. Acrescentou: en madera, si no lo preferiese en materia mas noble... Não era desdenhoso, pronunciava as palavras fixando o interlocutor e sorria pequeno. Arno estranhou a solidão, o regime de trabalho, ele nada respondeu. Na partida, dia seguinte, no carro velho em que o levou à estação:

– Yo aún me estoy a reír...

Arno aguardou. Dez minutos depois:

– Mira, sobriño, no tengo mujer, no tengo hijos como mi hermano.

Para que esclavizarme, no te parece?

– Tal lo pienso, Tio Domingos.

– Gracias. Y te lo digo: me gusta la soledad.

Rumou para Madrid.

Na viagem, Arno avaliou aquelas tranquilas duas semanas galegas de garbanzos, tortillas, churros e choros da avó. Na realidade – a avó, o tio, sua mãe – eram os três parecidos... E compreendeu a mãe, e compreendeu-se um pouco a si mesmo.

Ligou na mesma noite para Américo Castro, que se mostrou pronto a receber o conterrâneo.

Manhã seguinte, um sábado, surpreendeu o escritor entrando em casa com duas bolsas de mercado ao lado da mulher. Castro notou a estranheza em seu rosto e comentou que aquilo resultava de ser ele *hijo de nuestra patria de antiguos esclavos, dónde el trabajo era vergonzoso*.

Entraram para uma saleta. A mulher falou das boas lembranças da viagem ao Brasil, recordou a cascata *Véu da Noiva* que tinham visto a caminho da terra natal do marido, Cantagalo, *pueblecillo limpio y ordenado*. O escritor referiu-se às suas conferências no Rio de Janeiro, elogiou o cicerone, um Professor Baltar. Então a senhora, dizendo que ele estava convidado para o almoço, pediu licença para retirar-se.

Passaram para a biblioteca.

Aquele senhor gorducho estendeu-lhe os seus cigarros, o visitante passou a comentar as obras dele, das várias que havia lido. Sentados nas poltronas, Castro respondia, dirigia a palavra ao moço de igual para igual. Começaria ensaiando conversar em português mas embaraçava-se e ironizando seguiu usando o espanhol.

Lecionava na ocasião na Universidade de Princeton e, de férias, tinha vindo gozá-las na Espanha junto aos filhos. Externou umas vagas observações sobre os Estados Unidos, comentando em meias palavras que aceitara o convite deles para respirar mais livremente longe do clima político franquista.

Arno, que pensara não tocar em política, externou o seu espanto antigo de não entender como o povo hispânico, tão rebelde, tolerava aquela ditadura.

Nuestra Iberia, mi amigo, conoce una fase innoble de no existir, con sus héroes de decadencia, volverán otros tiempos.

Limitou-se a isso, e falou de sua presença em Princeton, na América. Que era outra cultura, que havia que entendê-los como tal e não à européia.

Lá no *campus* universitário, assistira a belas competições esportivas. Não, não imaginasse *el joven brasileño* que os estudantes americanos fossem moços e moças todos a pilotar carros e namorar. Tinham seus grêmios, convidavam pessoas renomadas a fazer conferências, e com enérgico interesse verbalizavam, debatiam pragmaticamente os mais atualizados temas. Sí, sí, la mayoría, como os pais que trabalhavam e muito, empenhava-se em estudar e pesquisar para ser o melhor, pois a competição era grande.

Arno pegou a fazer uma porção de perguntas que se tinha proposto.

Quis saber depois quando voltaria a rever a terra natal o filho expatriado desde tão cedo e que pensava do Brasil.

– ¡Ojalá fuera eso posible! (pausa). Lo que pienso. No me gustan las dictaduras, ni rojas ni negras. La liberal Norteamérica tiene aún trazos de barbarie. ¿Explicar los motivos históricos de que no sea posible tener gobiernos democráticos en los países de lengua castellana o portuguesa? Para tenerlos...

Apareceu em meio à conversa, uma filha de Castro a chamá-los para almoçar.

– Para tenerlos, perdón amigo Arnóbio, haría falta de las gentes se dieran cuenta de las razones de no tenerlos. Pero esto no es fácil. La mayoría de los latinoamericanos, sin excepción de nuestro querido Brasil, es "patriotera" y prefiere morir a razonar.

Durante o almoço Arno sentiu que acontecia o encontro que havia desejado. Imaginara um professor-catedrático, encontrava um homem.

No último momento o escritor autografou para o patrício gentil dedicatória num livro, vieram ele e a mulher trazê-lo à porta, a conversação se prolongou ainda minutos.

– ¡Bueno viaje!

– ¡Adiós!

Esplendia a tarde madrilenha. A luz vinda do céu azulíssimo acentuava o perfil das coisas. Tudo transparente, em seu lugar! Afoito para anotar a visita, Arno recolheu ao *Hotel del Príncipe*.

26 NÃO IA DEIXAR de completar o ciclo pela Ibéria. Partiu para Lisboa.

Tomando um quarto no Hotel, foi cumprimentar o Tejo.

Uns ociosos num posto de gasolina indicaram-lhe o caminho. Prosaicamente desceu a ladeira até às margens do rio. De pé, alma descompromissada de turista, estacou olhando. Sem pensar. Ou vagas imagens pensavam nele ressoando na calada de um fundo antigo.

O apito de uma embarcação ligeira o desembarcou do devaneio à beira-rio. De repente o Tejo era o Tejo, plano movediço como se imóvel, levando o tufo, sobejo desprendido da margem.

Gastou as horas da manhã a *sentir* a cidade.

Perambulando à tarde, já achando o clima lisboeta agradável, simpáticos os rostos sadios das gentes, viu-se no Café Irmãos Unidos diante do retrato, por Almada Negreiros, de Fernando Pessoa sentado a uma mesinha geométrica com o seu instrumental de escritor: xícara, o papel e caneta, o cigarrinho, e achou-se pago da vinda a Portugal.

Abancou-se.

O garção ligou o rádio, um fado chorou no recinto. O único freguês da mesa ao lado, que cochilava, espertou:

– Isto é a alma de todo Portugal, meu senhor! Dê-me licença.

E transferiu-se de copo e garrafa para a mesa dele.

– Francamente, eu quando topo alguém embevecido com estas coisas, identifico de pronto um camarada e apetece-me conversá-lo. De onde é?

– Brasileiro.

– Brasileiro. Somos duas pátrias irmãs!

Passou a discorrer sobre música portuguesa, as excelências por todos reconhecidas da música portuguesa, a riqueza dela, sem desfazer, claro! dos cancioneiros doutras terras. Era alfacinha, crescido ali naquela Lisboa, fonte genuína do fado, dissessem lá outros o que dissessem. Quis saber sobre o nosso samba.

Mas Arno observou que o fizera mais por deferência que interesse. Cortou o assunto, indagou se ele também compunha.

Gargalhou, perguntando baixo se podia mandar vir outra garrafinha do seu tinto.

– Ora, ora, não faça cerimônia. Mas vai me informar onde posso ouvir, ao vivo, o melhor fado de Lisboa.

Veio um grandjô. Tomou uma golada, estalou a língua, e festejou:

– O vinho. Bem haja quem o inventou! Tascos fadistas, diz? Pois temos aí às dúzias, não valem um chavo. Não seria eu quem sou, não os conhecesse a todos.

Referiu nomes e nomes, sítios frequentados por turistas de toda Europa. No *Morgado do Caniço* porém era onde se ouvia o que de mais encantador se criava no gênero. Que não se havia de lá chegar cedo, à hora dos turistas basbaques. O melhor do fado do *Caniço* acontecia depois que estes se iam e formava-se o círculo da boemia, dos aficionados, a entrar pela madrugada e onde encontraria as mais belas raparigas de Lisboa...

– De resto se o amigo dá-me a honra da companhia, posso ir por si à hospedagem. Ou prefere, por que não, uma pinturesca digressão por Cascais?

Arno considerou muita sorte ter achado aquele guia turístico na rua.

– Vá buscar-me no Hotel, iremos ao *Morgado do Caniço*. Estou no *Avis*.

– Pois, pois.

E o viajante muito contente, sentindo que tudo estava dando certo na terra lusitana, foi correr livrarias.

Meia-noite.

Meia-noite e meia. Arno, que havia quase esquecido o homem dos fados, ligou para a portaria. Alguém o procurara? Ninguém. Meia hora depois, desceu. O recepcionista anotava numa agenda. Uma mulher fumando piteira lia o jornal junto ao arranjo de flores.

O recepcionista: O nosso prezado hóspede teria acaso ajustado algum programa com o Famalicão?

– Sim, sim, com ele.

– Ora, esqueça-o. Aquilo é um vinhaça a envergonhar pr'aí a família, senhor doutor.

Ali, na madrugada e estrangeiro, Arno teve raiva de si, da sua boa-fé, e apanhando uma daquelas folhas sentou-se a ler sem interesse.

27 LONGE DE TUDO QUE DIMINUI, vivendo e deixando-se viver. Observador irônico mas caçador de vária sorte, temeroso da rotina: pura ânsia do transitório a agarrar. Jamais casaria! Amor cartorial? Conjugo vobis até que a morte vos separe? Não, amigos, não era com ele. E...

Aconteceu o contrário. Os Rossi de São Paulo não consideravam aquele Melo, jovem advogado filho de fazendeiro, bastante credenciado para casar com a caçula de empresário, mestrado em Administração na América e falando inglês fluentemente. Além disso, Arno sem se dar conta (algumas vezes dando) contundia aquelas couraças blindadas com paradoxos e relampejantes sarcasmos.

Jovita passava as férias na casa da tia, mãe do tenente, no Rio. Protásio casara recentemente com Irema, nutróloga, de consultório na Praia Vermelha e o casal morava com a mãe viúva. Arno a conhecera à beira da piscina do clube Botafogo e logo se perderam de vista. Tornaram a se aproximar depois, num encontro no Aeroporto de Congonhas.

De repente Arno recebeu um telefonema. Era ela. Ligava a pretexto de certa obra ilustrada sobre a bela rainha egípcia Nefertite, esposa do faraó Tutankhmon, difícil de encontrar. Cansara de correr livrarias!

– Por acaso, tenho.

– Ah, tem? Eu empresto a você.

Arno não entendeu:

Jovita riu gostosamente do outro lado da linha:

– Perdão! Estou falando que nem paulista. Me corrijo já: tomo-a emprestado, Arno.

Ele quis saber de que jeito podia fazer chegar a ela o livro. Se houvesse um portador para São Paulo...

Riu de novo.

– Mas eu estou no Rio! Telefone daqui da casa de minha tia. Eu mando buscar. Não, não, espera...

Arno adivinhou-a, adiantou-se sugerindo que podiam encontrar-se em qualquer parte.

Jovita: Adoro o *Rainbow*, Aqui mesmo no Leme, do lado do mar.

Ficou ajustado o encontro para a tarde seguinte no barzinho que ela adorava.

Arno viu a amiga chegar num pulôver preto que lhe modelava o busto e contrastava com a alva epiderme. Pela primeira vez notou que Jovita, baixinha de cabelos louros presos pra trás, era graciosa no salto alto.

Galante, prendeu uma orquídea junto ao seu rosto, que sorria. Entre torta de maçã e sorvete começou naquela hora um vago namoro nutrido de livros pra cá pra lá, encontros, conversas, longas confidências.

– Você me parece a menos paulista das paulistas...

– Impressão. Quero um bem enorme à minha terra, sou uma paulistana da gema. Mas também o Rio me conquistou. Aqui, sonho com a garoa de São Paulo, lá com o sol e mar do Rio.

Agora, na sala do apartamento do Leme, o mais moço dos irmãos Rossi, Tenente Protásio, empertigava-se a esgrimir com ele e era certo o mau humor militar quando se via batido em sua trincheira.

Sou soldado dos pés à cabeça! repetia a propósito ou sem. Domingo de manhã Tenente Protásio, bermuda e sandália de dedo, descia à garagem do edifício pra lavar o carro, e duas horas depois subia com um quilo de jornais e revistas que lia a tarde inteira no sofá.

Dobrava a folha acabada de ler, murmurava: Ainda estou, francamente, pra ver *intelectual* com coragem...

Arno, soltando a fumaça do seu *Half and half*, fingia não ouvir.

Protásio voltava à ofensiva: Já pensou, Dr, Arnóbio, numa metralhadorazinha nas mãos de um paisano?

– Já, Tenente. Quando fiz o CPOR.

O provocador (rindo gostosamente): Uma calamidade, hem, doutor?

– Meu Tenente, é igualzinho a um livro nas mãos de milico.

Irema: Deixem de picuinhas! Protásio, você me prometeu que hoje vamos ao cinema. Quero ver! Semana inteira entre paredes em consultório, não dá!

Jovita silenciava. De pena do tio e padrinho, a sós repreendia Arno com ternuras de mulher apaixonada.

– Meu bem, e só falta você sair por aí assobiando...

Arno (acariciando-a): Bonita frase, querida.

Jovita (fingindo de zangada): Arno, Arno, você é uma *coisa*.

– Prometo me comportar, amor. Talvez eu ande irritadiço, sei lá!

– Entenda. Meu padrinho não é má pessoa, aquilo é, digamos, excesso de vitalidade. Estou cansada de vê-lo esbravejar com o ordenança e mandar por trás minha tia dar vinte cruzeiros pra ele. Sabe que contribui mensalmente pra Pestalozzi?

O demônio do Arno sussurrava-lhe: – Por que não se interna lá? Mas sorrindo:

– Estou sabendo agora, amor! e beijava-a.

A realidade era que Jovita não podia entender já os dias sem a presença dele. Também Arno se sentia envolvido com a sua ternura. Porém dividido em seu sentimento: aquela ligação com a soprano Giovana Morelli. Quando a italiana lhe punha má cara, pensava em acabar com uma paixão que lhe trazia mais sofrimento que alegria, decidir-se por Jovita. Voltava ao apartamento da soprano, esta recebia-o bem, ficava feliz, e as boas intenções naufragavam.

Então, ao descobrir Jovita a ligação do namorado com a outra, sofreu. Arno fabricara um punhado de tankas e haicais e, espalhando páginas afora aquelas imitações fáceis de poesia oriental, publicou em pequena tiragem: Giovanna Morelli: *Árvore Florida*. Tradução do italiano por um Amigo Brasileiro.

Contava certo que o lançamento na lojinha de livros e discos, aquela *Copa-Cabana* que o amigo Uchoa recém-abrira para o filho mais velho, não tivesse maior repercussão. Equivocava-se. Uchoa filho, rapagão de praia, era relacionadíssimo na alta roda. Apareceu lá gente da música, do teatro, das letras. O brilho da noite Morelli reverberou.

Jovita estava em São Paulo, a notícia voou aos olhos dela. Uma revista dera com todas as letras, além de fotos, o nome do Amigo Brasileiro...

Os Rossi agarraram-se ao fato para demovê-la. D. Mariana, a mãe, sugeria uma viagem aos Estados Unidos. Ficaria na casa do compadre Mário e era oportunidade para aperfeiçoar o inglês. Os irmãos ofereciam-se para acompanhá-la, viajariam por várias partes. Jovita ouvia, chorava e calava. Ela e Arno estavam distanciados, deixava-se ficar em São Paulo.

E de repente a crise tomou rumo inesperado.

A italiana sumiu da noite pro dia. O brasileiro, apaixonado pela cantora e por sua voz, entristeceu. Logo lemos nos jornais que estreitava em Buenos Aires. Vinha para o nosso apartamento, e ele que dava atenção aos meus filhos pequenos, alheava-se. Se tentava fazê-lo conversar, respondia sim, não. Deixamos nosso primo curtir o seu fundo de poço. Até que impaciente minha mulher resolveu acabar com aquilo.

– Você, Arno, é duro que só cristal, ninguém te risca. Vai ficar aí se ralando o resto dos dias?

– Margarida, você está hoje muito despachada.

– Estou não, sou. Que coisa! Por causa de uma dona dez anos mais velha...

– Cinco, querida.

– ...Uma aventureira.

– Que soprano!

– Arno, vai pra Santa Rita, vai respirar os bons ares e faz lá um balanço na sua vida. Isso é o que você está precisando, rapidinho.

– Certo, prima.

28 CHEGOU TARDE da noite a Santa Rita. Tio Justo despedia-se do gerente do Banco do Brasil, mais a mulher e a filha solteirona, antiga amizade. Conhecia, de longe, as vindas inesperadas do filho, não se espantou. Arno, pretextando cansaço, logo se recolheu ao quarto.

Manhã seguinte, ei-lo a andar caminhos de infância e adolescência. Véus brancos de vapor dissipavam-se no verde das encostas. Mas nem o entorno familiar nem os passantes o solicitavam...

No centro daquela crise, toda a sua existência se concentrava no momento dramático, capaz de afetar todo o seu futuro, reflexivo, absorto em si, decidido a reformular-se, a buscar seriamente vida nova.

Quanto tempo malgasto... Que dispersão!

Meu Deus! quanto tempo jogado fora...

Quem era? Um jovem burguês educado convencionalmente. Nada, nada lhe fora negado. Afinal bacharel, como todo mundo. Senhor de si, embarcado na irresponsabilidade dos amores inconsequentes... E lá se tinham ido anos de seus melhores dias. Mãos vazias.

Ar do mundo. Prestígios da hora. Que devoração de renomados! Quanto montículo não tomara por himalaias...

Viagens: horizontes. Livros. Amigos. Amigas.

Inteira disponibilidade. Tumultuário, tumultuário. Queimava etapas no ímpeto do voo... E preso a uma energia que tantas vezes incomodava os outros, não consentia demorar-se em objeto algum.

Voltou devagar, sem sentir, cabeça baixa. Da rede da varanda, pingentes d'água no arvoredado eram sóis mirins em seus olhos, e a onda de reflexões espalhava-se dentro dele.

O que era?

Completara o seu Direito. Concretizara o sonho da Arquitetura. Nem um nem outra o preenchiam! Escrever, criar, a isto só inspirava. E realizava nada. Deixara-se viver na perseguição de novas sensações, de ideias novas, – um intelectual, um esteta, barco ébrio à deriva.

O pai surgiu na varanda.

– Vamos almoçar, filho.

À mesa, depois de breve silêncio, perguntou-lhe o que se passava. Arno abriu-se francamente. Chegou a acusar-se de ter sempre assistido tão pouco o pai em seus negócios. Tio Justo ouvia.

– Você vai a caminho dos trinta. Por que não trata de casar?

Arno voltou para o Rio no outro dias.

Arno escreveu a Jovita uma imensa carta penitente. Não recebeu resposta. Então embarcou para São Paulo, encontraram-se às escondidas no Hotel e entre lágrimas e beijos acabaram noivos.

Noivado sem festa. Tenente Protásio, em contínua guerrilha, não se conformava. Vivia a repetir – ufanava-se de ser *grosso* mesmo – que aquele casamento não durava um ano. Um ano! Durasse seis meses seria um milagre. Para ele, que vestira a camisa verde de integralista, todo mundo era criptocomunista.

– Esse seu noivo é um bom "vermelho".

Jovita (timidamente): Horror, Tio! O Sr. julga sempre mal as pessoas. E todo mundo é comunista.

– Pois olha, minha querida afilhada e sobrinha, raramente erro.

Casamento afinal com separação de bens. O religioso numa quinta-feira, na igreja de Santa Efigênia, em São Paulo, presentes Tio Justo e Letícia.

A noiva – aniversariante naquele 16 de janeiro – viçosa e corada, era uma presença de flor rara. Exatamente a rosa de Saron da fala do tio-padre. Aquela hora era a sua hora, levitava entre sedas e tule.

O noivo, cômico da circunstância, deixava-se envolver, vivia o momento. Não ofuscava a noiva, mas sua estampa de homem desempenado, atraía olhares. Em suma, impecável no jaquetão preto, cravo branco à lapela.

Monsenhor Toledo deslocara-se do interior paulista especialmente para ser o orador. Irmão de D. Mariana, oferecia esse presente à sobrinha apesar de atarefadíssimo.

Na imprensa, com foto:

CASAMENTO DE ESTILO

Empresário casa filha e leva mil convidados à igreja



Com muita pompa e circunstância. Assim transcorreu a cerimônia de casamento de Jovita de Toledo Rossi (22), dileta filha do empresário Pascoal Rossi – Mariana Toledo Rossi, com o advogado Arnóbio Franco de Melo (28), do Fórum do Rio de Janeiro, filho do industrial mineiro Justo de Melo, realizada ontem na igreja de Santa Efigênia.

Mas de mil compareceram e entre as renomadas personalidades estavam presentes o Sr. Prefeito e Sra., bem como representantes do círculo de negócios, da política, da farda e das letras.

A noiva chegou num Opel preto e mantendo a tradição com 20 minutos de atraso, ato marcado para 19 h 30 mim. Seu vestido foi confeccionado em tafetá de seda branca, bordado com pérolas. O adorno da cabeça prendia um véu de tule discretíssimo. Modelo assinado pelo estilista Reginaldo.

Jovita entrou na igreja ao som da Marcha Nupcial de Mendelssohn. Celebrou o enlace o Bispo-Aux. Dom Toledo, tio da noiva. A recepção realizou-se no Regina Palace. Parte o feliz casal em vilegiatura pela Europa.

Boa Viagem!

Europa, Paris, Egito.

Acabavam de voltar da excursão às pirâmides, haviam se sentado no *hall* do Hotel. Arno pensava nos frios monumentos de pedra e seus labirintos, sentia-se mesmo deprimido com aquele passado milenar, morto e enterrado. Lembrava-se dos ingleses colonizadores usando múmias como combustível ótimo para seus navios e quedava alheio. Jovita tendo visto e tocado uma arte e seus relicários que conhecia e admirava em livros, estava contente e realizada. Desatara o nó do presente de núpcias que o marido lhe oferecera e examinava-o: pequena "cabeça" da bela rainha Nefertite, peça de uns trinta centímetros machetada em marmorezinhos coloridos.

De repente:

– Querido, gostaria tanto de rever aqueles tempos em Washington quando fiz ali meu mestrado de inglês!

– Vamos. Amanhã mesmo. É uma alegria satisfazer o primeiro capricho de minha querida.

Chegados aos Estados Unidos ela desejou logo visitar a Universidade, rever seu professor, um poliglota.

Retirando do cabide um blusão de couro, foram encontrá-lo no *Laboratório de Línguas* onde uma maquininha inteligente modulava quase humana:

The sky is blue! Is the sky blue? Yes, the sky is blue.

Foi uma festa entre discípula e mestre. Este, um português de sotaque:

– Senhor Arnóbio, eis aluna mais destacada em sua turma.

Mas estava de partida, desculpassem. Ia ao lançamento dos novos modelos de automóveis do ano.

– Fique à vontade! disse Arno.

– Claro, professor. Nós só vimos pelo prazer de cumprimentá-lo.

Parecia excitado, convidou-os a acompanhá-lo se não tinham programa, conversariam a caminho.

Foram com ele à expô. Meia hora depois, perderam-se de vista na multidão e, antes de se perderem eles-próprios, deixaram o recinto.

Jovita: Você vê? Não parece uma catedral iluminada? Na Terra de Tio Sam é tudo em escala grande, não é mesmo?

– Grandíssima. Mas me deu uma fome... Vamos jantar?

Noutro dia de tarde, em Nova York, miravam a cidade e o rio do terraço do Empire State.

29 COMPROMISSO DE NOIVO, moravam em São Paulo. Veio Arno ao Rio a chamado do chefe do escritório, Arézio Santiago, uns seis meses depois.

Viagem de trabalho, foi rápida. Passou pela Universidade antes de voltar para São Paulo. Levei-o ao Santos Dumont.

Queixava-se, não lamuriava mas queixava-se. Duzentos dias de exílio era demais! Em São Paulo tinha a impressão de que estava no estrangeiro. Telefonemas só não bastavam. Queria presenças em carne e osso dos amigos. Perdão! se sentimentalizava.

– Ninguém esqueceu você, Arno. Então, instalados a gosto?

– Moramos numa casa dos Rossi em Cidade Jardim. Verde por toda a parte, pouca vizinhança. À direita uma família arredia mas sem nervos, educada até nos churrascos de fundo de quintal. À esquerda um vizinho gordo que gosta de tanger bandolim (só vinte minutos) ao sol, enquanto a mulher – uma juíza – se debruça em códigos. Tudo muito aprazível. Ah, sim, pago em banco, pontualmente, o aluguel aos velhos. Não queriam, mas acho melhor assim.

Falei da real impressão que me dava: a de exilado e estranhei que na Paulicéia não deparasse com relações que valessem a pena.

– Quem disse? E o Brutus? Você precisa conhecê-lo.

– Poeta?

– Cachorro. Um boxer trigado que encontrei na casa e me espera todas as tardes atrás do portão. Que doçura de bicho, cara de terrorista só para expulsar gatos e espantar rolinhas do seu território. Relacionamo-nos, sim senhor, feito duas pessoas. Pois Brutus tem seus dias de nevoeiro e dias de sol, como nós. De repente some direto, sem compromisso. E volta medalhado com os ferimentos do amor. Cuido dele, sem palavras. Depois dou-lhe um osso.

– Em todo o caso, vejo que você não perdeu o humor.

– Não me supunha Nestor, um Adão tão domesticável.

– Quanto a escrever?

– Nem vontade nem condições. Me disperso. Escuta esta. Um colega de escritório me conduziu ao salão de certa figura de proa, por sinal teu colega, professor de Direito. Recebia às quintas. Me vi num cenário europeu em meio a uma elite de linguagem rebuscada, boas maneiras e mulheres sábias. O filho da casa era altamente paparicado naquele círculo de adeptos, pois tinha caído num círculo de adeptos. As bonitas mulheres...

– Estou interessado primeiro no filho da casa.

– Ligeiramente adorado, ruborizava-se aos elogios femininos. Uma delas me sussurrou que ele era brasileiro nascido em Paris, onde estudara e que sua primeira palavra no berço fora – Luz! Uma adolescente observou: – Rodrigo

não é mesmo um amoreco? A outra: E você, meu bem, não é fútil? Certo havia ali ciumada... Não ligou, acrescentou que eu podia fazer qualquer pergunta, sobre qualquer assunto, resposta na hora.

– Um robô?

– Foi o que me ocorreu, e calei.

Dissertou em linha direta com linda dicção a francesa sobre utopias do século, o ópio do Marxismo, a degradação dos valores, o primado do espiritual e a certeza promissora, mais que promissora, de uma volta (despejava provas, citações, conversões de intelectuais de renome) a uma nova Idade Média.

– Ninguém o interrompia?

– Ímpeto não me faltou. Mas o pai fumava e aquiescia. O amigo me dirigia um sorrizinho ateu de desculpas. E eu relanceava pra ele um olhar de – partamos!

– Na primeira pausa, saímos sobre pretexto de visita a pessoa acidentada naquele dia, a anfitriã fez votos de a encontrarmos fora de perigo, e logo na rua o amigo repetia desculpas de tudo. Devo porém ser justo, Nestor. Divertiam-se todos com espírito a até humor, como disse ao meu companheiro. Hitler? Oh, aquilo foi água com açúcar. Socialismo? É um Cristianismo bichado. E por aí...

– Entendo, comédia a sério.

– Não voltei para conferir. Gasto as tardes um pouco a buquinar, a Paulicéia tem bons "sebos". Ali observo o leitor noviço que já fui, que quer ler todos os livros, o senhor grisalho que engulha diante dos best-sellers e entre alfarrábios sou o aficionado a teimar na busca do livro ideal que não existe, que não foi escrito nem será nunca. Sim vou ainda a uma ou outra exposição de quadros, mais nada.

– Você relatoriou bonito mas não me falou da nova vida. A vidinha de casado no dia-a-dia. Nem de Jovita, como vai ela? Que notícias levo pra Margarida?

– Tudo na mais perfeita ordem. Agora. No começo tentei arrancar minha Jovita à influência dos parentes, inventava idas a teatro, a concertos, logo surgiram aborrecimentos, parei. Semana inteira com os colegas de banca, uns monstros de trabalho. Fim de semana, reúne-se a sacra família Rossi. Lá, encontro os outros filhos com as respectivas esposas e cinco crianças. Os cunhados falam de carros, discutem futebol e aí por causa do Corinthians x Palmeiras dão-se caneladas fraternais: Você é burro, cara! Se eu fosse burro não estava rico!

– Pel'amor de Deus!

– Há o outro lado, os rossinhos em botão. Gostam de mim e eu escapulo com eles pro quarto das crianças. Os meninos ligam logo a tevê, a menina aninha-se nos meus joelhos como uma gatinha, ronrona-me umas perguntas sobre coisas do vídeo. Eles agitam-se diante da corrida de motos. Se fecho os olhos, o mais velho: – Quer que mude de canal, Tio? e sem

esperar resposta manipula o controle remoto. São umas horas em que me polício, comportado como um urso doméstico.

Do Aeroporto ligou para a mulher. Longamente. E depois:

– Você me perguntou sobre Jovita. Ah, melhor seria se viesse logo o herdeiro, não é que se diz? Ao viajar, não deixei Jovita bem. Um tanto deprimida. Anda em tratamento. Uma sumidade ginecológica lhe diagnosticou útero infantil. Foi um drama. Veio o tio-padre que nos casou, aquela conversa... Fomos a outra sumidade: estava errado, o caso dela era dos mais simples, questão de tratamento tomado a sério e um pouco de tempo. Voltamos de alma nova.

– Fico contente em saber.

– E é isso aí, Nestor. Problemas e probleminhas. Como diz o francês: há casamentos bons, não os há deliciosos.

30 NOS DOIS ANOS que o casal residiu lá, fomos visitá-lo uma vez. Acompanhou-nos Saloméa.

Encontramos um Arno melancólico. Continuava no escritório de Arézio Santiago, onde se entendia perfeitamente com os colegas. O trabalho não era muito. Não procurava ninguém. O tempo lhe sobrava mais do que nunca para pensar na volta para o Rio. Sentia-se impaciente.

– Salo, e o querido Kim?, que mal responde minhas cartas.

– Kim. Ah, o meu ilustre irmão! De-novo aeromoça, Arno. Parece que o marido voltou pra tal Mabel. E agora quando não está viajando, dedica-se a ler e beber. Outro dia, ao chegar do expediente no Banco, deparei com o Sr. Eleakim Seroa, a garrafa de uísque vazia, e ele emborcado no carpete verde da sala...

– Como um herbívoro.

– Exato. Como um herbívoro.

Ninguém riu. Todos conheciam a antiga e crônica paixão de Seroa.

Eu: Sabem de uma coisa? No fundo, os errados somos nós, querendo um Seroa bem-comportado, um bom filisteu.

Saloméa: Falemos de coisas alegres, gente.

Arno (voltando-se pra minha mulher): Sabe, Margarida, o que mais me falta aqui?

– Já sei. As boas piadas cariocas.

– Vocês vão achar um exagero.

– Diga.

– O mar. O mar.

Jovita aborrecia-se quando ele falava em fixarem-se no Rio. Desejava que a criança nascesse em São Paulo. Claro, devia atender. Mas tinha esperança de que depois do nascimento ela acabaria concordando.

A mulher que acabava de entrar na sala com a bata de grávida, apanhou no ar a última frase. Depois dos cumprimentos sentou-se ao lado do marido pousando a cabeça em seu ombro.

– Está bem, está bem. Iremos para o Rio, querido.

Arno exultou.

– Vocês todos ouviram! Guardem o que Jovita promete.

Eu: Arno, vejo-o enfim um homem de bem, casado e feliz.

– Jovita é boa! e beijou-a.

A convite dela logo as mulheres foram ver o quarto e enxoval do futuro bebê.

Referi a Arno a surpresa que tivera pouco antes onde no Quinto Congresso de Ciências Sociais encontrara o Cândido Jucá.

– O Cândido Jucá Moreira da Rocha!

– Em pessoa. Conversamos longamente. Não é mais aquele caboclo amargo. Lembrou-se de você com a maior simpatia. Fora para Porto Alegre, fizera doutorado na Sorbonne, e estava vice-reitor na Universidade do Vale dos Sinos.

Como é bom saber dessas vitórias...

Eu, culpando-me da longa ausência, quis saber notícias de Santa Rita.

– Somos dois ingratos com a província, Nestor. Esquecemos que um dia abrimos caminho entre o verde de capim colônia, que respiramos ozônio de curral... Telefone, Letícia me telefona. Ah, sim, soube há tempos do professor João Manoel, aqui na Paulicéia, por um parente dele.

– Lembra-se dele repetindo emocionado na despedida que ninguém esquece, que ele pessoalmente jamais esqueceria a aldeia natal?

– Esqueceu. Disse-me o parente que brilhou um tanto na UNI-Camp. Mas depois na Universidade de São Paulo e a morte da mãe, apagou-se.

– A mãe era uma viúva dominadora... Falemos do presente, o meu primo, que faz de digno na grande metrópole?

– Você me conhece, Nestor, não fico a toa. Um editor me pediu a tradução de uma "condensação" de Tocqueville, relutei, acabei aceitando. O homem não me largava. Vindo ao escritório e reparando no meu velho caderno de termos, expressões e frases latinas com as respectivas traduções, não sossegou enquanto não me arrancou o consentimento para uma edição, obra no entender dele utilíssima para advogados e até magistrados. Lançou-a em menos de dois meses, um vade-mécum. Está vendo que usei pseudônimo.

– Assim? Qual?

– Dr. Aulo Gélío.

– O telefone tocou.

– Vi-o muito delicado a tentar dialogar com a sogra, Dona Mariana. Olhava para mim, abanando a cabeça.

Entendi tratar-se de questão na Justiça do Trabalho, o motorista que ela despedira. O genro orientava-a para que desse solução amigável ao caso, ela ofendidíssima com o empregado, discordava, insistia em ficar dentro dos estritos direitos de empregadora.

Prolongou-se, e eu ia lembrando uma conversa antiga com a futura sogra. Meio brincando, meio a sério ousara perguntar à senhora o que pensava do futuro genro. Ela: – Minha filha, como você conhece, pessoa normalíssima, jura que o noivo não é doido. Eu – E a senhora, D. Mariana? Secamente: – Eu, Professor Nestor? Que Deus me perdoe! eu alimento cá as minhas dúvidas.

Desligou.

– Dona Mariana, que criatura! Voluntariosa, tem que se fazer só o que ela quer. Hoje o velho Rossi está aí um vitorioso, magnata no setor imobiliário. Mas no início do casamento o dinheiro era da mulher. À altura dos cinquenta, descobriu que o marido e sua melhor amiga...

– Entendiam-se à maravilha.

– Isso. Veio a tempestade e a inferneira. Jovita escapulia-se para o Rio. O Rossi é um vivedor embalado pelo uísque e os bons negócios mais os dois filhos, uns engenheiros competentes. Aquilo foi nada para ele. Ela, amargurou-se. Minha sogra é uma pessoa tensa, as obras de caridade são divertimento e terapia pela metade. Um pouco ama o genro, outro parece me odiar. Com os empregados, difícil. Toma as negligências dos que a servem como ofensas. Começa entusiasmando-se, o tempo passa, enjoa deles. Agora anda às turras com o motorista, na verdade um boa vida.

Vimos meu primo exultante foi quando nasceu a filha. Telegramas de toda a parte. Notas sociais sobre o feliz acontecimento.

Era a cara dos Rossi. Arno achou-a parecida com Ana Lídia e quis esse nome para a menina. Jovita pensara no de Dona Mariana. Conciliatoriamente acabou Ana Mariana. Depois do batizado, o casal retornou ao Rio. A menina era paulistana, como desejara a mãe e todos os Rossi.

Os dias retomaram o seu curso.

31 A MULHER, A FILHA & OS AMIGOS. A advocacia por ofício. Leituras. Descobertas, interesse criativo. Entranhadamente, devoção à terra natal. Este, o universo daquele amante da vida, Arnóbio Franco de Melo, do artelho à cabeça uma natureza intelectual.

Realmente um gosto sua biblioteca no duplex do Leblon.

Arno sentia prazer físico do livro, a sensualidade de segurar nas mãos um objeto onde se encerrava conhecimento e/ou beleza. Adquirida a obra, que preferia não-encadernada, mandava-a logo para a oficina preparando sistematicamente o "papagaio" com os dizeres a dourar no dorso. E, nossa!, as turras de Bibliófilo x Encadernador. Chegava ao ponto de desfazer-se do exemplar mal trabalhado comprando outro pra começar tudo de novo.

Tive algum tempo de levar eu as obras, o Encadernador não queria tratar com ele. Depois vieram as pazes. E foi quando, forte jogador a beira da falência, o Encadernador correu atrás de socorro. Arno salvou-o como advogado e até lhe emprestou dinheiro.

Gostava dos espaços vazios e das superfícies despojadas. Pelas quatro paredes, além do retrato de Arnóbio por Pancetti – camisa solferino entreaberta destacando sob fundo cinza – viam-se uma "cabeça" de Jovita aos quinze anos por Dacosta, uma paisagem de Djanira.

O zelo que punha na conservação da biblioteca! Nada devia ser tocado. Ficava aborrecido quando a empregada nova, esquecida da recomendação, embaralhava uns volumes. A dedetizadora vinha expurgá-los periodicamente, mais vezes do que desejava Jovita, que não tolerava aquele cheiro, mas havia nisso uns ciúmes inconfessados pelo amor do marido aos livros.

Sobre a mesa sem gavetas a resma de papel. Ao lado da máquina de escrever, aquele objeto estético, ferro retorcido sustentando verticalmente o seixo – parlapedra – de Luiz Papi.

Gostava de minerais, cuja rigidez e cintilância o transportavam ao imemorial. À frente da livrarada, cristais de rocha em drusas grandes, pequenas, transparentes, coloridas. Diante de uma daquelas peças, ele era inquieto, parava. Pegava um fragmento de quartzo que aprisionava água – e o mudo documento de uma idade-sem-o-homem, nas origens, deixava-o pensativo. Por que o *depois*? Por que tudo não estacionara ali?

Como viajara, possuía curiosidades de artesanato que reunia numa prateleira de vidro. Se o visitante se agradava de uma qualquer, ao despedir era certo recebê-la embrulhada. Afirmava não conhecer o sentimento de posse.

Não se negava a emprestar livros. Se o interessado porém retardava a entrega, jeitosamente inqueria sobre a leitura. E ele, que tinha n'alma uns pecadinhos de furtos confessados, não deixava de discretamente vigiar o visitante...

Estantes de mogno abertas, dispostas contra a parede, exibiam dorsos gravados de uns três mil títulos, tudo classificado e catalogado. Trabalhou ali um ano jovem Bibliotecária.

A zelosa profissional! Logo nas primeiras semanas, ao chegar Arno em casa, pediu-lhe Jovita, pelo amor ao bom-gosto, retirasse aquele pequeno quadro de dourada moldura da biblioteca.

– Qualquer hora encapa seus dicionários de plástico.

Ele correu a verificar e deparou-se com isto –

SÚPLICA DO LIVRO

Não me manuseies de mãos sujas.

Não escreva em minhas páginas

Não unhe nem dobre minhas margens.

E ia em frente a enfiada de *nãos* do decálogo envidraçado.

Dia seguinte, a Bibliotecária:

– Gostou da surpresa, Dr. Arnóbio? Presente meu.

Casada com o secretário de uma sociedade de aficionados em *ex-libris*, vivia a encarecer a importância dessa marca de propriedade colada no reverso da capa ou no anverso da contracapa dos volumes. A moça sentia-se, com os dias, realmente frustrada pela ausência daquela etiqueta no acervo arnobiano.

O dono (após várias investidas): *Ex-libris*. É *kitsch*.

Bibliotecária: Que qu'ê isso?

– Simplificando, minha amiga, cafona.

– Pelo contrário, muito chique. Dá a maior classe à publicação.

– Você acha mesmo?

Quem não acha? Personaliza, como diz meu marido. Inda mais com uma legenda em latim pra diferenciar de logotipo, Dr. Arnóbio. Quer que traga o Paupério pra bater um papo com o senhor?

Por delicadeza prometeu pensar no assunto.

Notara que no *Sistema Decimal* de classificação Deus aparecia sob um número e isto o surpreendeu como algo ridículo, engraçado.

– Você já atentou para o número de Deus na Tabela? perguntou-lhe.

– 231. Deus é 231 no Dewey. Que que tem?

O Bibliófilo caiu em si e parou por aí.

A seguir, treinado em catalogação e classificação, incorporava ele mesmo as novas aquisições à sua escolhida biblioteca.

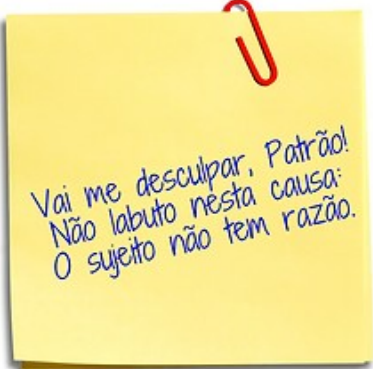
Ouvi uma vez o sensato D'Aquino observar que não entendia pra que gastar tempo em catálogo. Era ir à estante, se as obras estivessem arrumadas por assunto, apanhar.

Arno: Também acho.

Desarmado, o colega ficou a olhá-lo.

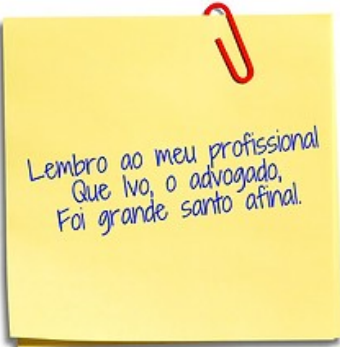
– Ora, ora, D'Aquino, e o prazer de organizar?

D'Aquino: Eis a última singularidade arnobiana. Querem saber da penúltima? Semana passada devolveu lá no escritório um processo. Com este versinho:



Vai me desculpar, Patrão!
Não labuto nesta causa:
O sujeito não tem razão.

Dr. Santiago apostila:



Lembro ao meu profissional
Que Ivo, o advogado,
Foi grande santo afinal.

Volta Arno:



Sim, mas reza o hino sacro:
Santo Ivo foi advogado
Advocatus sed non latro.

Foi o assunto da semana...

Gostava o amigo dos livros de se demorar a conversar entre eles. Tinha na ampla biblioteca, que ocupava parte superior do duplex, poltronas confortáveis. O barzinho ficava camuflado. Não queriam uísque? Mandava vir cafezinho, que devia ser forte e fumegando, para acender devagar o cachimbo com *Half and Half*.

Pegasse alguém um volume e o recolocasse, ele levantava-se e ia ajeitá-lo, batendo leve com os dedos qual se faz nas costas de um filho.

Certas ocasiões ele me irritava:

– Arno, você é um verdadeiro maníaco.

– O Encadernador tem um adjetivo melhor. O diabo do homem me xingou outro dia de *raquítico*.

– Raquitíssimo, meu caro. Tudo o que é seu dá a impressão de um rigor, uma meticulosidade...

– E há quem me tome por um dispersivo, um desordenado. Eu, que para ser alguma coisa, preciso de tudo ao meu redor na mais perfeita ordem, e sem isso nada sou.

32 NA BIBLIOTECA, via-se num cartão à frente dos livros:



Fraseado. Arno, ele-próprio, que escancarava os olhos bem para a vida, lia, lia, lia. Submeteram-lhe o famoso questionário: os 10 melhores livros a levar para a ilha. Pôs-se a contá-los, eram mais de 100...

Divertia-se falando sério dos acidentes de leitor-leitura – a brochura em que estamos interessados cujas páginas se desfolham pelo dorso e abandonamos de mau humor para ler depois de encadernada; o olho a distrair-se subliminarmente com o contínuo branco, acaso da composição tipográfica no eixo vertical do texto; a formiguinha surgida ninguém sabe de que açucars e que, esperta atravessa em diagonal; o cartão que não esperávamos e cai a reiterar votos natalinos fora do tempo; a própria contingência do senhor corpo; aquela ardência nos olhos, sobretudo ah! o telefone que nos estremece como se chamasse para algo urgente-urgentíssimo – receber a condecoração ou ouvir a voz da mulher amada e – droga! – é ligação errada.

Tinha a paixão de conhecer.

Não como diletante, detinha-se em cada assunto com igual interesse, matéria curiosa ou árida que fosse. Sempre crítico e desconfiado.

A Filosofia o atraiu desde cedo. Porém como eu o criticava ao vê-lo muito às voltas com tratados, inclusive de gurus orientais, e os amigos a dizer-lhe que ainda ia dar em doido, acabou concordando, patético:

– Vocês estão certos. Sistemas são autobiografias intelectuais com seus biombos de máscaras e ambiguidades. Preciso retornar dessas errâncias por praias absolutas e desembarcar no mundo.

Até aperfeiçoou o método de leitura de obras: apreender de pronto a tese do autor e muito texto ficava lido por metade, pois o resto (afirmava), era enchimento.

E memórias, diários íntimos, cartas, biografias, produções tais em que, informal, funciona a marionete humana foram a sua curiosidade maior a seguir, por bastante tempo.

Não faltavam resistências. Teatro. Sentia ojeriza pelo pingue-pongue dos diálogos, abria uma só exceção: Shakespeare. Também lia com prazer o *Fausto*.

Para o insatisfeito Arnóbio o mundo fora criado em 1500 D.C.

Jovem, alimentava seu fraco pelos clássicos. Com o tempo, o entusiasmo esfriou. Que tinha a ver, meus amigos, com aqueles temas e clima?

Da literatura da Idade Média leu um autor que ninguém lê, mas isto devido ao nome e apelido: Arnóbio, o Moço.

Eu: E que tal o seu homônimo?

– Um escritorzinho de baixa latinidade cristã. Consolou num escrito certa dama aristocrática infeliz no casamento. O que mostra que o problema não é de hoje...

Seroa (que não perdia oportunidade): Repara só, Nestor, nosso Arnóbio afinal não é tão difícil de contentar.

– Vocês não me conhecem...

Meu primo era todo da ficção russa, francesa e inglesa.

Porém voraz e impaciente para se deter muito num só autor. Algum tempo foi decidido proustiano. Quanto a Joyce, que Seroa punha nas nuvens, contava que aventurando-se com boa vontade no riocorrente das 800 páginas do *Ulysses*, exilado no fundo da condução., dormitara. Qual fora a epifania ao despertar? Tinham-lhe surrupiado o chapéu e o tijoloço.

Seroa: Aceitemos. O irlandês mira de viés, mas acerta na mosca.

Arno: Bem, prometo voltar um dia ao 16 de junho de 1904.

– E será na minha primeira edição.

– Olha que corre o perigo de não ser devolvida.

– Fica em boas mãos, meu caro.

Imenso ledor de poesia, lamentava ter de se aproximar da poesia oriental através de traduções ou, como agora se dizia: transluciferações. E da Crítica repetia desdenhosamente que "quando um crítico condena, o escritor (criador) está certo".

Tinha particular facilidade para idiomas.

Dominava vários e não apenas instrumentalmente. Lembro da ingênua satisfação do adolescente quando percebeu na cabeça dele a compreensão do texto fluindo na língua estrangeira.

– Muita palavra na cuca não estraga a criatividade, Arno?

– Nunca pensei nisso. Acredito que estimula, Nestor.

Vinha Seroa: Claro que estraga, gentes. E pra poeta quanto maior burrice, melhor.

Arno: Que despautério, céus! como diz o Sathoc. E logo quem fala, o sr. Eliakim Seroa.

– Bem, eu sou um estragado, culpa do meu velho. Vivia a repetir em casa, o propósito ou não, que quem não sabe pelo menos cinco idiomas além do próprio, era débil mental.

A tudo acabou Arno preferindo os seus queridos do verso e prosa.

– São hoje os verdadeiros filósofos. Sem esses intuitivos jamais saberíamos do animal homem: seus abismos, sua loucura e o resto.

Agradar a primo Arno?

Oferecer-lhe um livro. Festejava: como é bom ganhar livro, professor Nestor! Se a gente já tem, passa-o adiante, alegrando a outro. Toda véspera de Natal eu lhe oferecia um *Quijote*. Possuía-o em variadíssimas edições e línguas, aquisição dele ou presentes de amigos. Também tentava reunir a coleção completa das primeiras edições de nosso Machado. Nas minhas buquinagens, eu ficava atento e quando descobria um novo exemplar Garnier comprava-o e guardava-o para a data.

– Desta vez você me passou na frente... Mas tua gentileza não tem tamanho, Nestor! e me envolvia num abraço.

33 FOI POR ESSE TEMPO que passou a fazer conferências. Levo um pouco de responsabilidade nisso. Chamei-o para uma fala informal numa hora de aula na Universidade. Meus alunos e alunas ficaram entusiasmados com o Dr. Arnóbio, quiseram insistentemente que o trouxesse outra vez. Atendi.

Divertia-se seu tanto e a nós. Aquele telefonema anônimo se aceitava elaborar uma conferenciazinha, não importando absolutamente o preço; o admirador querendo a opinião dele sobre isto ou aquilo; o bilhete perfumado elogiando – uma fonoaudióloga? – sua voz; aquele que lhe escreveu sugerindo (não dizia a razão) que devia assinar-se Arnóbio F. de Melo...

Tinha o seu método. Deixava na sombra o irrelevante, o discurso do óbvio e a retórica.

Em hipótese alguma improvisava.

Pesquisava, pondo abaixo coleções de sua biblioteca, ia à Nacional à cata de periódicos. Seu orgulho não consentia ser apanhado numa desinformação, equívoco ou afirmação aleatória.

Não redigia.

Roteirizava-as geralmente em itens e desenvolvia as rubricas. Realizou muitas, um romaneio de temas: arquitetura, cultura e desenvolvimento, mito e poesia, estética e obra, música popular, pintura, etc.

Dispensando o copo d'água e as citações, punha a maior espontaneidade. Até o último da fila não só escutava como sentia-se compelido a ouvir. Não decorria mais de cinquenta minutos, o restante do tempo reservado ao livre debate. Estes, quanto mais acesos mais o inflamavam.

Incidentes? Só dois. Numa das conferências – *O Homem e as Convenções* – decidiu virar a luva pelo avesso. Começar, muito a propósito, com gesto de impacto. Deixou passar uns minutos da hora para criar expectativa e, obrigando a assistência a virar as cadeiras, entrou pela porta dos fundos da sala postando-se no pequeno estrado ali. Espanto, murmúrios, mas logo discorrendo com humor, conquistou o grupo.

Não fazia por triunfar de ninguém. Contudo não deixava de revidar, de dar a sua nota irônica quando necessário.

Havia um assíduo com a mulher, chovesse ou fizesse sol, que não perdia oportunidade de intervenções. Chato como um lugar-comum, sentava na primeira fila claramente marcando presença e interrompendo. Articulava as sílabas de cada palavra como quem chupa bala de jujuba. Quando porfiava demais, a companheira o cutucava discreta.

Sua intervenção certa vez desfiou um dicionário de rimas:

– Estranho que tão informado expositor teve tão poucos a nos dizer sobre bibliotecas

cinematecas

discotecas

fototecas

iconotecas...

Arno: e ludotecas. O senhor está coberto de razão.

Para riso geral:

– Noutra pragmática, comprometo-me, cuidarei de prática menos homeopática, mais sistemática e catedrática...

Costumávamos perseguir Arno com o fantasma patético do assíduo. Sim, morreu entre uma conferência e outra.

Parece que a cor da pele algo queimada ou porque exercera crítica ranzinza de rodapé, o candidato à Academia era toda-vez derrotado. Afinal teve o voto único a-mais como tantos. Seu Estado pagou o fardão, o presidente instou que viesse ao chá das quintas, marcasse o dia da posse.

Obstinado antes de academizar, adiava agora o ato indefinidamente. Oculta razão: o demônio familiar sussurrava ao novo imortal que ao fazê-lo... Mas pressionado por amigos, empurrado pela mulher, decidiu-se.

Em traje verde-ouro, subia à tribuna o empossando na poltrona azul.

O antecessor fora filósofo sem o saber, com seu ideário apaixonado, senhora e senhores, pontos de vistas personalíssimos (pausa). Que nenhum patrício desdenhasse do cultivo preconizado por aquele humanista: a leitura diuturna, a reflexão meditativa, a consciente e subconsciente criatividade. Esta, a matriz da originalidade...

Jogou para cima num voo largo as excelências da formação humanística *versus* tecnológica. Nova pausa, passou ao elogio da persona do ilustre. Não eram as humanas personalidades como certas obras? Esquecemos esta na estante ao lado da outra, lida e relida; vivemos uma existência inteira junto ao amigo até o dia afinal da descoberta (pausa). Senhôras e senhores, cumpria-lhe dizer tudo e o fazia jubiloso: seu antecessor revelara-se um dia poeta! Não um bissexto qualquer, não. Um vero poeta.

Declamava os admirados versos:

*Em que clima do mundo?
Onde? Quando Melpômene?
Descobre-nos, ó Musa,
Em que clima do mundo?*

e eis o orador estaca de súbito.

Imaginou a educada assistência tratar-se de nova pausa. Educadamente esperaram no conforto das estofadas cadeiras.

Na noite de flores e luminárias, noite de triunfo, as laudas do orador como bando de borboletas precipitavam-se sobre as cabeças. – Morreu em pé.

Acadêmicos meticolosos puseram em xeque a validade da recepção. Para alegria da viúva, venceu a ala liberal: tendo o recém-eleito proferido mais de dois terços da peça, estava – de fato e de direito – empossado. Sepultaram-no entre os pares no mausoléu da ABL.

34 NO TEMPO DE ESTUDANTE de arquitetura, Arno criticara o exibicionismo novo-rico do casarão colonial arremedo de chalé romântico, era todo do concreto, aço e vidro. Apaixonara-se pela arte e tecnologia fundidas num estilo único inventado pelo alemão Gropius – a Bauhaus. Ali estava a casa do nosso tempo: arrojo, sensibilidade plástica, funcionalidade.

Aconteceu que no último ano sua turma foi recebida por Le Corbusier. O Mestre estava de passagem pelo Rio, o professor da Faculdade conseguira aquele encontro. Encontro informal. "A Bauhaus é o paraíso da mediocridade", afirmara o suíço. Aquilo abalou os alicerces do jovem aprendiz.

Precisava conhecer Niemeyer, ouvir a opinião dele sobre aquela rasgada afirmação. Não sossegou enquanto um amigo comum não o levou ao estúdio do Mestre brasileiro.

Má sorte. Ao chegarem lá, uma tarde, estava de saída, desceram com ele. No elevador Niemeyer, pousando o braço no ombro do visitante, pediu-lhe que desculpasse, que aparecesse outro dia, disse amavelmente.

Apareceu, tornou-se amigo e admirador do brasileiro.

Arno arquiteto riscou a planta de sua casa em Teresópolis no Retiro do Lago, e ele próprio dirigiu o trabalho de montagem. Era em madeira.

Simples, a construção pousava quase em asa-delta no terreno. A porta abria no ângulo com dois janelões em guilhotina a cada lateral. A esquadria, pintada de branco como a balaustrada, contrastava com o castanho envernizado do pau-ferro.

Para espanto de todos, fez as divisórias móveis, o que possibilitava a distribuição renovável do espaço. Jovita achava isto uma extravagância, e ano depois os módulos, substituídos por paredes fixas, subiam até o teto como a dona queria. Lá embaixo, o lago ovalado, a dianteira da casa repetia-se no espelho d'água. à distância as encostas dos morros verdejavam em variados matizes, o Sol destacava uma, duas, muitas pedras negras. Mas o melhor da paisagem eram as umbaúbas luzindo as folhas de prata ao luar.

Sempre às voltas com um ou outro projeto. De madeira, de alvenaria, de materiais conjugados, em pilotis, sobre o solo, com lareira ou sem lareira. Eram gentilezas aos amigos e aos amigos dos amigos, empenhando-se em acompanhar a obra. Inda na festa da cumieira o arquiteto das horas vagas não faltava.

Clarinda, a esposa do Brigadeiro Antunes, assim que viu a casa da amiga Jovita, encantou-se. Quis uma igual e tinha que ser no Retiro do Lago. O marido andava desentendendo-se com o condomínio da Granja Curumã, então comprou dois lotes pegados, alguns metros abaixo. O arquiteto imaginou um risco diferente, submeteu-o ao casal, agradou. Durante a construção ela impôs

umas alterações, foi atendida em parte, e tudo saiu a contento dos proprietários e do arquiteto.

Porém logo Arno devia desgostar-se. A nova vizinha, a voluntariosa mulher do amigo, começou a transformar os espaços, calculados e funcionais, em ambiente compósito.

Comprava tudo o que via.

Fora, no gramado, logo o solecismo de um índio em vergalhão te apontava a flecha. E vinha a graciosa ronda da Branca de Neve e seus anões. Vasos grandes e pequenos atulhavam, samambaias-choronas em ganchos borrifavam dos xaxins os rostos dos passantes.

Dentro, móveis neoclássicos e tapetes em cores vibrantes. Decapês (obra da sogra), modelos artesanais de aeronaves (*hobby* do marido), um esguio bergantim (tapeçaria feita pela dona da casa), paisagens em moldura ouro-velho, porta-retrato colorido de casamento, fotos do Brigadeiro pilotando, acima da cama redonda bênção papal verdadeira em falso pergaminho.

O esmigalhamento do projeto injuriava a alma do arquiteto, que se esforçava quanto podia para não deixar transparecer o desagrado.

Jovita (era mulher) por detrás divertia-nos:

– Marido, quero um brechó.

O Brigadeiro não contrariava em coisa alguma a esposa, homem aliás que pagava pra não se incomodar:

– Arnóbio, eu não te nego razão. Mas casa, conforto, é assunto de mulher, certo? Que faça lá o que entende e gosta. E você não se aborreça com o pequeno museu de província...

Excelente homem este Brigadeiro Antunes.

Aparecia de quando em quando no Retiro do Lago a visitar os velhos pais que moravam numa casa amarela no condomínio. A aproximação de Jovita mais a mulher do Brigadeiro acabou em amizade entre os dois casais. Convidando-os Arno a uma ida a Santa Rita, lá se foram num fim-de-semana à Fazenda da Arca.

Imponente pessoa física, não teria feito má figura como diplomata. Embaixador Umberto Leal Antunes! gracejou Arno uma vez em que haviam ficado a sós de conversa na varanda. Antunes, militar reservado, abriu-se em confidências.

Fora exato o primeiro desgosto que dera aos pais que o queriam continuando a tradição familiar começada no bisavô, interrompida no avô e retomada com o pai, a carreira diplomática. Mas a real vocação dele, desde os tempos de escoteiro a comandar do chão aviõezinhos motorizados, fora a aviação. O outro desgosto e grande tinha sido o noivado desfeito com uma prima. Casara quarentão. Sim, a esposa era de origem modesta, cedo tivera que lutar pela vida mas reparasse que, no fundo, boa criatura. Gostara dela à primeira vista, verdade que quinze anos mais moça... Há muito, graças a

Deus, ela conquistara a família, que lhe descobrira as qualidades. Meu pai hoje entende-se às maravilhas com Clarinda...

– Compreendo. Deve ser como meu velho com Jovita.

35 EM TERESÓPOLIS, nas noites de Inverno, gostava zelosamente de acender a lareira. Construía-a com a maior técnica. Ainda assim (ou por isso) na primeira experiência, aquela fumaçada infernal invadiu a sala.

Jovita adverti-lhe para que ele ao remexer as brasas não sujasse de cinza o tapete. Nem fosse se queimar.

Arno (atijando a festa de fagulhas): Pode deixar, eu sei lidar com fogo!

Quando se cansava do que chamava a sua *pirolatria*, motivava outro passatempo de seu gosto: *caçar pérolas*.

Agora éramos todos a participar.

Trazia uma tralha de números de revistas, jornais, folhetos, derramava tudo no tapete. Sentados em círculo nos divertíamos. Sendo que era proibido explicar. Quem não entendesse, consultasse depois o travesseiro.

Uma batalha. Cada qual porfiava por descobrir a melhor tolice, o mais impudente texto-enganação, a obviedade, a convenção escrita e assinada.

Na esteira de – amigo é pra essas coisas; cada caso, um caso; a recíproca também é verdadeira; carro? uma segunda família; povão? ora tem lá as suas alegrias, deixá-lo onde está; café não põe ninguém nervoso o que põe nervoso são dívidas; dinheiro não traz felicidade, mas ajuda bastante; os povos anglo-saxões são mais honestos do que os latinos; o Brasil é o país com a maior reserva d'água doce do mundo...

Margarida:

Por favor, decifrem esta crítica do *Segundo Caderno*, de um senhor Duda Pedrosa – Uma palavra, duas palavras a celebrar ou violar o discurso, chance aberta na escritura multicultural, priorizada pela práxis da criatividade desconstrutora, que resgata privilegiadamente ícones, índices e símbolos textualizados à visada de abordagem do utente.

Seroa: Isso é koiné, gentes.

Margarida: E você, Kim, nos trouxe seus *doublets* carollianos?

– Cansei provisoriamente desse quebra-cabeças, minha querida.

O irmão instigava Saloméa: e a mana, não descobre nada?

Saloméa: Olhem o que diz esta revista de música – Cientificamente está provado, caros leitores, que os astros em seu incansável giro cósmico pela esfera celeste, concertam uma harmonia de *lá*.

Arno: Última hora, seus maldizentes. Declaro que nem tudo está perdido. Abram os ouvidos – Voto pela classificação, em primeiríssimo lugar, da *lixia* ou *alixia* (*Litchi chinensis*, *Soon*) como fruta de paladar fino e delicado.

Eu, ou outro: O quê? O quê?

– Mas não é incrível uma bonita frase destas desgarrada num artiguete técnico de fruticultura deste Dr. Ceslau Pitanga?

Jovita: Ah, a minha também é agrícola. Gente, árvores não levam anos pra crescer?

– Ouçamos! Ouçamos!

– Está aqui no *Carta dos Leitores* do JB – Que faz o Sr. Prefeito, governador da cidade, que não planta mudinhas de oitizeiros nas ruas? Excelência, o Verão e sua canícula batem às muralhas da pólis.

Avançávamos na noite, o sossego grande lá fora.

Apenas, em todos os primeiros dias de cada estação, invariavelmente, o casal de publicitários interrompia a entregar o jornalzinho da AMAR (Associação dos Moradores Amigos do Retiro). Redigiam, ilustravam-no e duplicavam-no a quatro mãos por prazer e conta própria. Entre notícias, aniversários, metiam uns escritinhos deles. Jornalistas – e jornaleiros – a visita era curta, com desculpas, apressados partiam um atrás do outro.

Então seguia-se a leitura em voz alta por um de nós.

– O Gil, neste número, dá uma crônica...

– Lê! Lê!



– ...O Astro-rei brilha! Sob um céu com mais estrelas, um povo liberto é hospitaleiro. Nenhum tornado nem nevascas nem terremotos que fazem do solo uma gelatina.

O Príncipe não perde horas com róisroises banquetes mulheres viagens nem caçadas. Dia e noite, ele, os ministros e ministras, pensam todos no bem público.

As leis são muitas, no papel. Se não há crimes nem castigos! As prisões não têm muros. Leves os ofícios, amenos os dias, com o jogo da péla e o bel-canto. – Prá que esquentar, né? diz o Dr. Macunaíma.

Vem. Quê que você está esperando, amizade? Vem pra formosa Pindorama.

Às vezes o Brigadeiro e a mulher estavam presentes.

Ele calava quase todo o tempo. Observando educado como se fôssemos uma esquadrilha de loucos divertidos, sorria. Ou contava interessantes casos de aeronáutica.

Ao fim das reuniões, ela desdenhava desabridamente: não entendia que graça podíamos achar naquilo tudo.

Seroa (grave): Que diz, minha senhora? Há muita "pérola" encrustada nessas "joias".

– Não vejo pérolas nem joias. E sempre ouvi falar na harmonia das esferas.

O marido:

– Oh, que é isso, Clarinda?

Seroa consertava também com uma amabilidade; e para o amigo militar:

– Meu Brigadeiro, sabe a última palavra que será proferida no silêncio terminal da esfera?

O bom Brigadeiro esperava o que viria:

– Ze...ro!

36 QUANDO SE ECLIPSAVA pra Santa Rita, e era em toda oportunidade, longe de relógio, rádio, jornal, Arno fazia higiene mental completa.

Lá, nas manhãs garimpas de serra, vinham os passeios a cavalo, Jovita, trêmula amazona sob o largo chapéu de palha, Aninha de bonezinho com o pai, segurando no arção da sela.

Outras vezes saíam a pé, a mulher observadora a indagar nomes de plantas, de pássaros, pelos caminhos e trilhas. E era aquela porção de palavras exóticas aos seus ouvidos: sumaré, gravatá, saíra, gaturamo...

Pronto seguiam calados, cada qual entregue a reflexões.

Mas Aninha lembrava as flores para o avô. Os três, porfiando colher os mais bonitos lírios-do-brejo, juntavam uma braçada e regressavam contentes. Mãe e filha as dispunham num vaso e colocavam na mesa de trabalho de Tio Justo.

Lembrança de Jovita, uma tarde foram ao túmulo da mãe. Colunatas e anjos, mármores erguidos, Arno a custo localizou o jazigo que a solicitude do pai conservava. Enquanto a mulher rezava junto à filha, ele afastou-se, acaso veria a sepultura de Natan. O céu azulava. Não sentia a menor emoção e indiferente só pensava em voltar. Voltaram meditativos, mas sozinho à noite na varanda diante da sombra do arvoredado, lágrimas molharam seu rosto.

Iam também de carro visitar Irmã Letícia que depois de formada em Letras professara nas Mercedárias, em Dois Corações, e então Tio Justo os acompanhava feliz, feliz com a netinha ao colo.

Porém a citatina Jovita, longe do concreto e do asfalto, desinteressava-se dos modestos programas e dizendo-se cansada deixava-o livre. Entusiasmada com a boutique que abrira de sócia com a amiga Saloméa, curtia as horas organizando material do negócio, lendo revistas de modas, folheando catálogos, numa febre de retornar ao Rio ou ajudando por gosto no escritório. Nora e sogro se entendiam à maravilha:

- Você é das minhas.
- Tão detalhista como o senhor? Acha
- Jovita, não zangue, é tanto quanto.

Logo que partiam, ficávamos na expectativa de carta. Chegavam de pronto. Menos de notícias (Arno detestava falar de si), eram aquelas singularidades quase sempre , como:

O FIO

*ali está, um fio
de textura desprezível. Aliás nem tanto: branqueja,
logo existe.
Sol lá no azul.
Cada coisa em seu lugar
ao calor, à luz.
E de-repente aquela presença. Até sonhei com Jovita
& o Fio, Margarida. Deixe contar –
Ali anoitece, ali amanhece, faça frio ou sol. Apoia-se,
ofídio de olho imóvel, e sente-se em casa. Coisa em si.
Da varanda não se acerta onde começa, onde acaba. Escreve
um contínuo desfiando gráficas catenárias apenas perceptíveis
sobre as copas dos ficus, alheio ao verde. O vento sopra?
Oscila no ar com os ramos...
Veio. Com que fito, ignoro. Serpenteia:
F. de fênix, I. de ictus, O. de ômega.
Arrisco que tenha dentro:
– ôi, comprido! É um desafio?
Sinalizando o quê? a via pr'a eu me livrar do labirinto?
Nada. Nenhum. Ninguém.
Mas terei, voz de cima e grosso, que rói o discurso,
terei, a gente nunca sabe, interpelado o insólito mensageiro?
Ah, Margarida, ah, primo Nestor! que boa a certeza dos simples.
Uziel:
Linha 10, Aninha! Com cerol, que os garotos passam
no carretel inteiro pr'a tosar as pipas dos outros. Quer qu'eu
puxe, Dr. Arnóbio?*

37 AMIGOS, SABENDO-O NA TERRA, compareciam, ficavam em conversas sem fim. Quando apareciam o Luís e o Petraglia, Jovita não deixava de associar-se ao grupo. Ouvia-se o alegre convívio, as falas e risadas na varanda.

Eis que chega o velho dentista, Luís Caçador! Não era alto, era comprido, e adquirira de sua paixão, a caça, o andar curvado, relanceando o olhar sagaz em torno, falando baixo.

Arno: Luíz, como vão as pacas? O D'Ângelis jura que você compra as pacas.

Plantado na desimportância que dava a tudo e a todos fora do seu *hobby*, ele nem considerava.

Depois, telegraficamente:

– A venatória não é pra qualquer. É um culto.

– Um culto? Então Diana caçadora o tem favorecido.

– Demais.

– Mas o culto não se conflita em você com o sentimento, Luís?

– Qual! Animais nascem para isso. São autômatos.

Cala, pra fazer-se de rogado. Então, recita:

– Parti na fresca da manhã. Tinha muito chão pela frente. Sei que o andar não cansava, os olhos espreitavam rendendo conta das coisas. Nenhum percalço. Nem que houvesse, eu sou ajudado, meus perdigueiros e minha espingarda em forma. Como digo, no final, sol a pino, aquela lagoa na Curva do Vento. Já vi muito cenário, até com perigo de caçador virar caçado, igual nunca. Era aquele bonito espelho d'água, toalha estendida no Vale, defendida pela distância. E por mais de sete bem contados boabás com a cortina dos ripsales...

– Um santuário.

– Um santuário da Natureza. Espaço frequentado só da boa peça. Bem, por Santo Humberto! pelo patrono do ramo, a caça miúda fica na prateleira. Falo da gorda. No anfiteatro forrado de relva, que avisto?

A Garça Azul – o Faisão Emplumado – o Falcão Peregrino – o Sabiá Poliglota – a Corça Platinada – o Flamingo Rosado – a Ave do Paraíso...

– E Luís Caçador ali.

– Eu, que descobria esse recanto do mundo, aquela apoteose vitralesca, mais a minha matilha atilada. Deixei cair embornal e espingarda, – era grande demais!

Arno: Palmas! Palmas! Bravos, Luís Caçador! rouxinol barroco.

Ocasionalmente surgia o Petraglia. Morrera-lhe a mulher, casara com a cunhada, era o mesmo homem divertindo o mundo e divertindo-se. Explorava agora eventos, festividades e excursões.

Uziel: O italiano chegou, Dr. Arno.

– Já o ouvi! Manda subir, e não esquece o vinho.

Jovita saudava-o:

– Oh, sr. Petraglia, muita saudade da bela Itália? Consta que organizou lá uma grande empresa...

– Piccola! Picolla, signora! e baixa a cabeça.

Joga o corpo de grandalhão na poltrona de vime, serve-se sem cerimônia da garrafa sobre a mesa. Copo na mão, discorre sobre os vinhos da pátria. Depois despejava a torrente de sua eloquência reiterando-se siciliano, exaltando a ilha natal, dove luce l'arcobaleno.

Alguém: Quando volta pra terrinha, "seu" Petraglia?

– Brasile! Brasile! Aqui fico. Io sono um meteco aculturado, non? E a amada Santa Rita é a minha base. Voltar para Europa! (pausa). Nosso vecchio continente de brasões e ruínas, condes e guerras... Dio buono! volte quem quiser, non? Io sono Giacomo Petraglia (infla o peito). Achei di buon'ora o País dos Assombros. l'altra Isola dos meus sonhos.

Arrecada os dois últimos pãezinhos de queijo do prato.

– Questa delícia non se deixa pra trás...

Mas aí, a pedido unânime, em baixos e agudos de barítono atroa os ares de Santa Rita. De pé, Petraglia canta.

Visita nada espetacular mas quase certa, a do Cirilo, antigo colega mais velho no Ginásio. Sua voz rala não condiz com a convicção forte de anarquista. Na cabeça dele, Arno é um seu discípulo da ideologia desde aquele tempo. Troça dele mesmo, reconhece-se neurótico. Observam-lhe alguns íntimos: Por que você não procura um psicanalista? Troça de si: Porque se a psicanálise me curar, viro burro.

Mora só no sítio *Casa da Mata*, adjacências da cidade e vem de bicicleta. De que vive? Vários cursos pela metade, pois inteligência não lhe falta, não se formou em nada. A Universidade burguesa é uma choldra, meu caro! e depois ele, homem social sim, mas não animal de rebanho. Cirilo faz somente o que gosta, e de quando em quando some de Santa Rita.

Conta: numa noite de má sorte, de volta pra casa, encontrou-a ardendo. Enquanto vizinhos acudiam com baldes d'água e paus, esperava ele no que ia dar tudo aquilo...

– Omisso.

– Omissíssimo. As labaredas, infernizadas, me olhavam raivosas.

Perdera quase todos os livros, calhamaços, e o caderninho de endereços. Oblíquo:

– O que mais me doeu, companheiro, foi a queima do belo retrato do meu barbudo Bakunine. Tu não lêes *O Catecismo Revolucionário* que te dei, mas está tudo ali.

Arno, para divertir-se:

– Dei-o de presente ao Menescal.

Cirilo não ri, agita a mão de dedos amarelados pelo cigarro:

– Esquece esse desastrado.

Verbera mais uma vez e sempre a democracia e seus direitos de fachada, a alienação geral e lamenta a falta de oportunidade de participar de comícios, passeatas, tomar um banho saudável de multidão.

– O Anarquismo salvará o mundo!

Afora o evangelho niilista do amigo, que ele tem o tato de não contradizer para não exaltá-lo – Humanidade num Futuro maior, socializada sem Estado nem Governo – Cirilo é um desafiador de estórias que para satisfação dele, Arno grava.

Munira-se ultimamente de gravador – presente de Seroa – e de suas horas soltas nos remetia em cassete uns "espetáculos ao vivo". Flagrantes, tiros, trelas das gentes das Alterosas, suas manhas e picardias, que Margarida adorava. Sugeriu a ele que publicasse. Uma seleção.

– O quê? Livro? Somemos razões, não passam de acanhada matéria vizinha do parvinismo. Tenho autocrítica.

Se insistia:

– Em homenagem a vocês, quem sabe? Claro, eu sonho mais alto.

38 – TEU CAMINHO É O ROMANCE.

– Não tenho imaginação para enredos, Seroa.

– Enredos! Esses apanham-se do chão, e quanto mais tênues, melhor. Trata-se de amarrar experiência e fantasia numa totalidade. Trabalho penoso? Escrever é batente.

Viviam os dois amigos a deblaterar. Dizia Seroa que o fato de ter cometido um divertimento – *Lilith & o Sr. Golem* – e o primeiro capítulo do romance coletivo deles – *Uma Mulher Pula a Própria Sombra* – em nada o autorizava.

Arno sabia-o grande ledor de ficção e gostava de provocá-lo. Era de vê-los, dois adolescentes eruditos. Conversavam conversa amena, acabavam se exaltando em discussão de alta temperatura.

Arno: O romance prolonga-se ainda no clima do psicológico. Mas a psicologia literária, quem não vê? tornou-se suspeita.

Seroa: Suspeitíssima. Ninguém deseja reflexões, análises ruminantes, numa palavra, coro indutor. Quer sim presenças, dramatização, num regresso às coisas. Partir da circunstância, do homem em situação. Não é ele um projeto a realizar-se no aqui e agora? Nem cabe ao ficcionista sofrer com atropelos ao real, dele é a co-realidade, espaço dos possíveis.

Arno: Basta um fundo psicológico inexpresso mas presente, e o bom texto, a boa palavra. Aliás estas têm que ser (riram de mim quando afirmei isso), têm que ser *gargarejadas* antes de engolir.

Seroa: Ideia interessante, tinham porém que rir. Pensaram numa goela algo estreita... Claro, é o escultor a respeitar a resistência do material, de passo que sem desdenhar das técnicas do novo jornalismo, até da gráfica, do visual.

Arno: Ôpa! Com a palavra o decano Nestor.

Eu: Quem é ele, entre estetas! Bem, História e Política. A viragem é total em tudo, como se diz por aí, num avançar caótico. Dosadas, têm o seu lugarzinho no contexto, por que não? num apelo ao questionamento do Tempo. O escritor goza da admiração mas não detém o poder intelectual, são os poetas! na voz do burguês e do povo. Ficção, diversão, certo. Mas o entorno social e o pensamento devem ter voz. Não, meus caros, não é só falar em Orfeu e Destino. Tenho dito.

Aparecia Jovita com uma bandeja. Não deixava de dar ar de sua presença bem-humorada:

– Isto não é para você, mulher... Altas filosofias!

Arno: Por favor, meu bem, pede a Aninha pra fazer menos algazarra com as amigas.

Seroa: Principalmente um saudável desdém por teorizações, escolas e modas. São válidas todas as teorias? Sim e não, desde que se acerte no alvo. Sentar o ficcionista diante do teclado, esquecido delas, e ir em frente agarrando os fenômenos em carne e osso, criando pela imaginação com *ostinato rigore*.

Eu: Falou, doutor!

Arno: Exato. Padrão. Leveza. Acabar com isso de dizer tudo e qualquer coisa. Vazios para o bom leitor preencher. Por que não? trazê-lo para dentro do livro.

Triturando o pistache trazido pela dona de casa, saboreávamos nosso uísque, meu primo tirando baforadas de cachimbo.

Seroa exaltava-se:

– Ao jogo, romancista Arnóbio. Faz como na tua arquitetura de colunas, frisos e balanços. Mais a fantasia, que não negará serviços. Decola verticalmente pelo imaginário de olho no concreto e transgressor feliz. E as soluções se precipitarão, nem são buscadas, acham-se.

Concluía:

– O romance tem muito, muito espaço pela frente pra alcançar a forma acabada, quem não sabe? chegará lá.

Arno: É como disse não sei quem – a nau capitânia da modernidade.

39 CERTA MADRUGADA o telefone me acorda violentamente. Pego às tontas o fone. Ouço baixinho, misterioso:

- Meti mãos à obra...
- Ahannnnnn?
- Duas personas... *Dossiê da Pintura*, novela poética.
- De onde fala?
- Alô! Alô, Nestor! Sou eu. Você boceja? Está dormindo, homem?
- Abruptamente me senti reposto na realidade.
- Eu não devia ter ligado, perdão.

Ainda mal desperto do sono de um dia inteiro a lecionar, me recompus dizendo a meu primo que falasse. Quis ele desistir, insisti que não. Atendeu logo. Descobrira um novo filão que intuía naqueles dias de serra, rasgando o roteiro primitivo, aquilo de planos só serviam para gelar a imaginação. Ia improvisar o tempo todo, certo?

– Certíssimo.

– Foi um verdadeiro estalo. O capitulozinho saiu num jorro. Não se trata de construir a multi-ficção. Mas se ela reflete a vida, a prosa da vida, nem por isso está dispensada de ser arte, certo?

Ped-lhe que deixasse de preâmbulos, e lesse.

– Vem você de um primeiro capítulo, venho eu de um pesadelo, vamos lá, Arno!

Leu pausadamente –

Estava de verde e debruçada no parapeito do navio, olhava o mar.

Uma ave. Era uma ave recortada no ar da tarde... Não, não me surpreenderia se de repente desferisse o voo!

De verde ela estava e o vento bulia a sua cabeleira negra, que toda esvoaçava para o alto.

Num momento, alguém cantava no convés deserto. Era ela! a esquiva daqueles dois dias a bordo, que eu notara subindo o portaló em Santos.

Fechei a revista sobre a qual esboçara o seu perfil e caminhei para ela.

O pânico movimento de fuga quando lhe disse que continuasse:

– Quer zombar de mim?

Outra pessoa, quando soube que eu era pintor.

– Ah, seu rosto! Vi tudo nos jornais. Um prêmio de viagem ao estrangeiro. A Europa, os museus, o convívio com grandes artistas...

Olhos de animal novo maravilhados.

Grácil, me fez seu confidente. Gostava de arte, desde menina. Mas o pai queria que se formasse em química. Química industrial! (sorriu). Acabara se conformando. Por fora,

claro. Como deixar pra depois a Pintura, se já ia fazer dezessete anos, e esse depois seria um fim de vida?

Calou. Mas logo, com vivacidade:

– Não quis viajar de avião? ela disse me olhando francamente.

– Gosto do mar. Veja agora como na crista das pequenas ondas desfolham brancas folhas de espuma...

– Eu também. Já reparou como muda de cor? Um instante, cinza; outro, oliva...

– Sim, há muitos mares.

Outro silêncio.

Observávamos à altura de um barco-pescador um bando de pássaros em revoo.

– Gostaria de ver um albatroz, ela disse.

– Esses, são modestas gaivotas.

– Ah, se eu fosse livre como uma dessas pequenas gaivotas...

– Que faria?

– Ora, havia de ser pintora.

– Por que não?

Sentiu-se compreendida e motivada com o aplauso. Ignorou meu jeito canhestro e exaltou-se:

Inteiramente pintora. E chegaria aonde ninguém alcançou. Inventaria cores novas, inexistentes, formas novas. Toda a Arte me pertenceria!

Entreguei-lhe o desenho, ela encantou-se e feliz comentou que só tinha um defeito.

– O quê?

– Oh, a dedicatória.

Deu-me um beijo no rosto e correu a adolescente morena e angulosa que desembarcava horas depois em Recife. E nem seu nome guardei, tão distante do concreto da vida eu vivia. Na minha memória era a Verde.

Meu universo era a Pintura, fora dela tudo me parecia indiferente, inútil. Por que acabamos tão reais e cotidianos, tão pouco nós mesmos?

Interrompeu-se. A continuação estava ilegível, pois jogara aquilo no papel de um jato, deixava pra outra vez. Quisera só dar notícia. Lançara as duas figuras principais, cortava, e numa volta ao passado, exporia em estilo vivo, que cativasse e prendesse leitores como Jovita, Margarida, Seroa e eu. De novo se interrompeu.

– Vai deitar, dorminhoco. Agi como um egoísta.

– Nada.

– Eu precisava comunicar com alguém. Você.

– Acho que dá partida a bom passo.

– É um reforço. Boa noite! Boa noite!

40 JÁ NO RIO, num encontro de rua, cobro-lhe o trabalho.

– Ora, Nestor, o Dossiê da Pintura! Li aquele começo que você conhece para Jovita. Não gostou. Foi até motivo de pequena discussão de minha parte. Eu estava tão abalado, tão confiante!

– Que opinou Jovita? Aqui pra nós, ela entende?

– Foi o que lhe revidei, aliás grosseiro. Concordou que não entendia mas na fraca opinião dela eu romanceava muito literário, poético demais. Leitor e leitora de hoje são realistas, reparasse como pouquíssima gente lia poesia. Ela própria, pra não ir longe, era uma dessas.

Observei a Arno que em parte ela estava certa.

– Então são dois.

– Arno não vamos brigar por causa de literatura. Apenas eu não gostaria, sinceramente, de ver morrer o romancista em potencial da família.

– Irei em frente, meu caro. Nada de aura nem epifanias que vocês imaginam. Os dois pintores. Mostro primeiro a existência em comum. Surgem ciúmes terríveis do lado dele. Vêm os conflitos, ela sofre, ele torna-se ressentido, trancado e amargo. Soçobra o casamento, etc., etc. Não vou contar tudo, do contrário perco um leitor.

– Cuidado. O tema ciúme já esgotou em romance.

– Eu não sei? Não vou por aí. Dramatizo um sentimento inconfessado, e mais terrível porque inconfessado: ela é mais pintor do que ele.

– Arno: retiro o que afirmei.

Quando acenava para um táxi, pois me atrasara para as aulas naquela manhã, vimos aproximar-se o colega de escritório D'Aquino. Ali os deixei.

Um domingo à tarde Arno apareceu eufórico em nosso apartamento.

Pusera de lado o *Dossiê*, pelo menos provisoriamente largara o tema, achara algo dez vezes melhor. Seroa também concordava. Que não abandonasse o primeiro assunto, mas este segundo lhe parecia bem superior. Já começara, queríamos ouvir?

– Minha luta será variar a cada capítulo, mantendo a forma romance; criar situações e personagens vivos; integrar todos, todos os elementos da dramaturgia num conjunto de se ler e ter vontade de reler.

– Somos todos ouvidos, Arno.

E leu-nos –

A escrivainha da Tia Júlia não era uma arca de apólices amareladas, era um poço de petróleo. Sacrificada às convenções, embora solteirona fora sempre criatura bem-humorada. O Diário que deixou, repleto de pitoresco e de repentes, era um retrato vivo

dela. Herdeira, Olívia (25), parou de chorar ao travesseiro a ingratidão da última amiguinha, confiou as ações a uma corretora canadense, largou o pequeno emprego e tratou de realizar o seu segundo sonho: viajar.

No Japão, tudo em horizontalidade – tetos e moradias, arbustos e jardins, caras de olhos repuxados, reverências – tudo lhe pareceu mágico à luz do dia. Não assim à noite. Em Hiroshima, pensando que acabava ali, saiu correndo de quimono para o meio da rua quando viu as paredes do estreito apartamento e objetos oscilando. Sorriso polido, o porteiro acalmou-a num inglês berlitz: na escala Richter o tremor não alcançara mais do que quatro ponto dois. Olívia desistiu de telegrafar à amigos informando que, graças a Deus, estava viva.

Já na imensa América aconteceu diferente.

Aço e vidro, verticalidades! Mergulhou naquele universo nova-iorquino de arranha-céus, shoppings, escadas rolantes, rostos internacionais, elevadores que subiam e desciam como asteroides. De noite percorria a 5ª avenida, embriagava-se de multidão, de luzes, de anúncios. Sempre de táxi para ganhar minutos, comia em automáticos, usava roupas descartáveis, postava cartões, excursionou em grupo. Foi ver nas Montanhas Rochosas as efígies dos presidentes, permaneceu nos Estados Unidos mais do que planejava e, etiquetas de hotéis nas malas, só voltou ao Brasil quando a saudade apertou mesmo. Trazendo a tiracolo uma tal de Joyce, Joyce Maxwell (23), que conhecera num clube feminista, arranhava espanhol e se dizia la más joven abogada of USA.

De torna-viagem, aqui, no condomínio da Barra, Olívia partiu para o seu primeiro sonho: a fonte luminosa.

Olívia abrindo a porta para receber, Olívia no festim de beijos e de faces lisas onde se revia, Olívia de short, cigarro entre os dedos, ouvindo música com a tribo de amigos, Olívia na cobertura do edifício de vinte andares, espaço privativo ajardinado...

A hora grande era à meia-noite. Quando apagados os spots embaixo, corriam todos para o terraço a céu aberto a fim de contemplar a maravilha, a fonte de duzentos esguichos.

Rumor hidráulico calava o tlin-tlin dos cubinhos de gelo nos copos dos pares enlaçados. Cada um, todos só olhos para o espetáculo dos jorros, chicotes d'água em vermelho, azul, amarelo, num balé de instante – som e imagem, ascensão e queda brusca, de novo sempre recomeçando.

Ardia a água em jatos. Dentro deles, chama altiva e forte, fluíam pulsões humaníssimas, obscuras. Ser jovem! Uma vez e nunca mais! Fruir aqui e agora o infinito momento!

Chuveiro de gotículas refrigerava... Belo. Belo.

– Esta a largada, meus queridos.

– Não pedimos guloseimas, Arno. Mas, leitores e felizes, nos cativam situações interessantes, personagens caracterizados, gostamos de saber da humanidade. Não queira fazer a obra impossível.

– Bem, depois dessa cena vivaz pra aliciar o leitor, apresento a estória da Tia Júlia, assunto de alguns capítulos onde a sobrinha aparece aqui e ali.

– Vejo Olívia a ocupar o maior espaço...

– Isso aí. Numa carreira de mulher moderna e as suas singularidades de criatura emancipada. Talvez uma empresária.

– Imagino que sairá algo bom.

– Também espero, Nestor. Agora vou me haver com meu projeto. Realizá-lo como entendo, não ouvirei ninguém. Ninguém.

– Certíssimo. Só deixa eu dizer. Se você fizer ficção silenciando as causas das ações todo tempo, criará personagens-enigmas. Darão pra fazer muita tinta correr... Se esmiuçar as causas, passará por profundo psicólogo. De qualquer forma, primo, concorra ao título de gênio. Escolha, escolha.

– Você...

– Já arrumou epílogo?

– Penso em vários. Não me decidi por nenhum. Talvez minha personagem voltar de mãos vazias ao antigo emprego. Ou casá-la, apagando-se esposa e mãe, no convencional. Seja como for, a derradeira frase dela definiria tal destino. Claro, minha Olívia teve mais de que catorze dias felizes na vida. Diz qualquer coisa assim: – Tudo bem. Mas eu vivi, não vivi, gente?

– Título?

– *A Fonte Luminosa.*

41 NUMA DAQUELAS NOITES de Teresópolis, abril ou maio, estávamos a sós nas duas redes da varanda. Os familiares dormiam, o silêncio descia das estrelas numerosas. Na penumbra, faláramos de tudo e nada, eu mais que ele. Atento, Arno tirava do cachimbo lentas baforadas que se misturavam ao vago perfume vindo com o sereno.

De súbito, quando toquei em letras, animou-se.

Eu acabava de repetir que não me conformava com a ideia de vê-lo jogar tempo fora em conferências. Concordou. Havia ocupação, ou antes, desocupação mais idiota? Já resolvera, punha ponto final naquilo.

– Ouço uma grande notícia. Aliás noto que você não é mais aquele ledor insaciável.

Venho me desfazendo de muita coisa, quero conservar somente o essencial.

Calmo, passou a expandir-se em confidências.

– Ah, Nestor, como eu gostaria de ser um tipo bem definido, positivo. Dizem que o Seroa é doidão. Mas repara como se meteu na aviação civil, faz carreira, e pelo menos na aparência, vive realizado. Olha o Sadhoc, que nós consideramos um extravagante. Quis um dia me levar pro negócio rendoso de salina, eu ironizei que não tinha feitio pra salineiro, ele perpetrou mais uma de suas frases e seguiu em frente. E eu, Nestor? Não, não me julgue um ressentido... Pelo menos conscientemente não me afirmo negando os outros e o mundo.

– Eu entendo. Você, meu primo, podia ser muito mais. Não é escritor porque não quer. Que fez de suas duas tentativas de romance?

Não respondeu. Desconversou.

– Vou te mostrar uns versinhos. Sobre a necessidade de Poesia.

– O quê? Grande notícia.

Levantou-se e entrou, retornando logo com uns papéis.

– Saiu de jato, é ainda rascunho. Imaginei um escrito anônimo, a mão, amarrotado na areia, que alguém encontra –

Poiesis Poésie Poetry...

*Bela mendiga, anda descalça
vestida como o rei: nua*

*Órfã de pai, o Poeta
grotescamente e com dureza
há muito banido do reino*

A Poesia, amigo, é necessária?

Poesia não tem vez

Devia habitar um duplex

mora debaixo da ponte

Primeira, você diz que

se alimenta de nova linguagem

de leveza e rigor.

A Poesia, amigo, é necessária?

A POESIA EXISTE POR AÍ DE FAVOR

Política, eis tema que só de raro em raro surgia em nossos encontros. Com espanto meu, foi ele quem conduziu a conversa para política.

– Acho grandíssima retórica qualificar a nossa geração de "geração sacrificada", "geração perdida". Aquela ditadura de bombachas do chamado Estado Novo foi pelo menos quinze anos de nacionalismo...

– Também acho. O velho Getúlio cometeu o pior erro ao retornar em regime democrático. Tivemos depois o nosso conterrâneo, o "Presidente da bossa nova" a prometer adiantar o Brasil "cinquenta anos em cinco"; Brasília! Agora "o homem da vassoura", Jânio qualquer dia uisquizado faz uma loucura e todos nós pagamos a conta. E os da farda, ninguém ignora, se reunindo, conspirando.

– Desde sempre. São os tenentes de 18, 24, 30...

Contei que ouvira do candidato militar na campanha em que Juscelino fora eleito. Entrevistas dos candidatos na ABI em dias seguidos. No dia do General Távara, ele batendo com a mão espalmada no tampo da mesa, declarava que havia na oportunidade dito ao candidato a vice: – Dr. João Goulart, que os políticos civis tomem juízo, do contrário instala-se no Brasil uma ditadura que vai durar pelo menos vinte anos. Com todas as letras, ouvi.

Disse Arno que o escritório de seu grupo virara um verdadeiro diretório de partido. Os advogados ali pensavam agora primeiro em política, só depois em processos e arrazoados. O próprio chefe, o Professor Arézio Santiago, da copa e cozinha do vice Goulart, contagiava a turma. Vivia a convidá-lo para colaborar estreitamente. Queria levá-lo à sua presença. O ideal seria um jantar no Sítio Capim Melado de Jango em Jacarepaguá, mas isso no momento nem

pensar. Que ia gostar dele, um bom, nada do que propalavam por aí os jornais da oposição sistemática.

– *A Tribuna da Imprensa*.

– Exato. Arézio citou-a e ao Lacerda entre palavrões. Jango era um patriota, cheio de propósitos de acertar, fazer o melhor a partir de reformas sociais trabalhistas. Sem maior cultura, verdade, mas intuitivo, traquejado, não lhe faltando habilidade. Nem carisma, como a Vargas, o estadista. O mal dele? Certas proximidades, principalmente o cunhado, um incendiário. Era preciso, vivia a adverti-lo, neutralizar o Brizola. Que ele, Arno, podia ser útil não só ao seu amigo mas ao Brasil. – Tchê! decide-te, paisano chucro.

Isso está me parecendo catequese cerrada pra cima de você.

– Cerradíssima. Depois o Arézio Santiago, com aquela cabeleira de jurisconsulto emérito, sei lá! balança qualquer resistência.

– Arno, não me diga que...

– Nestor, o que aí está acontecendo não me é indiferente. Nem pode ser pra qualquer brasileiro. Sinto que devia participar. Embora, confesso, cheio mais de dúvidas do que de certezas. Temos proletários, não temos proletariado nem verdadeiros sindicatos. Nossos partidos? Como em toda parte, saco de gatos de interesses. Pedir um estadista seria muito, mas...

– Esse o ponto. No fundo o que não funciona é o homem brasileiro. Põe mais 500 anos. Pensam duas vezes nesse tal encontro informal do Arézio.

– Que as coisas sigam seu rumo.

Bastante conversamos ainda dentro da clara escuridade. Observei a ele que o achara naquela noite um tanto melancólico.

– Agonia existencial dos quarenta. Vocês, quando embarcam para a América?

– Não demora. Margarida anda em ativos preparativos.

Elaborava ele por esses dias o seu auto-retrato para a *Nova Revista Brasileira*. Perguntei-lhe como andava o escrito.

– Muito bem, naquele ritmo...

42 PRIMEIRO DE UMA SÉRIE, este, a pedido do redator-sênior da revista, o auto-retrato de Arnóbio –



Um dia eu tive quinze anos. Pisava a terra com pé firme, mirava o Sol e tudo na confiança, deslizando no mundo concreto da vida. Grande era ela? Do tamanho do meu coração intrépido Arnóbio o tempo me pertencia. Cada manhã entregava um dia novo e eu dono daquele ouro. Amava, era amado. Eu vivia, no inteiro abandono, na perfeita alegria do jovem animal otimista.

Nasci e cresci em Santa Rita da Serra, MG. Obscuro lugar mas pelo qual tenho um fraco enorme. Não se trata de agarrado ao meu condado nativo fazer dele o universo, apenas fundo ali, chão nutriz, as minhas raízes, a minha identidade. Não é a toa, meu redator, que se flui a presença de cada coisa longamente no remanso de horas sem relógio...

Viajei meu país. Viajei o estrangeiro. Vi cidades. Vi rostos. Vi notáveis. Monumentos e espetáculos. Fachadas visionárias e sujos portos. Conheci subúrbios e revoltas: mundo. Alguma coisa ganhei, passaporte para certo descortino. Livros me chegaram às mãos, digeridos mal ou bem, como pude, neles acreditando encontrar as respostas. Eu era perdidamente livresco. Poetas, romancistas, pensadores faziam o encanto da minha juventude aplicada. Hoje, claro, estão em seus devidos lugares.

De todo modo, me sinto do meu tempo. Tempo de desmistificações, de redistribuição de energias após tanta sublimação perversa. Digam outros mal do século, eu não. Aliás paguei ao progresso o meu tributo... por aí vou depois do desastre de carro com a minha cicatriz de honra.

*Nossa **NRB** exige particularidades. Certo, sou pessoa real, não de ficção. Bacharel e casado – uma filha – metro e setenta – cabelos grisalhos – prefiro roupas claras – não dispenso meu cachimbo – escrevo diretamente a máquina – gosto de mandar e de receber cartas – o mar me atrai. Nessa ordem: durmo pouco, quatro cinco horas. Então leio, ouço músicas, fumo, vou à geladeira... A noite é grande. Seus gatos desvelam segredos, não dispensam os duendes. Ainda escreverei sobre os prestígios da noite. Deus? Para mim é a Beleza. O resto, Mistério. Mas vale a pena ter vindo uma vez, fitar o Sol.*

Como era de moço? Espigado, mecha caída na testa – conhecem o tipo – era o adolescente irritante. Desassossegado e insatisfeito. Considerava-me complexo, orgulhava de ser diferente, e não passava de um complicado em meu puro autismo. Ah, daquela singularidade nasceria em mim a obra. Tanta vitalidade não se ofendia com obstáculos, eu era as coisas. Eu mesmo e os outros. Habitava o centro e nada me abalava. Fui muitas vezes, sem escrever um verso, verdadeiro poeta.

Segui o Direito para ver meu pai compensado de não ter rematado o seu bacharelado. Por mim me teria formado em Arquitetura, o que fiz mais tarde. Embora as circunstâncias me permitam, não sou um ocioso, não sou um parasita da minha classe. Advogo com competência mas sem convicção. Minha arquitetura é só pros amigos. Possuo dois queridos amigos e confidentes, meu primo Nestor e Eliakim Seroa.

Minhas esperanças desde sempre foram as letras.

No fundo, somente aí entronizei meu sonho. Jovem, admitia a aventura como forma também de arte, arte e conhecimento. Esse, de primeiro, o sentido de minhas viagens. Daí também a ideia absurda por aquele tempo de me isolar num farol. Podem sorrir. É o que digo: na soledade de um farol no mar alto e nele conquistar todos os bens, os da arte e do saber. Então aspirava a tudo abarcar, tudo conhecer.

Tal loucura se esvaiu.

Mas frequentei o meu farol entre recifes sem ir para ele. Urdia a só devaneios de uma existência de liberdade inteira junto ao meu credo de beleza. Acreditava que ambas existiam no Universo, numa terra de raros, e que lá só esperavam pelos audazes. Estudante, descobri a igualdade e a justiça e atravessei a minha fase de contestador social como tantos – bem-nascidos ou proletários – de minha geração. É que é do meu temperamento me empenhar a fundo nas coisas que amo, as outras (isto persiste), não.

Muito cedo, no ginásio, cometi meus versos e prosa de adolescente; em viagens recolhi material para algum dia; lia tratados de Estética supondo encontrar neles a chave de todas as invenções; moço, concebi um poema de pura paixão intelectual. Tão ciosa em mim a ideia, que não o contava a ninguém. Anos e anos – visionário – edifiquei essa epopeia olímpica, inclassificável. Realizar o meu livro na escrita branca do absoluto, que glória!

Realizei-o? Coisa dessas ninguém realiza.

Observava os companheiros. Ativíssimos. Opiniosos. Renomados, ou procurando ser. Todos fazendo dentro dos modelos da hora. Nem o escondiam, proclamavam até em momentos de bravata. Eu era tão ignorante quanto eles, mas desconfiava.

Quisesse, também teria meu nome na capa de um livro qualquer... Depois (isto mais tarde) nem sei bem por quê, me larguei a fazer conferências neste bom Rio de Janeiro. Talvez a princípio para não dizer não às pessoas, a seguir porque se pensa que se tem sempre que fazer alguma coisa.

Conferências! Quantas pronunciei por aí? A desgraça do conferencista está em começar. Isso, dificilmente se para. Por acaso, parei. Não dei nunca importância a esses trabalhos...

E, de repente, a gente se vê na reta dos quarenta.

Bem pensando me reconheço com alguma experiência, alguma leitura (devia ler menos mas leitura acaba vício); em resumo, há muito tempo aprendiz, gostaria agora de começar a escrever. Alcançarei? Projetos não me faltam. Nem pequenas tentativas, todas aquém do que aspiro, é verdade. Desfecham para mim às vezes grandes esperanças. Confio. Experimento. Outras, largo tudo. Careço de quê? Arrisco esta hipótese: opacidade. Opacidade ajuda, meu redator, lucidez não. A lucidez dissolve quanto toca.

Conheço-a. Ah, doença implacável. Custei a perder o orgulho dessa companheira, divórcio impossível. Não, não é bom enxergar demais dentro da gente nem fora. Bloqueia, esteriliza. Flagelo que mata, principalmente para dentro, agravado em mim por certa angústia de ver o tempo passar.

Para onde – pergunto – para onde me levará? Só não quero ser o homem supérfluo.

43 ANO E MEIO é nada e é muito. Eu me afastara como bolsista para pesquisas históricas nos Estados Unidos, estava de volta.

Quase inteiramente por fora, como se diz, da realidade que tanto me interessava. Margarida, empenhada em conhecer o país e em fazer os filhos dominar o inglês, contribuíra para me ambientar lá mais do que eu quisera. Fizéramos relações, viajáramos. Arno e Seroa, vivendo a hora política, tinham se esquecido um tanto de mim, as cartas raras e sumárias.

Encontrava na presidência o vice João Goulart. Assumira com a renúncia de Jânio Quadros, em regime parlamentarista, e ultimamente um plebiscito lhe devolvera o pleno poder de mandatário.

Desejei saber logo de tudo em detalhe. Principalmente que estória aquela de colaboração parcial dele com o atual governo de que laconicamente me falara em carta.

– Acaba de chegar. Já saberás. Que dizem lá pelos States de nós?

– Estamos por baixo, Arno. Depois te ponho a par. Então, você embarcou nessa de engajamento político? É uma aventura...

– Alto lá! Engajamento é termo forte. Colaboro com uns artigos em jornal.

– Mas aquele insistente convite do Arézio de encontro seu com Jango...

– Realizou-se. Até que é conversa amena para quem chega, enquanto desembaraçam aí a bagagem.

Acontecera – contou – no Palácio das Laranjeiras, onde o presidente se hospedava nas vindas de Brasília ao Rio. Um almoço por sinal às três da tarde bem divertido.

– Divertido? Não foi, como dizem hoje os jornalistas, um encontro de trabalho?

– Devia. Mas um quarto personagem, um centauro dos pampas...

– Segurança?

– Armado. Não nos apresentaram. Ele é que foi estabelecendo conversa comigo. Biografou-se. Fora da juventude patrianovista. Aquilo sim, que era partido. Partido não, movimento nacional. O Arézio que ali estava era o "chefe", depois virara casaca. O acusado: – Pedrito! – O quê, estou mentindo? – Ora, foram erros da mocidade... – Erro ou não, vestimos juntos a bonita camisa verde do sigma e demos anauê. Arezio, tu és mesmo trabalhista? O presidente, que se retardara atendendo a um Fulano que se colocara no caminho, aproximou-se da mesa, desculpando-se. O Jango é um homem simpático, cordialíssimo. Quis saber até particularidades de minha vida. Quando lhe falei que tinha uma filhinha: Que tesouro! O Dr. Arézio já o informara de minhas capacidades. Eu podia sem dúvida ser útil ao governo dele. O maître serviu. E eu agradecia a gentileza do que dissera declarando-lhe que era apenas um intelectual, não esperasse muito de mim. O centauro, que

acabava de ver a parcimônia de picanha no prato do presidente: – Só isso, Jango? Política pede estômago forrado, que a jogada é bruta.

– E o Presidente?

– Riu, ele riu. Pôs-se a dizer-me dos obstáculos que enfrentava a começar pela posse em regime parlamentarista, mas esperava conseguir o plebiscito para volta ao presidencialismo. Arézio acudiu com comentários otimistas, tudo estava em ele se rodear de colaboradores competentes, formar uma equipe definitiva. Por aí. O picanheiro intrometeu-se: Reformas! O que proletário quer é barriga cheia e futebol, meus sonhadores. Olhei de relance o presidente, enquanto Arézio amarrava a cara. Jango acudiu com um fraco: – Pedrito, qu'ê isso?

– Arno, vejo que ao tipo só faltavam o poncho e as botas.

– Só. E o almoço, que não foi comprido, transcorreu nesse clima. Pudemos conferir alguns pontos ouvindo eu mais do que falando. Pois vi um presidente muito confiante em certos comandos militares, em forças sindicais, marítimos, movimentos estudantis, como se não estivesse no centro de grave crise. Frisou que, além de parlamentares dispunha de boa parcela de empresários progressistas e de militares nacionalistas. Acreditava acima de tudo no Povo. Na hora decisiva, o Povo Brasileiro havia de responder em massa ao chamado. Passou a justificar as afirmativas, e acabou com veemência me solicitando que eu escrevesse, que denunciasses a marcha da conspiração contra as liberdades e conquistas sociais. Arézio observou que isso podia ser na *Última Hora* onde não tocariam numa única vírgula minha. O maître veio dizer-lhe que o Sr. K. aguardava Sua Excelência ao telefone. Lá se foi o anfitrião puxando da perna, não se demorou, falou em compromisso urgentíssimo, engolimos nossos pudins e partimos.

– Tanto você como o Arézio esperavam outra coisa, imagino.

– Retornamos frustrados, ele mais que eu. No carro, calava. No escritório me chamou logo ao gabinete. Fiquei então sabendo que a tal peça era um aparentado dos Vargas. Quando Jango vindo da China após a renúncia de Jânio, consciente das resistências que existiam, retardara a volta passando primeiro pelos EUA na tentativa de dar satisfação aos que o acusavam de comunista, o companheiro de infância e de Faculdade correrá pra lá ao encontro do amigo, e aliado de primeira hora ficara fazendo parte do grupo de Jango.

Arézio, que não é disso, ironizara:

– Está sendo preciso despachá-lo oficial-de-chancelaria no Caribe...

– Ah! Curto ou comprido eu devia estar nesse almoço histórico.

– Histórico? Vê, meu bom historiador, como se passam os fatos na intimidade política. Sim, disse-me Arézio que notara Jango um tanto inquieto desta vez. Embora encontros com ele no Rio fossem assim mesmo, no Planalto não. Se eu consentisse em acompanhá-lo dali a quinze dias, veria. E desejou conhecer, sem rodeios, minha opinião sobre o amigo e suas teses. Transmiti-

lhe a impressão positiva sobre a pessoa, gostou. Eu precisava conhecer o Jango na intimidade do *Sítio do Capim Melado*, em Jacarepaguá, num bom churrasco...

– Um gozador da vida, esse Arézio.

– Esfriei o meu chefe porém quando, do político, observei que João Belchior Goulart tivera garra *pra chegar lá*, isso era óbvio, mas não o achava com estrutura pra se manter.

– Assim franco?

– Aí não gostou nada. Que o Goulart tinha carisma, isso o que importava, eu me equivocava. Não se zangou muito. E eu acrescentei que o problema maior dele era aliviar-se da carga pesada. – Que carga, tchê? Respondi-lhe que a dos baderneiros, provocadores e triunfalistas. Que só ele, o presidente, devia falar alto e bom som. Que o programa era manter-se no poder e preparar um sucessor seu, as reformas teriam que vir progressiva e gradualmente, e viriam.

– Certo. Não assanhar a burguesia e não cair do cavalo.

– Arézio me argumentou que Jango não podia agir assim, que ele fazia política naquelas áreas. Saí. Me excedera, deixei o chefe pensativo e eu decepcionado com a cegueira dos homens da política e leviandade. E aqui ouviste, Meu caro Nestor, o relatório que querias.

44 ACABAVAM DE ME LIBERAR a bagagem. Tratávamos de deixar o Aeroporto, quando surgiu o Seroa.

Não se espantou nada com a nossa presença. Seu pensamento parecia vagar longe. Seu rosto parecia o de um tribuno inflamado.

Vinha de um encontro com o presidente do Sindicato de Aeronautas e Aeroviários para o caso de se declararem em greve nacional. Criticou: estas começavam sempre pelo fim, antes de esgotar todas as negociações.

Partiu conosco.

Meus olhos e de Arno ao volante liam as pichações que se repetiam por toda a parte. Nosso amigo falava, falava:

– Diabo! não se chega a nada. (POVO UNIDO JAMAIS SERÁ VENCIDO!) Só palavrório, baderna e radicalismo, o presidente do nosso Sindicato (SALÁRIO MÍNIMO JUSTO!) agora desmascarou-se, não passa (ABAIXO O COMUNISMO!) de um bom "pelego" (VIVA A URSS: REFORMAS DE BASE, JÁ!) sim senhor e dos piores (POLÍTICA EXTERNA INDEPENDENTE!).

Sozinho atrás, Seroa era um comício, uma revolução que os muros e paredes sublinhavam:

– O Bigorrilho, como se diz agora, age com os interesses da Companhia (OPERÁRIOS E CAMPONESES, AVANTE!) pouco importando a ele e à curriola os da classe. Já empregou (GOVERNO PRA VALER!) um filho e a nora, juízes classistas. Vocês entendam, não estou contra o Jango. As teses dele são certas (UNE UNE UNIDOS!). Mas já deu provas de que não é, não é o homem para a conjuntura. Política, meus amigos, é coisa seríssima. Atrelar-se à linha chinesa do Socialismo. O homem é um populista. Um populista. E eu próprio (baixou a voz) eu sou um idiota – revoltado, quando devia ser revolucionário...

Arno tomou a palavra:

– O que eu penso e disse pro Arézio. O Goulart tem que insistir na campanha de volta ao presidencialismo já, para o qual foi legitimamente eleito num plebiscito ele ganharia fácil. Governaria com plenos poderes realizando sem demagogia o que pudesse, faria o sucessor em eleição e deixaria pro outro a consolidação de um regime social.

– Isso é receita a frio, que no quente da situação nenhum político enxerga, muito menos essa esquerda louca. Meus caros, nesse momento sinto vergonha de ser brasileiro. Não fossem os fundamentalistas de lá, mudava-me para Israel. Sim senhor. Ia, por que não? fazer horticultura vertical num *kibutz*.

Eu: E você, Arno, embarcou nessa...

– Arno, me desculpe. Torço também pelo melhor.

Seroa: Vamos ver só no que dá essa bagunça!

– Você é implacável, Nestor. Não me atrelei a política partidária nenhuma, não senhor. às favas trabalhistas e outros istas! Conheço meu temperamento. Seria um suicídio. Me entenda, não estou preso a um nobre ponto-de-vista, apenas empenhado, equidistante, numa participação real de mudanças necessárias. Nessa linha faço um pouco de jornalismo.

A acesa conversa durou o tempo de vinda até o Centro. Seroa não cessava de invectivar, agora menos agitado.

Que no estrangeiro era aquilo: a sensacionalista francesa, melhor dizia, a parisiense, nos chamava de o próximo satélite soviético. o Times, na conhecida compostura, que caminhávamos para o caos.

Procurei acalmá-lo com uma brincadeira:

– Tudo exageros, Seroa! A inteligência Artificial vai consertar o mundo.

– Com máquinas, Professor?!

Deixamos o amigo na porta de seu edifício no Flamengo.

De repente, Saloméa que não víamos, debruçou-se à frente da janela do carro:

– Salo! Tudo bem?

– Ótimo encontrar vocês. Por favor! controlem meu irmão. Kim quer salvar o Brasil e o mundo. Estou com medo que qualquer hora o venham prender, já pensou?

Prometemos que tentaríamos acalmar nosso amigo.

– Eu sei que são verdadeiros amigos: Preciso demais de vocês. Por favor! Não posso fazer a menor observação. Me passou pela cabeça sumir com alguns livros dele. mas não me atrevi ainda.

– Tire os mais comprometedores.

Despediu-se. Do Banco, numa folga de expediente, telefonaria pra nós, queridos.

Quando Arno largou:

– Como está! Ela nem viu que estou chegando do estrangeiro...

– Saloméa. Ela sempre me intrigou. Tem um bonito perfil, é perspicaz, um tanto imperiosa mas simpática e até tímida. Não lhe faltam admiradores, D'Aquino é um apaixonado dela, no entanto não se fixa em ninguém.

– Numa conversa me confessou, brincando, que não nasceu para o casamento.

– Ela não te viu. É o clima: paranoia total. Todo mundo a ponto de explodir, ninguém enxergando ninguém.

– Curioso, nunca soube direito das atividades políticas do Seroa.

– Nem eu. Acertamos não contar um ao outro nossos passos pro caso de presos não termos nada a revelar à polícia...

45 MEIO-DIA DE SÁBADO E SOL. Caras limpas, caras pintadas. Tamborins, pandeiros, baterias. Popurri de sucessos antigos e letras de agora cantados, berrados, deturpados. Pula-pula, rebolados, empolgação. Turistas de filmadoras filmando, doidos pra cair no samba, caindo...Todas as cores, todos os cheiros do carnaval carioca na hora quente, quentíssima.

Na Praça N.Sra. da Paz avistamos Irema. Esbaldava-se com o seu companheiro de dois metros, despidos de índios, num bloco atacando a marcha de Braguinha-Alberto Ribeiro:



*Chiquita Bacana
Lá da Martinica
Não usa biquíni
Não usa calção...*

A carnavalesca descobriu a gente. Avançou para o carro:

– Margô! Nestor! Deixem aí de pose, seus secarrões. (vendo Augusto e Andrea atrás): Oi, crianças bonitas!

Transpirava; o cabelo curto lhe grudava na testa.

– Tia, um beijo!

Mal nos disse outras amabilidades, correu para o grupo:



*Existencialista
Com toda a razão
Só faz o que manda
O seu coração...*

Eu: A gordinha nos xingou de quê?

– De secarrões. Essa Irema! Depois que voltou da Itália está duas vezes mais doida.

– Nesse ponto, Margarida, até que lhe dou razão. Aguentar aquele casca-grossa do Protásio... Vamos ver se ela para nesse segundo homem.

– Olha que já é o terceiro. No primeiro momento, quando pôs pra trás o Protásio, ficou aturdida. Que não era mais ela, repetia. Queria contar tudo a ele. Descobriu naqueles dias um tal de Professor Brasilino, e aí acalmou.

– Brasilino? Conheci um Brasilino na pensão do Catete onde morou Arno no tempo de estudante.

– É um escuro. Diz que temperamental mas ótimo. Não sai do consultório dele, frequentadíssimo. Irema não dá um passo sem consultá-lo. Vive a me chamar para eu ir lá.

– Pel'amor de Deus! Onde fica isso?

– Na Praia Vermelha, numa favelinha nos fundos do Benjamin Constant.
O trânsito escoava lento. Na batida cadenciada do ritual, os fiéis
prosseguiam à nossa frente carnavalizando Ipanema e o mundo.
Ao dobrar uma esquina, vimos o Lincoln acenando para um taxi.

Foi Aninha quem veio abrir a porta e se alegrou com a presença dos primos.
Tínhamos combinado os adultos um programa para a noite, eles iam a um
baile infanto-juvenil à tardinha.

Jovita apareceu:

– Que bom terem vindo cedo! O Lincoln esteve aqui, mas não quis ficar pro
almoço.

Margarida: Nós o vimos tentando um táxi.

– Sobe, Nestor. Arno está lá em cima num dia deste ouvindo música
clássica.

No duplex, meu primo mal me abraçou, indicando com o cachimbo que me
sentasse e explicando que era o 2º ato de *Tristão e Isolda*. Que a cena se
passava no jardim do castelo onde se uniam os dois amantes enquanto a corte
andava em caçada. Ouvisse aquele dueto de uma beleza extraordinária. Não
me apavorasse, desligava antes do fim do ato. Apenas o dueto, ode à noite e
ao esquecimento...

– Tudo bem.

Findo o trecho, desligou e preparou duas doses de uísque na pequena
geladeira camuflada. Passamos para a varanda a conversar amenidades.

Não demorou, e Jovita nos chamava para o almoço.

– Tão cedo? reclamou.

– A empregada está de um mau humor! Quer ir pra folia.

Depois do almoço:

– Vamos olhar o carnaval de rua, Margarida?

– Não me chame duas vezes, Jovita. Sou carioca, adoro.

E lá se foram ver fantasias, blocos, gente pulando.

Voltamos à biblioteca.

– Primo meu, tenho uma conversa séria.

E antes que eu dissesse palavra:

– Nestor, eu estou apaixonado.

– Casada?

– Não.

Sentou-se. Silenciara aqueles cinco meses, mas já precisava abrir-se com
alguém. E eu, como sempre, era a pessoa.

– Ah, compreendo agora por que você pouca atenção deu à minha pobre
presença.

– Impressão sua.

A empregada entrou com a bandeja do cafezinho. Arno apertou o tabaco no cachimbo, acendeu-o, e cruzando as pernas compridas, calava, esperando que a criatura se fosse.

46 – EM SETEMBRO; ano passado, Nestor.

– Então veio com a primavera.

Repetiu com a maior gravidade: sim, com a primavera. Por acaso.

– Por acaso passei numa exposição de maquetes no Museu de Arte Moderna. Ia saindo, quando reparei na mesinha uma pilha de catálogos. Imaginara que aquela mulher elegante que vira no recinto deserto fosse uma visitante. Parei indeciso, ela caminhou pra mim, que perguntei se não havia ali alguém. Idiotice minha, é que eu queria um catálogo. Ela, sorridente: – Eu, às suas ordens. Encantado com aquela espontaneidade, falei da mostra e acrescentei que me interessava levar o catálogo. Me entregou um da pilha. – Paga-se? – Gentileza do MAM aos realmente interessados. Voltei a percorrer a exposição, agora acompanhado, pois eu falava do impacto que certa maquete me provocara, e indaguei se ela era da Casa. – às vezes. Sou arquiteta. – Arquiteta? e nos olhamos estranhamente. Logo fiquei sabendo que era pernambucana, formara-se no Recife. Viera depois para o Rio e trabalhava com os irmãos MMM arquitetos. – Coincidência. Sabe que também sou formado na especialidade? falei. Ela: – Então não se? Assisti a conferências suas. – Ah, de repente me lembro de ter recebido os seus cumprimentos. Mas que o conhecimento me parecia vir de mais longe, muito mais longe. Ela tomou por um galanteio, e sorriu enquanto de novo nos entreolhávamos. Não é singular? – Singularíssimo. Como na ficção.

Conhecia meu primo. Como naquela hora porém não o vira. Falava sem descontinuar. Pensei em esfriá-lo como uma observação, não dava oportunidade.

– Ela capta tudo por intuição, numa feminilidade em estado puro. Leu tudo já sobre arquitetura. Quanto à pessoa, que segurança, que classe! Chama-se Soraya.

Larguei a ironia que me bailava na mente:

– Bonito nome para uma arquiteta.

– Não é? Da parte da mãe, Arcoverde. O pai libanês. (Levantou-se abrupto) – Vou te mostrar o retrato.

Procurou com empenho a *Módulo* onde, ia dizendo, ela aparecia num grupo. Pena! esquecera a revista no escritório.

– Você me apresenta um dia. Se acontecer...

– Ah sim! O retrato também pouco diria. Quero que você a conheça. Sobretudo o temperamento, você compreende? Reserva e espontaneidade, ímpeto e doçura. E pra maior encanto, uma voz aveludada, rouca. A voz dela é um afago e há um abandono em seus braços compridos. De repente, diz frases assim: – Coitada da mulher! Ela só tem o corpo e o direito de ser louca. Mas a mulher, para vocês homens, é a festa. A ela foi confiada a guarda da alegria.

O telefone tocou. Precipitou-se:

– Ah, se fosse ela!

Pousou logo o fone. Engano.

– Eu sei que no fundo você está me condenando, Nestor.

– Mas se me limito a ouvir.

Conhecia, conhecia bem aqueles silêncios mineiros. Que não acusasse, o problema não era julgar, mas compreender. Lutara, tentara esquecer.

Fumando, fumando sempre:

Quer saber? Penso muito a sério, penso em contar tudo a Jovita pra me salvar.

– Loucura. Vá devagar.

– Nestor, não me agrada uma situação dupla. Você me conhece, você sabe: sou homem de uma só mulher.

– Até certo ponto.

Não atentou para o meu sorriso.

– ... e depois este Rio é muito pequeno. Não gostaria que Jovita viesse a saber por terceiros. Hem?

– Você é maior de idade.

– Mas estou confuso, Nestor.

– Espere, homem, não cometa uma tolice.

– Certo. Devo esperar. Eu sabia que meu primo me diria uma boa palavra. E baixo, quase que só para si: Esperar, esperar.

– Que tramam contra a ordem esses dois intelectuais? exclamou Margarida surgindo com Jovita na porta.

Sentaram-se. Preocupavam-se ambas com o possível programa da noite. Tínhamos entradas para o baile no Bola Preta. Mas o tempo ameaçava qualquer programação. Nas cidades vizinhas, informavam rádio e tevê, na serra das Araras ainda chovia muito, rompera-se parte da represa da Light.

Arno. Talvez essa tormenta nem alcance o Rio tão forte.

Eu: Pode diluir-se pela Baixada. Parece que é o que os entendidos chamam de tormenta tropical.

Acabou a conversa nos nossos ingênuos carnavais de infância.

47 NAQUELE SETEMBRO em que se haviam conhecido, Soraya morava num pequeno apartamento na Esplanada do Castelo. Arno não se conformava que ela pudesse viver ali, sobretudo com a zoeira daqueles aviões no Aeroporto Santos Dumont chegando e partindo. Ele pretextava que já se habituara e que os vizinhos eram ótimos.

Arno não dizia nada. Tinha um apartamento na Praia Vermelha com um inquilino que quase um ano não lhe pagava o aluguel. Entrou em acordo amigável, reouve o imóvel, e convidou a amiga para mudar-se para lá.

Um fim de tarde, saindo da visita a colega recém-operado, eis que os avisto à entrada de um edifício.

Viu-me também Arno, correndo pra mim de braços abertos.

Apresentou-nos:

– Este, Soraya, é meu primo Nestor, de que tanto lhe falo. O meu melhor amigo.

A jovem mulher de olhos sarracenos:

– Eu desejava tanto conhecê-lo, e de repente acontece. Que prazer!

Arno: Agora quero que se tornem grandes, grandes amigos.

Ela: De minha parte, já sou, Nestor! e pousou em mim os redondos olhos pestanudos.

Subi com eles no apartamento.

Havia plantas por todo canto.

– Mas isto aqui é um jardim suspenso! eu disse.

E como me aproximasse de uma pendente, tocando-lhe as folhas, Soraya gracejou:

– Não é desidratada não. Adoro plantas mas naturais.

Arno: Essa aí, Nestor, é uma árabe degenerada. Gosta de matinhos, e detesta jóias. Me priva do prazer de lhe oferecer tais presentes.

Abrindo a porta envidraçada:

– O apartamento não é grande, mas a vista do mar...

Pegou na mesa dois papeluchos. Agora que escrevia na Última Hora recebia volta e meia cartas anônimas. Que eu lesse!

À Máquina, uma catilinária xingando-o de articulista de fancaria, marxista fanático e por aí.

– De aplauso, nenhuma mensagem?

– Nenhuma.

– Você bem podia ignorar esse lixo.

– Só guardei pra te mostrar. Esquece.

Vimos para as poltronas da sala. Soraya havia soltado a cabeleira, que lhe emoldurava o rosto comprido. Sentou-se a seu lado, discretamente segurando a mão de Arno.

Era evidente que estavam ambos contentes com a minha casual presença, e ali quedamos a falar do passado, de nossas viagens pelo Nordeste, de Pernambuco.

– E você, primo, com a garotada na feira de Garanhuns.

Soraya: A minha cidade natal. Ah, que saudades! Vim com doze anos pro Recife, nunca mais voltei lá, mas não a esqueço.

Meu primo: Garanhuns, não me fale. Eu soltando na ribanceira o gaiolão de pintassilgos, você espantado com meu gesto, a garota moreninha de olhos de jabuticaba: Moço! Moço! o senhor é muito bonito soltando os bichinhos e que saiu correndo...

– Maior alegria foi quando você pagou alfenim pro bando alvoroçado.

Soraya, um tanto irônica:

– Bonito! E foi na minha Garanhuns. Só gostaria de ter sido a garota dos olhos de jabuticaba...

Ressurgido e reconhecido, aquele momento crescia do chão antigo e, alçando-se ante nossos olhos, era um fragmento vivo grato de revisitar. – Silenciávamos.

Soraya: Nestor, vem conhecer, como diz Arno, a minha tenda árabe de trabalho!

Contra a parede da saleta junto à janela, a tulipa da lâmpada inclinava-se sobre a prancheta. Duas cadeiras desapareciam debaixo de revistas, álbuns, desenhos dobrados, rolos de papel vegetal.

Um projeto se destacava sobre o fundo azul da prancheta, que a régua larga interrompia horizontalmente. Explicou-me que se tratava de um *risco* para acréscimo de andar de cobertura num edifício da Barra.

– Penso que encomendas dessas não são das mais interessantes.

– Realmente, não são. Miúças do ofício, como se diz lá pelo meu Nordeste.

– Nada disso, Nestor. Soraya vive arquitetura as vinte e quatro horas do dia.

Aproximei-me da estante apertada de livros onde se via Le Corbusier e sua gravata-borboleta numa foto com um grupo de arquitetos brasileiros entre os pilotis do palácio de MEC. Entre a livrarada, vi o grosso volume *De Architectura* de Vitrúvio. Puxei-o curioso.

Arno: Está conhecendo? Veja a dedicatória. Aquele presente de Mons. Brasil em Santa Rita.

Ela: Bonita edição espanhola ilustrada, não é? Desejei um tempão essa obra, fiquei tão feliz com o presente.

Soraya quis saber detalhes sobre a origem do volume. Ouviu-me sorridente. Ah, tudo que se referia a Arno lhe interessava demais. Depois falou

com entusiasmo de uma retrospectiva de maquetes, exposição coletiva que se realizaria no CREA, em que ambos apresentariam trabalhos antigos.

Arno: Eu ainda não sei se apresento.

Soraya: Vai participar, você me prometeu.

Anoitecera. Lembrei que eram horas. Ela pediu que eu ficasse mais um pouco e pedia com um olhar a que era impossível dizer não.

48 VOLTOU LOGO com refrigerante. "Só lhe falta o chador", pensei. E compreendi a paixão do meu primo. Reuniam-se naquela mulher morena heranças de sangue árabe que a contribuição bugre dos Arcoverdes não perturbara, talvez até aperfeiçoara... Não sei se leu meu pensamento, sorriu naturalmente e sentou.

– Nestor, gostei ontem de ser apresentada por Arno a um amigo de vocês, o comandante Seroa.

– Realmente, uma figura. Está aí um filho de judeus sem vocação nenhuma para segurar dinheiro. A irmã, Saloméa, é que é uma financista de marca.

– Que homenzinho! Até aquele topete lhe assenta, não é?

– Aquele topete é pra crescer. O Seroa daria tudo pra ser uns centímetros mais alto. Ah, mas se você gosta de tipos, Arno tem uma coleção. Precisa conhecer o Sadhoc. É a criatura dos truísmos, a propósito ou não. Nós o apelidamos de Ad-hoc.

– Só notei no Seroa uma certa singularidade...

Arno: Essa singularidade existe. E isso se acentuou principalmente depois da crise.

Ela espantou-se.

– Que crise? Esteve doido?

– Quase. Andou bem perto quando jovem. Largou o Direito que cursava comigo na Nacional, fez-se controlador de voo, depois aviador.

– Nessa fase, Soraya, ele quis matar o nosso Arno.

– Que horror! Me conta isso, Arno.

– Na Faculdade, primeiro aluno. De uma hora pra outra encasquetou que não sabia devidamente matemática e que isto o inferiorizava em família. Na tribo nele, quem não falava pelo menos cinco idiomas e era forte em matemática era débil mental. O Sr. Eleakim pai, horas antes de morrer, ainda resolvia na cama uma equação... O nosso Seroa! É judeu carioca mas não quer nada com a sinagoga. É culto mas desdenha a cultura. É pela revolução social mas irrita-se com os proletários. Enfim, julga-se um grande amoroso, mas não se fixa num só amor.

– Sim, a crise. Vocês não me falaram da crise.

– Aí, mergulhou de cabeça na geometria não-euclidiana. Vivia trancado no quarto convencido de que só a racionalidade pura resolveria todos os problemas. Até que um dia veio me matar.

– Que horror!

– Horror? o Sr. Nestor nega, mas foi cúmplice no lance. Naqueles dias, enviamos pro alucinado esta brincadeira:

*Meta-pata-físico
estás, Seroa.
Não é uma boa!
Com quantas tábuas
se faz uma canoa?*

Ele estava pior do que imaginávamos. Eis que ouço bater à porta uma tarde. Vou abrir e o homem em pessoa a me apontar um 32. Salvou-me a presença de espírito. Assestando os dedos em forma de revólver, perguntei: – Que marca é o seu, amigo? Esta reação desmoronou-o, caiu nos meus braços chorando.

– Ah, eu é que não viajava em avião pilotado por esse moço.

– O quê? Ele precisava ouvi-lo falando de profissão, hem, Arno? Diz que sente uma profunda emoção ao penetrar na cabine e sentar frente ao painel. Que a aeronave é uma parte dele, ele uma parte dela. A alguém que o aconselhava submeter-se a análise, respondeu: – Nunca! se o divã do meu tio Freud me curasse, eu ficaria burro.

– Um comandante prestigiadíssimo. Aquela do revolver não era ele. E um belo dia me confessou que a Matemática, como a Ciência e a Filosofia, está cheia de buracos negros. Fechara esses livros. – Escolhi, meu querido Arno: fico com os buracos negros da vida.

– Então não é o ironista que aparenta? observou Soraya.

– Um humorista. O bom Seroa diverte-se. Só perde aquele jeito quando as mulheres lhe falam em casamento. Que o diga aí o Nestor. Acredita-se um grande amoroso, enrola-se cada dia em novos casos.

Soraya: Pessoa tão singular deve escrever, ele não escreve?

Arno: Ah! Negou-se a responder uma vez sobre as dez mais belas palavras da língua portuguesa. Despachou o rapaz da *enquete* com esta: – Não respondo porque vocês não vão publicar. As dez mais belas palavras da nossa língua, meu jornalista, são pornográficas. Mas sim, aos vinte anos, ele publicou uma novela.

– Novela? Imagino coisa bem original...

– Desde o título: *Lilith & o Sr. Golem*. O Seroa é homem inteligente. Tem a felicidade de não ser um puro intelectual. Conhece tudo, o que não conhece, intui. Não se fixa em nada, é um grande preguiçoso pra escrever.

– Gostaria de lê-la, Arno.

– Pois você terá o meu exemplar da novelinha.

Eu devia partir. Soraya levou a bandeja para dentro.

– Vou pro Leblon. Te deixo em casa, Nestor.

Tentei falar sobre a situação de Arno com Jovita. Ele me ouviu, observou cordato que era uma situação complicada.

– Estou dividido entre Urca e Leblon.

– Noto você bastante feliz na Urca.

– Uma felicidade não isenta de sombras, acredito, meu primo.

O sinal vermelho fechou. Calávamos. Quando arrancou, pedindo a ele que não quisesse mal, ponderei que estava metido num jogo perigoso.

– E eu não sei? Seja lá o que tiver de ser.

Outra pausa, desta vez mais longa.

– Afinal Jovita...

– Preferia falar do Leblon. Sinto-me tão satisfeito com tua visita.

– Então falemos da Urca.

Ele: Ótimo, você sempre meu amigo. Ah, Nestor, as poucas horas que passo com Soraya, fogem. Tudo que se refere a mim lhe interessa. Levei-a outro dia a conhecer nosso escritório. Notei que estranhava o luxo das instalações, tanta sala, tantas divisórias envidraçadas, mas calava. No gabinete do Arézio, que estava ausente, não se conteve: – Que decoração! Observasse ela a cinta branca circundando a foto aérea das terras no Planalto Central do ilustre chefe, eu disse: – O quê? Do tamanho de um município! O Dr. Arézio Santiago não é trabalhista? Ah ingênuo!. Expliquei-lhe que era tão trabalhista como gaúcho, tendo ido criança para o Rio Grande. Agora tinha vergonha de se declarar goiano.

– Possuímos um tipo desses na Universidade.

– Soraya insinua com certo tato que gostaria de conhecer o cenário de minha infância mineira. Você que acha da ideia de levá-la à Fazenda? Ela ia adorar a *Arca*.

Silenciei dois minutos, ele também.

– Vai sim. Arranja um conhecido pra fazer de noivo em atenção à perspicácia de Tio Justo.

49 SENTADO AO LADO do motorista Joel, Zé-Geraldo silenciou nos primeiros minutos: cravava no boletim de turfe nomes de cavalo duplas, placês, para suas apostas de domingo.

– Vinil ou Cravinel, queridos?

Soraya: Eu marcava Cravinel.

– Certo.

A seguir guardou o folheto e ninguém mais o segurou, estendendo pra trás o braço com saliente tatuagem, a falar, a opinar.

Nas paradas, encontrava invariavelmente um conhecido. Gordote, vinha bamboleando o corpo vigoroso mas lépido para o carro, onde havia que esperá-lo. Pagava a demora cada vez com um caso pitoresco.

– Gente, olha só o que me acontece. Um capenginha me perguntou se eu era corredor da São Silvestre. Disse-lhe que arquiteto. Fez um gesto de desdém como se eu fosse um pária.

Soraya: Você gosta de viver, não, Zé-Geraldo?

– Adoro, querida. Meus deuses? Arquitetura, Money e as Divinas.

Arno: Que acha da crise, Zé-Geraldo?

– Crise? Você exagera em seus artigos da *Última Hora*, doutor.

– Você os lê até o fim?

– Nem sempre, confesso, e gargalhou.

– De garoto escutava o velho dizer que o Brasil ia péssimo, que o Brasil ia quebrar. Ficava só imaginando como seria o gigante quebrando e o estrondo. Crise! Não enxergo crise nenhuma! Projetos não me faltam, lá em casa tudo ótimo. Francamente... Melhor que esta vida só esta vida.

Perto de Santa Rita pararam no Poço da Pedra. Prazer de bebericar água de fonte na concha da mão. Logo Zé-Geraldo sumiu mato adentro. Reapareceu, radiante. Topara aquela casa de joão-de-barro!

– Que maravilha de arquitetura, Zé-Geraldo! exclamou Soraya.

Pousou-a nas mãos dela:

– Meu presente de noivado, coração.

Encontraram a Arca em festa.

Aquilo foi uma surpresa para Arno. Tratava-se do encerramento de uma Semana Ruralista do Ministério da Agricultura. Missa pela manhã, distribuição de certificados e agora, na tarde azul e sol daquele sábado, o grande churrasco patrocinado por Tio Justo. Parecia reunido ali o município inteiro. Fazendeiros, líderes rurais, sitiantes, dirigentes de clubes agrícolas, professorinhas com seus alunos de uniforme, trabalhadores, conhecidos, desconhecidos, penetras. Ruidosos, circulavam no amplo espaço dos fundos da Fazenda. Bandeirinhas coloridas ao vento. Um conjunto regional sob o toldo de um palanque animava

a festa ao ar livre. Os alto-falantes transmitiam. Reporterzinha da Rádio arrastando comprido fio enviava notícias do evento e os números musicais para o Centro da cidade. Anunciou com ênfase a chegada dos simpáticos participantes do Rio de Janeiro embaralhando nomes.

Arno: Que felicidade, Soraya, termos chegado depois dos discursos.

E foram achar Tio Justo entre fazendeiros, agrônomos, veterinários, técnicos agrícolas, sitiantes e povo da cidade. Envolvido no acontecimento, pouca atenção pôde dispensar aos recém-chegados. Desculpou-se. Que Arno fizesse as honras da casa à moça e ao noivo. Falava, quando solicitado por um líder rural chamando-o afoito para a cerimônia da árvore, acrescentou que ficassem à vontade.

– Vou plantar o pinheiro comemorativo do evento! disse com singeleza.

– Zé-Geraldo, sentindo-se de pronto liberado do papel para que fora convidado, entregou-se à geral alegria e ao chope.

– Eis-nos, graças à boa Ceres, dois colegiais em férias.

Soraya: Então me leva pra conhecer tudo, cada canto, Arno.

– Primeiro quero apresentar você a uma pessoa.

Drigiram-se para o casarão residencial de vidraças verberando na luz intensa. Na sombra das arcadas pisavam em crespas folhas de amendoeira que o vento impelira na manhã.

Os olhos grandes de Soraya tornavam-se maiores numa curiosidade quase indiscreta.

Num quarto do térreo a amiga viu-o abraçar-se a uma velhinha de branco, muito asseada, num abraço e beijos que não acabavam.

– Mãe Jovelina, meu amor!

– Arninho, meo fio! meo fio!

Apresentou a moça do Rio de Janeiro, Soraya beijou a velha dizendo-lhe amabilidades.

Subiram por uma escada interna, de passo que lhe explicava quem era aquela criatura e o que significava para ele. Ela estava presente em todos os momentos de sua vida desde os mais pequenos. Começava logo de manhã, ao servir o café a ele e à irmã. Mãe Jovelina migava o pão na xícara. De repente ele abria num berreiro. Acudia Mãe Jovelina querendo saber o que acontecera. – O pão bebeu o meu café! Ela começava tudo de novo.

– Viu só que velhinha linda, que lucidez nos seus noventa?

Soraya: Que seria do mundo se não houvesse pessoas como sua Mãe Jovelina...

Já no salão, móveis e objetos, aposentados de suas funções anulavam-se na condição de coisas, e ela sentiu-se de pronto rodeada em silêncio. Uma presença lhe falou: o retrato a óleo de Ana Lídia.

– Nossa! Como você é parecido com sua mãe... e se deteve.

– É o que todos dizem.

Mas enlaçando a amiga pela cintura num gesto brusco:

– Vamos adiante.

Ela compreendeu que tocara em algo muito fundo.

No quarto de Tio Justo, espantou-a o ruma de livros à cabeceira. A curiosa aproximou-se, havia-os de agricultura, indústria de laticínios, erosão, ecologia.

– É isso aí. Meu pai gosta de se atualizar em coisas técnicas. Venha ver o meu velho quarto.

Desta vez foi Soraya quem se emocionou.

Um espelho grande na penumbra refletiu ao entrarem os dois rostos.

Voltando-se, ela fitou-o ternamente, ele envolveu-a em seus braços e esqueceram-se ali e ao mundo num longo beijo.

Depois Arno escancarou a janela, a claridade e o ruído da festa dos outros dissipou o mistério.

Perturbados pelo falatório e pela música do alto-falante, saborearam o churrasco ao ar livre. Joel, pousando o radinho-de-pilha onde escutava o seu futebol, fazia questão de servi-los.

Soraya: O centro de Santa Rita fica muito longe?

Arno: Quinze minutos. Partamos! Você vai conhecer a minha cidade.

50 NAS ÚLTIMAS DÉCADAS, os loteamentos haviam expandido Santa Rita da Serra em bairros novos e condomínios. Cortes verticais de encostas vermelhavam na distância.

Soraya: Que pena, não visitei as instalações industriais da fazenda.

– Tudo fechado pra evitar a invasão de tanta gente. Então, e meu velho?

– Primeiro, ele não é velho. Segundo, com que graça se desculpou de não poder atender a gente. Mas me relanceou um olhar *fino*... Você acha que *colou* essa de Zé-Geraldo fazer de noivo?

– Tal resposta, minha querida, você a terá na eternidade.

– Na eternidade, Arno?

– Soraya, lembre-se de que está no maravilhoso – e fino – País das Gerais.

Ela sorriu, entendendo.

– Tenho uma coisa a contar a você. Faz um mês mais ou menos estive na boutique. Com uma amiga.

– Jovita estava?

– Sim. Porém quem nos atendeu foi uma balconista. Na hora chegaram duas colegas e ela logo saiu com as meninas.

– Ana Mariana e alguma coleguinha. Jovita almoça todo dia com ela. Viu Ana Mariana?

– Mãe e filha, tudo de relance.

– Achou a garota parecida comigo?

– Com a mãe.

Depois de contemplar colinas e planícies, desceram pelo mesmo caminho. Sem falar. Um e outro parecendo refletir no que tinham acabado de conversar.

Saltaram seguindo a pé pela pracinha de coreto e canteiros em forma de estrelas onde *ficus* recortados baixo afiguravam cubos, esferas e pirâmides. Ela chamou a atenção para o detalhe.

Arno: Cala-te, forasteira. É o luxo dos munícipes. Atenta, atenta pro cheiro de café, das muitas torrefações por aí, característica da cidade. Outras há, você verá todas.

– Sim, Arno, me diga o que acha Nestor de nosso relacionamento.

– Oh, querida, Nestor é meu amigo! Você se preocupa com certas coisas... Me disse uma coisa engraçada.

– O quê?

– Não se zangue. Que você assimilou expressões e jeito meus, será?

– Arno, eu sou você.

– Querida, perdoa o lugar-comum. E você é a mulher da minha vida.

Silenciaram.

Passavam pessoas, algumas acenavam amigamente para Arno.

– E como vão os seus? perguntou ele.

– Ah, tenho esquecido um pouco minha gente. Várias cartas para responder...

– Você aniversaria mês que vem. Não esqueci. Que quer de seu amigo?

– Que posso querer mais do meu amor?

– Como é grato ouvir essa palavra. Sabê-la feliz, plenamente feliz.

– Ah, sim, você pode me dar um grande presente.

– O quê? fala.

– Penso muito, muito, Arno. Nos seus artigos e nas cartas anônimas que vem recebendo. Noite dessas sonhei com isso. E se você parasse? Repetia meu professor de francês: "Deixamos o mundo tão torto como o encontramos"...

– Agora o sonho. Me conta.

– Ah, amor, vamos falar agora em coisas alegres. Me sinto tão feliz em ter vindo conhecer Santa Rita e tudo que se relaciona com você...

Desejou visitar a matriz. Fazia-se um pedido especial quando se entrava pela primeira vez numa igreja.

– Pode-se saber o seu pedido especial?

– Pena que o tempo, inimigo ciumento, não tenha poder sobre nosso amor. Acrescentou baixinho: Arno, Arno, este amor é bonito demais para durar... e enxugou uma lágrima.

Cansadíssimos porém contentes, os visitantes retornaram ao Rio ao cair da tarde. Tudo dera certo. Tio Justo veio trazê-los fora, insistindo que voltassem noutra ocasião, em dia que ele pudesse recebê-los. Ainda uma vez desculpou-se. Despediram-se.

No carro, o animado de primeira hora calava.

Soraya: Que está sentindo, Zé-Geraldo?

– Soono.

Joel pediu licença pra ligar baixo o rádio.

51 MÊS DEPOIS, corrigia à noite provas na sala, depois de ter lido o artigo de Arno na *Última Hora*, quando toca o telefone. Atendeu minha filha.

Era Irema querendo falar com a mãe.

– Pronto, temos novidade! e Margarida foi atender na extensão do quarto.

Meia hora passada, retornou:

– Irema viu Arno com Soraya.

– Como? Este Rio de Janeiro é uma aldeia...

– Disse que não vigiava ninguém, que fora uma descoberta por acaso.

– Quando foi isso, Margarida?

– Esta manhã.

– Nesta altura já ligou pra Jovita.

Ela jurara que não. Reagira até quando lhe pedira que guardasse segredo, não precisava recomendar, não era nenhuma intrigante. Além disso gostava demais de Jovita, a quem considerava verdadeira amiga, pra dar uma notícia dessas à coitada. Que tivera tal ímpeto, isso tivera. O bandido do Arno! Conquistador de marca, só Jovita é que não enxergava.

– Você não lhe disse que ela exagerava?

– Nestor, alguém pode com Irema?

– Realmente. Essa baixinha...

Contara que dessa vez era uma turca. Não lhe negava o gosto, não. Morena, alta, se não turca, filha dessa gente... Ih, eu precisava só ver o chamego. Verdadeiro caszinho de pombos, aquilo não podia ser uma ida qualquer a motel, devia ser amoreco antigo.

– Essa mulher é terrível. Se ainda não consumou a intriga é que vais bisbilhotar mais para dar um serviço completo à amiga. Devo prevenir logo Arno.

– Não, não, devagar, meu marido. Você está esquecendo que Jovita é orgulhosa.

– Margarida, você também esquece que as duas sempre se entenderam à maravilha. Vou ligar já já pra Arno.

Pediu-me que jamais fizesse isso. Deixasse as coisas acontecerem, eu podia precipitar uma situação que talvez tomasse outro rumo.

Prevenir meu primo? Esperar? Que os dias trouxessem a solução?

Três exatos dias em dúvida. Antes que o fizesse, Arnóbio me telefona para um encontro. Queria conversar comigo, assunto importante.

– Irema?

– Sim. às oito, no Bar 7.

Já o encontrei lá. Com ele estava um desconhecido, Arnóbio pediu-lhe que nos deixasse a sós, era assunto de família.

Engoliu o resto do chope enquanto meu primo lhe metia uma nota no bolso.

– É um mecenas de verdade! Pago com a última anedota.

– Outra hora, outra hora.

Partiu.

– Quem é?

– Um velho boêmio.

Achei-o mais tranquilo do que esperava. Ou dominava-se. Ao contar os fatos não pronunciou o nome de Irema. O diabo é que fora apanhado de surpresa.

– Bem que pensei em te prevenir... Por que não o fiz?

Disse que eu estava com cara de tragédia. Aquilo tinha de acontecer, de uma forma ou de outra, pronto, acontecera.

– Mas é o fim de seu casamento, Arno.

– É. Não acho que o casamento seja uma relíquia bárbara, como o ouro. Relíquia bárbara ou não, o nosso já estava chegando ao fim. Somos duas criaturas tão diferentes. Tentei de início arrancar Jovita ao ambiente medíocre que a cercava... Fracassei. Fosse eu fiel a ela, seria infiel a mim. O mesmo, no fundo, Jovita.

– Como assim?

– Você conhece o Lincoln...

– De vista. Esse rapaz o que faz?

– Dá-se ao luxo de ser filho de um megainvestidor na Bolsa. Pois bem, há uma, como dizer? afinidade entre ambos (sorriu sem graça). Não o censuro, Nestor.

– Eu censuro. Esse tal de Lincoln não é mais novo?

– Ora, Ora! E você a querer lógica nessas coisas. Nisto tudo, um só ponto me preocupa de veras, Aninha, minha filha.

Contou a reação de Jovita. Chegara ali pelas oito, subira no elevador conversando com o sobrinho do síndico sobre a vitória do clube do rapaz e desaba a tormenta. Pelo que deduzira, a informante exagerava, o veneno fora completo. Devia ter se informado com o porteiro... Mas acrescentara de sua parte. Que ele instalara a amante numa cobertura, com empregada, carro e chofer, por aí.

Eu: Meu Deus! Irema perdeu já a noção entre real e o fantástico.

Arno continuava. Um momento houvera, depois de o acusar do que sabia e do que não sabia, pensou que a mulher tinha enlouquecido. Jovita, que dava sempre a impressão de tão segura, de tão fria! Que fúria... Pedira a ela calma, que se sentasse e conversassem. Pegou a gritar: Calma? Como vou ter calma? Te odeio, te odeio! e lhe atirara em cima a Nefertiti.

– Oh! espatifou-se aquela obrinha de arte?

– Quase. Caiu no centro do sofá.

Depois trancara-se no quarto. Ele passara a noite na poltrona da biblioteca. Naquelas horas pensara mais de uma vez em ir bater-lhe à porta, mas desistira. De manhã ela, sem dirigir-lhe a palavra, fora com Aninha para o Leme, para o apartamento da Tia.

– A menina assistiu a isso?

– Felizmente não, dormia.

Um momento calávamos.

– Que pretende fazer?

– Refleti muito. Chegou a hora da verdade, como se diz. Só me resta uma opção: assumir.

52 ASSUMIR. Avaliava meu primo toda a significação daquela palavrinha?

Sugeri a ele a mediação de minha mulher. Ela procuraria Jovita, conversariam, sondava-a.

Arno não se mostrava interessado nem desinteressado. Estava abúlico, tinha um olhar glacial. Falou um vago: é, se ela quiser...

Contei tudo a Margarida. E se ela fosse procurar Jovita? Que podia fazer, Nestor? Jovita era pessoa tão difícil. Capaz até de recebê-la mal, eu bem sabia que entre ambas havia pouca afinidade. Melhor o casal resolvesse lá os seus problemas, afinal deles, só deles.

Com espanto para Arno, Jovita voltara para o apartamento com a filha. Tinham passado a viver entre as quatro paredes sem se falarem, apesar de tentativas do marido. Arno passou a escrever bilhetes que deixava sobre a mesa do café para se entenderem, ela não respondia ou na mesma folha de papel rabiscava: NÃO.

Eu: Margarida, faça alguma coisa. Passe na boutique da Visconde de Pirajá como por acaso, e tente.

Adivinhou Jovita o motivo da presença de minha mulher. Conduziu-a para o pequeno escritório no alto da loja.

E Margarida encontrou uma mulher ferida, uma esposa cheia de indignação. Sabia-se difícil, deparava-se com uma criatura difícilíssima. Não ousou palavra.

Jovita de pé falava sem interrupção:

– Nessa hora, Margarida, eu compreendi. Não estou fazendo de mulher sofredora. Compreendi muita coisa. Vivíamos ultimamente como dois estranhos. Só eu o procurava, que raiva de mim agora, desculpe estar com estas particularidades. Mas o telefonema e depois a conversa pessoal com Irema me fizeram cair as escamas dos olhos. O que significava eu para ele? nada. Eu o odeio, desperdicei minha vida...

– Senta, senta, Jovita.

– Hoje compreendo. Meu erro foi desde o começo do casamento, aceitar o comportamento dele. Aliás reagi, mas não adiantava. Garanto que nem você nem Nestor, ninguém o entendeu nunca. Arno, no fundo, é um boêmio. Um boêmio completo. Só faz o que lhe agrada, eu não existia, a filha não existia para ele. A única atenção era me levar ao cinema, às vezes ao teatro, subir para Santa Rita. Relacionamento com minha família? Nenhum esforço nunca da parte dele para uma aproximação maior. Parece, parece não, ele desprezava os meus. Não fez o tempo todo senão viver a vida dele, ao gosto dele. Os amigos. Ah, os amigos. Esses é que eram importantes. E eu, um idiota, fui aceitando, me dava conta mas aceitando. Você sabe como ele é insinuante,

simpático quando quer. Agora me troca por outra mulher, Margarida! É até humilhante para mim falar isto...

Chorava.

– Jovita, olha as balconistas. Calma, calma.

Margarida reparava em seu rosto emagrecido. Que sentasse no sofá; ela estirou-se. Não, não defendia Arno, compreendesse, pensava somente no bem de ambos e de Aninha.

Jovita ia serenando.

– Eu sei, eu sei. Obrigada por você ter vindo.

Porém logo, cheia de autopiedade, recomeçava:

– Há gente que me condena, minha amiga. Que eu não gostava de receber, sendo ele tão sociável, ah, sim! acredita em amigos. Que não assistia às conferências de meu marido. Que não o acompanhava em nada. Então no começo do nosso casamento eu não andava por toda a parte com Arno?

– É verdade.

– Nosso melhor tempo foi aquele, quase dois anos em São Paulo. Assim mesmo em casa tinha pouco a companhia dele, sempre de livro na mão. Aqui no Rio eu, com duas butiques, onde ia arranjar tempo para coisas de sociedade?

– É verdade.

– Eu sei, eu sei. Muitos me tacham de orgulhosa. Já no colégio as Irmãs diziam isso. Orgulhosa, é o meu jeito. Não me sinto superior a ninguém.

– Claro, Jovita. É o meu jeito.

– Você ao menos me entende. Aliás já me acostumei com incompreensões de toda a sorte, de todo o mundo. Na Faculdade repetiam que eu não partilhava dos movimentos, que eu era pra-dentro. Cada um é o que é, pronto, que fazer?

Enxugava as lágrimas. Havia revolta em sua voz, e raiva. Margarida sentia que não podia mais, só pensava em partir. Súbito, Jovita se levantou.

– Já sei o que devo fazer! Me desculpe por tudo, Margarida.

Foi ao espelho, ajeitou o cabelo e retocou a maquiagem, descendo com ela para a butique.

O telefone tocou. A balconista que atendera: É pra senhora, o Dr. Lincoln.

Margarida despediu-se depressa, enquanto Jovita subiu para atender na extensão.

Dia seguinte, sobre a mesma mesa, Arno encontrou este escrito –

ARNO,

Chega, Além de ridículo, isto de bilhetinhos não pode continuar. Pelo menos de minha parte, porque da sua é o que bem conheço... Em reunião de família ontem, decidiu-se que nos separemos. Uma vez se perdoa, duas não, guarde suas razões, eu guardo as minhas. Nossa separação de bens de casamento foi a coisa mais acertada exigida pelos meus. Não quero, nem preciso, nem reivindico nada, só lamento é minha filha, a situação dela em relação ao pai. Fica comigo, exijo que fique comigo. Você terá os seus direitos sobre ela, não vou interferir, aliás isso por Aninha, quero o melhor para ela. Quanto a mim, enquanto vivemos juntos, declaro-o com orgulho nunca sequer me passou pela cabeça a ideia de ser infiel ainda que assédios não faltassem. Bem verdade que não entendia sua ausência de ciúmes neste particular, o que acabei entendendo agora. Que signifiquei eu para você? me pergunto. Fico em dúvida se você, no fundo, não é mesmo um grande egoísta... Mas enterremos o passado. Fui forte, estou viva, graças a Deus. É isso mesmo que já lhe deve ter chegado aos ouvidos: Lincoln. Espero encontrar com ele o que infelizmente não encontrei com você. Tenho certeza que sim. E esta é a parte final do que lhe queria comunicar. Seja você também feliz, se puder.

Jovita.

Gosto de seu pai, ele sabe disso e Aninha o adora. Vou escrever para ele ou até o visitarei, não quero que com a sua versão dos fatos ele guarde uma impressão equivocada de mim.

Veio procurar-me na Universidade. Senti-o humilhado ao me passar a carta. Certo, aquele desabrimento, aquele dizer tudo, ofendia-o.

– Não tem que se sentir humilhado nem ofendido. Nessas horas, mulher não tem medida, meu caro.

– Jovita é no fundo uma pessoa moral, o que no início do casamento me aborrecia. Tentei, só me aborrecia mais, abrir umas brechas na fortaleza, desisti. Nosso casamento há muito já estava acabado...

– E agora?

– Agora. Desquite é a saída. Eu sabia que este momento ia chegar. Nem te contei tudo. Pois juntou a carta que eu naquele tempo escrevi pedindo perdão pela minha ligação com a soprano italiana.

Calávamos.

– Uma coisa nisto tudo principalmente me entristece, Nestor. Minha filha. Penso nela. Educada amanhã naquele meio de burgueses empedernidos. Já a vejo no futuro só me procurando para pedir dinheiro.

Acrescentou amargo:

– Já sabe. Meu endereço agora é Praia Vermelha.

53 CLARINADAS. PARA ONDE VAMOS? Editoriais. Manifestos. Crise na Bolsa. Greves. Passeatas. Comícios. Ativistas de mil siglas na rua – PUA/UNE/UDN/CGT/PTB/PSD/PSB/PST/PC/LC/RL/ED/IPES/CNTI/IBAD... Do outro lado rumores cada dia mais fortes: capitães-de-indústria rondando capitães-de-caserna. Este o saldo – fins de 63/início de 64 – do governo Goulart.

Arnóbio, agora colaborador só às quintas-feiras de *Última Hora*, escreveu um artigo – Reformas de Base, Sim: Paranoia. Não. Apelava em prol da causa, realismo, bom-senso. Era preciso a todo custo preservar a democracia, as forças poderosas estavam aí, perdida a liberdade, tudo estava perdido. Veementemente encerrava o escrito interpelando os dirigentes: onde punham a dialética de que tanto falavam, onde punham a cabeça fria e a responsabilidade?

O artigo, desta vez mais longo, nascera de sua crescente discordância de partidário, consciente e responsável, contra a insensatez dos métodos, pela previsão dos rumos. Quase um desabafo. Não contava muito que o publicassem, quis conferir.

E não se enganou. Aceitava o trabalho, porém com outro título e cortes. Como Arno não concordou numa coisa nem noutra, engavetaram-no. Que escrevesse outro! Indignado e ofendido, ele não deu resposta.

Desde os começos de março insistíamos que ele viajasse para Santa Rita e se resguardasse por lá até se definir ou clarear a situação. Minha mulher chegou a gracejar:

– Arno, não vá o Protásio se lembrar de suas antigas brincadeiras e vingar agora a querida sobrinha.

– Você está venenosa, Margarida. O Protásio não usa mais o 45, agora porta um 38.

Disse-nos que um excelente amigo, Major Colares, do Centro de Informações do Exército, confidenciara-lhe que o prontuário o fichava como aluno indisciplinado no CPOR. Muito ligado a outro esquerdista, Seroa, suspeito

de pertencerem à rede de apoio dos frades dominicanos para ajudar "procurados" a fugir do País.

Margarida: Esse, é o seu amigo do peito. Não puxa o revólver quando ouve a palavra cultura.

– Velho amigo. Me observou que eu entendia por que não o rasgara. Bem podia estar ele vigiado por algum "araponga".

A situação geral agravou-se, agravava-se cada dia.

O povo, ao sair pela manhã para o trabalho, não sabia se teria à tarde transporte para casa. Desordem, inquietação generalizada. As multinacionais exacerbadas com a lei de controle de remessa de lucros para o exterior. O alto escalão militar dividido.

Sexta-feira, 13 de março. O presidente da República em pessoa e esposa participam do comício das reformas, comício dos 200 mil, na Central do Brasil, frente ao palácio Duque de Caxias do Exército.

A exaltação dos oradores e as teses radicais estarrecem. A mídia em peso dá destaque, a caserna alvoroça-se ao crime de lesa-pátria. E agora?

Margarida: Arno, Arno, que espera você no Rio?

Achou que tanto ela como eu exagerávamos:

– Francamente, primos, vocês estão vendo fantasmas.

Margarida: Você está falando da boca pra fora, Arno. Vai embora pra Santa Rita, querido.

Marcha Deus-Pátria-Família. Marcha dos Cem Mil em resposta. Marinheiros no Rio, insuflados mais uma vez por um cabo que a imprensa posteriormente identificaria como provocador a serviço, amotinam-se.

E sobreveio o Golpe.

Madrugada de 31 de março. Um comandante em Juiz de Fora, antecipando-se a planos, joga impetuosamente a tropa na estrada União-Indústria. Os de cá marcham a engrossar, descem todos a montanha depois de um dia de confraternização: 1º de abril de 1964.

Só aí Arno nos deu ouvidos, partindo para Santa Rita levado por Uziel. Brinquei com ele:

– Olha o que diz o jornal deste 3 de abril, Jango exilou-se no Uruguai.

– Adeus. Eu vou pra mais perto...

Despedida de Margarida:

– Nem se aflija por lá tanto com o Golpe, Arno. Quando as generalas se saciarem, os maridos se aquietarão.

– Que assim seja. Vocês acompanhem aí o Seroa, não vá fazer agora uma das suas.

NESTOR,

Cheguei a Santa Rita pelas quatro e meia da manhã. Tudo bem. Apenas isto nas Agulhas Negras: um soldadinho nos cruzou a baioneta – Alto lá, é militar? Respondi: – Fui. – Não é? – Sou, e exhibi-lhe meu certificado do CPOR. – Destino? Ocorreu-me na hora: – Missão reservada. Formalizou-se numa continência. – Pode seguir, Tenente. Imagino que o aguerrido recruta se sentiu de repente, importante, sim, por dentro de meio-secredo revolucionário... Uziel ao volante segurava o riso. Tranquelize pois Margarida tão aflita pra que eu deixasse o Rio, mas é bom atender a pressentimentos de mulher.

Pai ficou feliz com a minha presença, discreto como sempre. Eu é que fui preparando o espírito dele e anteontem lhe resumi a minha vidinha nestes dois anos e meio, conversa de homem pra homem. Disse que já havia suspeitado da minha separação de Jovita, a quem elogiou. Perguntou-me se eu estava vivendo com outra. Sim; e uma vez ela estivera comigo de visita na Fazenda, contei minha ligação com Soraya, ouviu tudo calado. Quando lhe falei no neto, sorriu. Assim que Soraya voltar do Recife, apresento a ele mãe e filho. O menino vai fazê-lo esquecer as minhas façanhas, esquecer e alegrar-se com um herdeiro pra grei dos Melos.

Não te escrevo de casa. Anteontem Monsenhor Brasil apareceu na Fazenda e depois de conversarmos umas duas horas (ele e Pai levam sempre meus artigos), me aconselharam a não ficar lá, nem em qualquer propriedade nossa. Argumentei que tinha vindo pra Santa Rita mais para acalmar vocês do que mesmo por mim. Claro, meus artigos (e você é testemunha) foram todos pensados, analisavam a conjuntura objetivamente, sem carregar nas tintas numa hora aliás de geral passionalidade. Criticavam de passagem o militarismo intrometido na política, nunca os militares. Por que afirmei que o lugar deles era no quartel? Mas isso é um truísmo. Quantas vezes não insisti também na necessidade de cabeça fria, moderação de parte dos civis? Nem ele, nem Pai consideraram o que eu ponderava. Desconfio que Monsenhor no fundo não me leva muito a sério.

O mais acertado era eu ir mesmo com ele, isolar-me em local seguro e insuspeito até que a situação se definisse, fosse outro o clima, com a posse do dirigente definitivo. Ri do adjetivo definitivo. Monsenhor, que é fino: – Ah, filho! os de farda não arredarão pé tão cedo.

Mal amanhecia, de jipe, veio o novo coadjutor, Padre Léonard, batendo palmas e trauteando: – Frère Jacques! Frère Jacques! Dormez vous? Dormez vous? É um compridão que não veste batina, fotógrafo em suas horas, um dia te falo desse rapaz francês. Quem chorou foi Mãe Jovelina: – Vai cum Deus, meo fio, que os home são ruim.

Aqui vegeto, no sítio do vigário. Manhãzinha, levo de-comer pras codornas e marrecos de Pequim de Monsenhor. Depois do bom desjejum mineiro, me ocupo riscando o projeto do novo Centro Comunitário. Pediu-me que não faça coisa faustosa, e sobe quase todos os dias pra ver como vai o trabalho. Às tardes, pego um livro, logo o abandono, fico ouvindo as sibipirunas do pátio estalarem ao sol as suas favas, enquanto reflito em mil assuntos, em nenhum. O melhor é à noite, quando converso com o tal jovem coadjutor.

Faz quase três anos, quando escrevi o autorretrato pra revista, dizia que desejava aos quarenta começar a escrever. E, Nestor, fui cair logo no jornalismo político. Que ironia! Só me falta, depois que o Golpe se estabilizar, reunir aquilo tudo em livreco e aparecer posando de analista político, hem? Mas já te ouço: nem haveria ambiente, estão encerradas, digo, enterradas as conquistas sociais e democráticas, atrocidades virão. Apenas um detalhe me consola: entrei e sai sabendo o que fazia, embora amigos – não você nem Seroa naturalmente – estarão me criticando. Reafirmo consciente que de nada devo me arrepender. O que vier, se vier (um processo?), não está em minhas mãos evitar. Me defenderei, saberei me defender.

Basta. Letícia mais uma novicinha vieram de Dois Corações especialmente pra me visitar. Uma tarde como há muito seu primo não conhecia! Demoraram-se, tomaram lanche comigo, toda uma tarde de encontro descontraído. Letícia relembrou a carta em que eu tanto combatera sua entrada para as Mercedárias. A novicinha, calada mas interessada, escutava. Letícia afinal sugeriu que se eu me aborrecesse no sítio, vinha me buscar, podia ocupar o quarto de hóspedes da Casa. Então rimos a bom rir. Muito grave e olhando para os lados como uma conspiradora, a novicinha falou: – Sim, sim, Irmã, Dr, Arnóbio pode esconder-se lá... disfarçado de jardineiro. Uma coisa me alegrou. Pude observar que Letícia está contentíssima com suas atividades universitárias. Você sabe que as

Mercedárias fundaram uma Faculdade de Letras. Pois é ela a vice-reitora, e ainda arranja tempo para lecionar, dá-se de corpo e alma às novas funções.

Cá na província, escusado dizer, todos da banda da situação. Tomar terra dos legítimos donos, sô! Comunista é nas grades! O Jornal da Serra tirou edição-extra no dia 1º de abril com esta linda manchete que é a voz geral: MINAS MAIS UMA VEZ COMPARECE.

Nestor, quisera me encontrar a mil léguas daqui. Penso em Margarida, nos adolescentes. Abraços.

Arnóbio.

55

ARNO,

Depois da escalada com jeito de definitiva, o clima é de calma. O pior aconteceu, restam emocionalidade e mútua desconfiança. Dos contestadores de ontem ouve-se toda hora: Eu , que sempre estive do lado da ordem... Todo mundo legalista!

Aqui na Universidade, de onde te escrevo, a Pró-reitora, uma vivandeira, dá as cartas enquanto o Reitor, um amorfo, se apaga. Tivemos a visita do Chanceler, senador que só avistamos nas grandes datas; retoricamente nos tranquiliza: ninguém tocará num fio de cabelo de nenhum mestre ou funcionário, quanto ao nobre estamento universitário estava empenhada ali a sua palavra.

Não me incomodaram, Arno, pelo menos até agora. Talvez para situações tais sirvam a minha reserva e o bigode... Mestres, doutores, funcionários, porém, estão sendo apontados, a estudantada escasseia. Antes o rótulo era revolucionário, a partir de 31 de março a palavrinha que condena é: subversivo. Cunharam uma expressão nova: dedo duro. Dependências policiais superlotadas. Notícias de arbitrariedades, violências. Um jornalista, nosso vizinho, foi arrastado do apartamento e a família não o localiza. Os telefones, grampeados (outra bela palavrinha).

Os jornais saem com espaços em branco, editoriais vagos. E veladas picardias. Será que os donos da situação não enxergam? Algumas são óbvias. Jornalistas driblam censores, imagina o que não inventa a malícia do brasileiro. Fatos miúdos, insignificantes são noticiados pra encher, personagens típicos trazidos a baila. As rádios tocam música clássica, as tevês impingem novela mexicana. O povo? Ora, o povão!

Meu caro, parece que me divirto na hora grave. Mas não, não tenho a menor dúvida: toda esta estória é a vitória final do tenentismo desde a marcha suicida dos 18 do Forte, e jura o Seroa, desta vez, Nestor, pra ficar.

Como você escreveu num de seus primeiros artigos: o poder político tem que assumir entre nós responsabilidade e vergonha a fim de nos pôr a salvo das intervenções periódicas, coisa histórica. Sabido que não resolve cursos acadêmicos da ESG com visita coletiva a USA e distintivo na lapela. Claro, acrescento eu, Cidadania acima da Força, pra valer.

No sisudo Jornal do Comércio, meia-página, não lembro de quem, trazia outro dia por título: CASTELO É A SOLUÇÃO. Bom título, hém? o engraçado é o que ocorre desde o começo: o "sistema" se fixou mesmo em Castelo... Meu decano, geralmente bom analista político, me garante que a castra-ção (a expressão é dele), vai durar um quarto de século ou mais, que os cartolas colaboradores serão devorados pelos da farda, um a um, todos. Já se fala em cassação, embora não se saiba direito do que se trata.

Eis que Graça, minha assistente, entra Departamento adentro. Picota o cartão, reclama do ar condicionado, pergunta que tanto bатуco na máquina o mestre. Sem esperar resposta, conta que dois funcionários – um de esquerda, outro de direita – altercavam agorinha mesmo no pátio, briga de palavrões. – Não houve um do centro, pergunto, pra apaziguar? – Nada, havia é riso grosso. Diz-me que fez um diário da crise de Jânio a Jango e que vai publicá-lo, incluindo agora o desfecho. – Claro, mestre, pra filha do rei coisa nenhuma acontecerá. Covardia, hém? Olha o que me conta após o Golpe esta filha e neta de militares, a carioca mais bronzada de praia do Rio de Janeiro. Tem contra ela a mocidade e as aparências, não a tomam a sério em casa. Mas no fundo não é o que aparenta, tem cabeça. Sim, mais uma vez a Graça se incompatibiliza em família. O padrinho reformado a dizer que aos civis não assistia absolutamente razão pra se queixarem, muitas vezes haviam sido advertidos, isto em reservado, que não tomassem juízo a desordem daria no que deu. Calara-se em respeito ao velho. Aí declara o filho, major, que ia pleitear lugar no alto escalão de uma estatal, que tal, Graça? Calara de novo. Entra na conversa o cunhado, fanático brigadeirista a sonhar com uma comissão no estrangeiro, se possível em Berlim, ganhando, claro, meus amigos, em dólar. E triunfante: Temo é precisar voltar de uma hora pra outra. Há uns idealistas de farda que vão esquecer amanhã que nossa pátria tem que ser governada é na marra mesmo. Vão liberalizar o belo movimento! Certo que a força-tarefa da esquadra norte-americana rondou a costa brasileira, mas a Logística, para orgulho nosso, foi nossa. Vai o pai da Graça comenta: Pra nós, a classe militar sempre sacrificada, o 31 de março sem dúvida foi um bem... Ela: Oh, pai! o problema é saber se será um bem pro Brasil! Não bastou o Estado Novo? E disse que saiu gritando pra quem quisesse ouvir: Burocratas! Corporativistas! – Ah, Nestor, nessas horinhas ninguém me segura, nasci em lugar errado.

O resto fica pra outra oportunidade. Guarda esta carta. Um dia por certo terei gosto em rever este pedaço vivo da historinha contemporânea. É de admirar a coragem doida de uns poucos meninos. Aqui e ali, em cima da tinta branca com que a ordem brochou as pichações antigas, reaparecem novos slogans, protestos. Não digo mais, você deve estar por aí informado.

Não, não esqueci seu pedido. Liguei vinte vezes pro escritório, ninguém atende. Ora! Arézio Santiago a estas horas está longe, em sua estância no Uruguai, ou

você duvida? Me diz Seroa que vai te escrever. Margarida na certa quer acrescentar a esta mal traçada duas palavras.

Nestor.

Arno,

meu querido, recebi postal de Soraya, tudo certo com ela e o menininho. Pergunta se você ficou aborrecido com a carta que lhe mandou. Olha, a figuinha do garoto apareceu atrás da poltrona da sala, achada pela faxineira. Naturalmente caiu na visita de vocês na véspera dela viajar. E os adolescentes já estão sentindo sua ausência, você sabe que Augusto é fã do tio Arno e Andrea vive a perguntar quando volta meu padrinho. Ficamos contentíssimo em saber que as coisas correm bem com você na terrinha. Um alô pra Tio Justo.

MEU CARO EXILADO,

Acabo de ler tua carta ao Nestor. O incidente do soldadinho sonolento tem a marca registrada: Arnóbio. Essas e outras acontecem com gente de imaginação... Mas vamos ao que te pode interessar.

Passei por acaso pela Rua Redentor, em Ipanema, onde mora o forte candidato a primeiro mandatário. Multidão-monstro, como exageram os jornais da situação, à porta do edifício em vigília cívica. Ele (ou um sósia) de quando em quando aparece entre as cortinas da janela, acena. Pois bem, ia eu a meu negócio, quando escuto ovações. Volto, e vejo carros de reportagem, aquele povaréu de braços pro alto berrando:

Castelo no Planalto!

Viva a Revolução!

Isto. Enquanto se fazia um Presidente, ambulantes gritavam picolé e pipoca, vendiam bandeirinhas verde-amarelas.

Nosso Protásio que, deves saber, com meia dúzia de comandados tomou num golpe-de-mão o corpo da guarda de uma unidade de artilharia (a imprensa noticiou), pegou um tiro na canela, está um miles gloriosus... de perna engessada. Fui visitá-lo. Jornais e revistas jogadas no chão junto à poltrona. As frases no gesso tantas, que a custo arrumei espaço. Escrevi: VIVA O 1º ALUNO DA TURMA! Sorriu, como é que eu sabia? Dei-lhe segunda alegria: Está na cara, Protásio. Gargalhou. Venha daí outro abraço, paisano. Vês que cumpro sem alarde meus deveres de bom samaritano. Chegaram em coluna, um coronel, um major, um capitão e senhora. Eu, reservista de terceira, bati em retirada.

Imagino Arnóbio Franco de Melo nos bons ares das Alterosas gozando o seu ócio sem vontade, me perguntando o que penso de tudo isso. A propósito, quem é esse Deputado Menescal que tanto brilha Coordenador do Governo de Coalizão de Minas Gerais?

Que penso? Ah, não consigo enxergar nada nada de bom pela frente. E o que mais me indigna não é tanto os fardados, são os cartolas, mãos-dadas com eles, esses mesmos que ontem apregoavam: O PREÇO DA LIBERDADE É A ETERNA VIGILÂNCIA!

.....

Este começo estava na máquina e os tiras nem viram. Retorno o que ia escrevinhando semana passada, caro Arno.

Desci de manhã pra comprar jornais na banca, ali me demorei conversando com o jornaleiro e ao abrir a porta do apartamento dois sujeitos entram comigo. Identificaram-se: eram do DOPS. Sem me dar atenção, começaram a vasculhar gavetas, estantes, escaninhos, surdos aos meus novos protestos. Os documentos. Onde estão malocados os documentos? – Que documentos? Ativos, recommçaram. Que fazer? Deixei-os esquadrinhar. Quando cansaram, decepcionados, um deles declarou que queriam de qualquer jeito, os documentos com as instruções de cima. Não tenho documentos de instruções de cima nem de baixo, sou comandante da PANAM e vou ligar pro meu advogado. Não consentiram. Eu não podia negar que era comuna, um cara com tanto livro em casa só podia ser comuna. Declararam que me levariam, e já. Pois que esperassem (falei forte) ia mudar de roupa e pegar a escova de dentes. No quarto rabisquei um bilhete pra Saloméa inventando telefonema da Companhia, devia viajar imediatamente.

Quando volto, que topo? Os dois visitantes repoltreados na sala bebendo do meu conhaque. Fiquem à vontade, senhores! O que me acusara de comuna pagou-me uma gentileza: Você cara é um carioca legal! e serviu-se mais de uma vez.

Lá me hospedaram três dias na Rua da Relação, que não é um hotel de cinco estrelas a que a Companhia me acostumou no estrangeiro... Puseram-me num pátio com subversivos, boa gente, não se levassem tão a sério e frequentassem um pouco mais pente e sabão.

No pátio, um sujeito coçando o pé: Quero fazer aqui e agora pra todo-mundo uma declaração histórica: me desligo de vez do Partidão. Gelaram! aquele um trotskista! Certo bigodudo me perguntou se eu era da linha soviética ou chinesa. Da linha PANAM, companheiro. Sombrio, amarrou-me a cara, soube depois que era carrasco do Partido. Um fortão me contou os horrores que sofrera na mão dele. Como não rompera? E o fanático: Ora que importância, camarada, a minha pessoa diante da causa?

Vi de tudo. Um estudantezinho que evidentemente não sabia por que viera parar naquele pátio. Empalidecia com as brincadeiras de certo indivíduo: El paredon, hém? Só não quero, garoto é que me mandem fuzilar sozinho.

Vi e ouvi o ridículo em pelo. No dia seguinte, chegou-nos um ceguinho preso. Haviám segurado o coitado na rua como boateiro e alarmista...

Um exaltado execrava o colonizador português por haver metido na pele do brasileiro a obsessão do latifúndio. Somente a violência, invasões de terra resolvia.

O contrerrâneo: Pois é. Quantos hectares devolutos logo na entrada do nosso município. O partidário dos sem-terra: Não, não. Aquela área é do meu pai. E olha que não são terras de grilagem.

Mas o melhor era o jovem padre: Me chamam aí padre de passeata, companheiro. Sou da vanguarda socialista da Igreja século XX, que fez opção inteligente pelos pobres, pô! Leitor de teus artigos, disse que gostaria de te conhecer. Observou: Teu amigo podia bater mais rijo, mas tá certo, não é um chato. Sabe enxergar nessa mélangue toda as possibilidades sociais do futuro.

*Olha, o Manifesto dos Intelectuais, que você me disse ter assinado, saiu, tenho os jornais que Saloméa reúne pra mim nas ausências, achei-o num canto discreto de página. Os nomes em ordem alfabética, o teu, claro! entre os primeiros. Mais: lembras-te daquele caszinho de californianos que nos fotografou no almoço dos dez anos do nosso saudoso grêmio literário? Pois o **Time** reproduz com legendas e nomes completos várias daquelas fotos da turma antiga. O Uchoa enxergou longe, lembra da suspeita que lançou no Roda Viva sobre os dois?*

Depois te conto o interrogatório aparentemente pro forma com o delegado. Oxalá não me tenham liberado para melhor me acompanhar os passos. Que nosso Uziel não seja interceptado por aí, abraço do teu,

Seroa.

57 NA QUIETUDE DA TARDE SERRANA, Arno acabava de pregar na parede da sala o desenho em perspectiva do novo Centro Comunitário. Colocando o martelo sobre a mesa, afastava-se para considerar o trabalho, quando o vigário apareceu.

– Prometi para hoje. Cumpro.

O padre sentou-se a examinar o trabalho que o arquiteto lhe pusera nas mãos dizendo-lhe que se não agradasse tentava outro.

Monsenhor quis ver a planta baixa. Não fazia *questão* de projeto caro nem barato, meio-termo, como recomendara. Concentrado, verificou atentamente a planta e o desenho da fachada, fez perguntas sobre detalhes, pois era detalhista.

– Como esperava. Tudo ao gosto do cliente explorador, que trabalhou rápido. Deus lhe pague! e abraçou-o.

Enrolando a papelada sobre os joelhos, perguntou amável como se sentia em sua casa o ilustre hóspede.

– Tudo ótimo

– Pois fico satisfeito.

– Mas quem diria, héim, Monsenhor! que um comuna veria a ser projetista do seu novo Centro Comunitário. O sr. sabe, não falta por aí quem me considere, uns maluco, outros um subversivo perigoso...

– Você, filho, não é uma coisa nem outra.

– Um contestador?

– Ponhamos, um *equivocado* e riu indagando o que pensava ele dos rumos que a Revolução ia tomando.

Arno confessou que andava longe do noticiário. Desligado e nauseado. Perguntara outro dia ao meeiro – então, como ficava o povo desta vez? Ele não ri: – Doutor me desculpe, pra gente sobra mesmo é aquela da traseira do caminhão: POVÃO É PRA VOTAR E LEVAR CANELADA.

– Peça vivida, disse Monsenhor. Só é bobo no que ele quer.

Arno pediu que o cedesse para uns reparos no viveiro das codornas.

– Amanhã. às segundas, não move uma palha.

– Não? Por quê?

– As segundas-feiras são sagradas para ele. Zanza o dia inteiro. Vejo-o sempre vindo de alguma parte.

– Está certo. Os pequenos têm direito a viver lá no cotidiano deles com suas táticas e resistências, seus caprichos. Foi vendo-os na estrada, voltando pra casa com a garrafinha de pinga pendurada nos dedos, que cedo entendi que era urgente mudar muita coisa... Desculpe, Monsenhor! Verdade, que é feito daquele padre Amadeo, seu coadjutor?

– De que você me fala...

– Só uma vez nos vimos. À queima-roupa me declarou que o homem de hoje erotiza tudo, tudo, mas a Moral não morrerá, graças a Deus. Os cristãos compraziam-se no sono, ele anelava – Servir, servir!

– É o refrão dele.

– Que o sacerdote tinha vida interior, que nós nem avaliávamos. Não se batizara com o nome de Ama-deo? Riu, e me fixou com um olhar, que olhar! como se eu fosse responsável pela derroca da que enxergava no mundo.

– O padre Amadeo! Só me fez criar cabelos brancos, um presente de grego. Aqui começou por eucumenizar com o pastor, que se auto-intitulou apóstolo. Chama-se Paulo Pires, pois é agora o Apóstolo Paulus. Nem é preciso dizer, em dois tempos se desentenderam. Um afirmando que o Mestre foi empalado, o outro que crucificado. O Luis, kardecista, quer ver o diabo a vê-lo. Riu na cara dele: – Como, então é o contrário do *mens sana in corpore sano*, reencarna um terno velho e usado num corpo novo, oh, Luis! Agora meu coadjutor caminha por terras de Espanha...

– O quê? Turista espiritual?

– Caminhante de Santiago de Compostela, de barba franciscana, que deixou crescer e bordão. Inventou aí um *Livro de Ouro do Peregrino* e angariou donativos. Na missa de despedida rogou aos bons irmãos e irmãs. ele que ia pedir e peregrinar por todos, orassem para que seu Anjo Custódio o defendesse de assaltos, perigos e das tentações das três concupiscências.

– Do que, Monsenhor?

– Ah, vejo-o esquecido do catecismo que ensinei a você. Concupiscências da carne, concupiscências dos olhos e soberba da vida. E lá se foi ele com um grande saco e sandálias.

– Rezende Tosta, o juiz, quis processá-lo, não?

– Só não o fez a meu pedido. Homiliando no casamento da neta do D'Ângelis afirmou que o casamento civil era um ato cartorial sem maior valor, verdadeiro era o matrimônio religioso, o outro até ridículo, um formalismo. Ah, só comprei aborrecimentos com ele. O sr. bispo não pensou nos meus setent'anos quando o despachou para cá...

– Com o padre Léonard, agora acertou.

– Ah! É outra pessoa.

Que era outra pessoa, repetiu. Erguera-se, agradecendo o projeto. Mas quando Monsenhor se punha de pé para partir, encompridava ainda a conversa.

– Não posso desejar melhor coadjutor. Moço, mas que amadurecimento! Penso mesmo que não o terei por muito tempo, a intenção dele é embrenhar-se pelo Brasil Central, fixar-se numa missão indígena. Conhece o problema do índio mais do que nós.

– Aqui, na terrinha, o francês deve ter desarrumado um pouco as coisas no começo, não?

– Bastante. Quando apresentei aquele rapagão de calça e blusão, quem é que admitia que fosse padre? Agora, só lhe querem bem. É o padre Léo pra cá, padre Léo pra lá.

– Que estranha vocação, Monsenhor. Confidenciou-me ser de família vagamente católica, apesar de bretões. Que se bacharelara em Filosofia na Sorbonne e fora lecionar na Província. Para fazer o mestrado, voltara a Paris. Aí um colega politizado ligou-se a ele. mostrou-lhe a miséria dos subúrbios parisienses e só então vira a degradação social com os próprios olhos. De comum acordo, o amigo e ele haviam abandonado o mestrado e se filiado ao Partido Comunista Francês.

– Vejo que você sabe mais do que eu. Proseiam bastante.

Sentiu uma ponta de ciúme em Monsenhor.

– A propósito. Informaram que outro dia apareceram por aqui uns ambulantes...

Arno: Dois. Um grandalhão e outro com a sacola oferecendo artigos religiosos. Quinquilharias.

– Não foram à matriz. Estranho, isso me intriga. Mas daqui a pouco tem você o nosso amigo. Nesta hora já acabou o jogo de basquete, está a dialogar com os jovens e a ensinar-lhes a fotografar.

58 A ESTAS HORAS, amigo Léonard?

– Gosto de preparar de noite o meu programa das quintas-feiras na Rádio. A noite me inspira. Depois perdi o sono, dei uma volta lá fora e aqui estou. Nem sei se fechei a porta. Que vento esta noite! (olhou o relógio na parede) – Uma e trinta e cinco!

Servindo-se do café que Arno mantinha numa garrafa, sentou-se na poltrona estendendo as compridas pernas. E ao acender a cigarrilha que apanhara da mesa, falou da boa foto que fizera de Monsenhor naquele dia. Quis saber do amigo se carregava ainda muito nos *erres*.

– Só carrega, Léonard.

– Parbleu! Como devem andar por aí se divertindo com meus *Quinze Minutos*.

– Tranquelize-se, amigo. Já ouvi elogios de mais de um jovem, que o Léo é dos nossos, o Léo é legal.

Era o francês quem animava assim as conversas noturnas, mas a iniciativa partia geralmente de Arno. Fez-lhe uma pergunta que há muito desejava: o que achava de seus artigos políticos, se acaso os lera.

Lera todos. E comentou que na Europa escreviam-se essas e outras coisas noutro tom. Com finura esclareceu que a Europa era uma velha civilização, o estilo de vida e o relacionamento entre as pessoas, outro. Talvez formalístico para o nosso gosto...Não criticava o jeito brasileiro, até gostava do *à-vontade* daqui, que afinava com o seu temperamento.

– É, Talvez tenha faltado um pouco de humor aos meus artiguinhos.

– Não, isso até que não faltava. Nosso chefão, por exemplo, me sugeria o corte de certas expressões nos escritos. Cumpria por *à mostra* as contradições da burguesia pela dialética implacável. Mas o discurso, quanto mais contido, mais forte. Pobre Alexis! um intelectual de primeira. Tanto redigia como ia para a rua. A polícia sumiu com ele. Com ele e os companheiros tomamos muito *cocktail d'abricot* em Montparnasse. E eu, *me zo deuzar armoriq*, traduzindo: e eu que sou bretão, um rude bretão, não era dos mais sóbrios...

– Sou um grande perguntador. Você foi preso muitas vezes?

– Várias. Tive a sorte de nunca me espancarem, como a outros. Não fizeram de mim um mártir. A primeira vez que me prenderam foi com mais dois camaradas. Os policiais nos enfiaram uns sacos pela cabeça. Francamente, era a minha primeira prisão, mas não senti tanto medo. Distraía-me o forte cheiro de farelo do capuz.

– Você sempre um original, Léonard.

– O melhor está por vir. O fim da prisão. Chegados ao departamento de polícia, o mais novo dos camaradas reconheceu de repente na autoridade um velho amigo. Não se conteve: – Oh, Denoir! O tal respondeu que não o

autorizara a dirigir-lhe a palavra. Meu companheiro estava excitado. – Cher Denoir! não se lembra que na adolescência dourada tocamos piano a quatro-mãos na casa de Mademoiselle Sophie?

– Desarmou o durão.

– Completamente.

– Então lá como aqui também funciona o jeitinho...

– Oui. Somos todos latinos. Embora vocês nem concebem o fascínio que para grande número de europeus representa o mundo sul-americano. O amanhã está deste lado.

– Sim, mas penso que nem tudo no PCF seriam brincadeiras daquelas.

– Ah, o Partido! Se nos corredores da polícia meu companheiro encontrou um parceiro de piano, no Partido, eu encontrei fanáticos, profissionais e ingênuos. Os fanáticos eram usados; os profissionais viajavam ao Leste, vinham de lá elogiando a boa vodca, as mulheres, alguns traziam bonitos ícones. Em suma, faziam belas carreiras, tornavam-se personalidades importantes, a prole cursando Universidade. E os ingênuos...

– Como Léonard Rohn, digo o camarada Le Charbonnier.

– Isso. Que acabavam expulsos com o rótulo de desviacionistas, de vendidos ao capital estrangeiro e outros nomes feios.

– Que fraternité!

– Uns desligavam-se, bandeando para a extrema direita. Outros, tachados de românticos, sumiam, ninguém ouvia mais falar neles. Tudo com muita autocrítica humilhante e brigas. Mas o pior de tudo, coisa que você não conhece, meu caro: a violação da intimidade da pessoa. Tinha-se que ser um sujeito público. Minha filiação ao Partido foi quando achara que só a ação direta, violenta, resolvia.

– É o itinerário político da maioria...

– Também algum tempo pensei assim. De estudante.

– Ah, quantas voltas temos que dar. Bem-nascido, o menino Léonard achara sempre que os pobres eram os miseráveis que via na rua. Estudante de Universidade, que as prostitutazinhas dos bordéis que frequentava eram filhas rebeldes de família. Ah, o nosso Marxismo aprendido no curso de Filosofia, saído de cabeças bem-pensantes...

– Conheço-as...

– Figure, meu caro, a maioria, a parte trabalhadora da nação condenada a uma existência sem dignidade, sem instrução, desfrutando apenas sórdidas alegrias, migalhas em meio à abundância, ao supérfluo da outra parte. Sem nenhuma perspectiva, eles, os criadores da riqueza, não é verdade?

– Penso com o Léonard.

– Por mil razões, afinal desgostoso da militância partidária, passei a ser hostilizado pelos camaradas, dias medonhos. Em resumo, quiseram que fizesse autocrítica numa atitude qualquer que tomara, neguei-me, desligaram-me do Partido com ameaças e fui a Bretanha me reconciliar com a família.

Receberam-me de braços abertos. Ainda mais que viajara com meu filhinho, que eles não conheciam, que lá deixei. Não referi tudo. Naqueles dias ligara-me a uma operariazinha, que a polícia assassinou num comício, hélas! criatura admirável.

Sacou de um retratinho. Sorrindo, falou que Arno confessasse com todas as letras se não era mesmo um bretãozinho bonito.

Foi Arno quem falou amigamente:

– E o imenso contestador vai e troca o *Manifesto* de Marx-Engels pelo *Sermão da Montanha*.

– Fase terrível. De volta a Paris, me encontrei de repente diante de mim mesmo. Que fazer? Que rumo tomar? Foram noites e dias em que cheguei a pensar em suicídio. Considera. Depois da experiência política, do desengano total, restava-me o quê? A calma resignação filosófica ou a disponibilidade.

Então fez-se padre.

– Fiz-me padre. Já tinha meu curso de Filosofia, em três anos estava ordenado. Sabe como vim para Brasil? Atravessava a Rua do Gato-que-pesca, saíra no Sena e na movimentada Rua Huchette vi numa vitrine de agência de viagens um pôster colorido do Cristo Redentor: BRÉZIL. Sai andando. É lá, é lá o meu lugar! Vou para esse belo país que reparte o Cristo no alto de uma montanha para todos.

Depois de breve silêncio, Léonard completou:

– No fundo, sou uma natureza ética.

– Entendo. Para quem a missão é tudo.

– Uma volta à substância dos Quatro Evangelhos.

– Sim, o Amor.

– Ah, essa palavrinha está tão banalizada, Arno. Eu a evito.

Parara o vento. Agora chuviscava e cada vez mais forte. O cheiro de terra penetrava finamente.

59 BRUTALMENTE A PORTA RANGEU, dois sujeitos armados plantaram-se no meio da sala.

- É aquele o homem! berrou o grandalhão apontando o revólver para Arno.
- É este! disse o outro.
- Não vê, sua zebra, que esse é o gringo?

Léonard atracou-se com o grandalhão. O comparsa agarrou de cima da mesa o martelo e deu-lhe um golpe na cabeça, ele caiu no chão, enquanto arrastavam Arno escada abaixo.

Monsenhor, que despertara com o ruído do motor do carro, ainda vira a consumação do sequestro. Subindo, deu com o coadjutor caído no assoalho.

– Léonard! Padre Léonard!

Pensou no primeiro momento que estava morto. O padre gemeu. Colocou-o na poltrona e, com a ajuda do meeiro, o levou para a Clínica do Dr. D'Ângelis.

A Rádio Comunidade deu o "furo" manhã cedo, reticente, sem alarme. Logo no Jornal da Serra o retrato do coadjutor era maior que o texto.

Noticiava que se tranquilizasse a Família santarritense. Mercê da solicitude paternal de Monsenhor Brasil, o covarde assalto não tivera maiores nem graves consequências.

Como já era do conhecimento geral, na calada da noite fora nossa cidade, a pacífica Santa Rita, lamentavelmente palco da condenável ocorrência. Que não ficaria, estivessem todos certos, impune, tal qual tinha vezes outras procedido a autoridade policial.

Eram dois meliantes encapuzados, vindos de lugar desconhecido que, aproveitado do relativo afastamento da casa paroquial, audaciosamente haviam assaltado a residência do nosso boníssimo Vigário. Não deparando no modesto sítio objetos de real valor que pudessem subtrair, solertemente vingaram-se na pessoa de nosso novo Coadjutor, Léonard Rohan, o simpático Padre Léo.

De lamentar, que os bandidos vendo ali, de visita, o Dr. Arnóbio Franco de Melo, o levassem em seu carro na fuga precipitada, esperando que abandonem sequestrado e viatura em qualquer parte. Dr. Brás Neto, delegado, promete boas notícias para breve, pela Rádio.

Na Clínica Dr. D'Ângelis, ele e Equipe já colocaram Padre Léonard fora de perigo. Pronto restabelecimento, Padre Léo! Cumprimentos, Mons. Brasil!

O delegado prendeu dois ajudantes de pedreiro, mantendo-os incomunicáveis como suspeitos do atentado. Duendes em desenho animado, os rapazes evaporaram-se pelo telhado da Delegacia na noite seguinte. E o

reconhecimento pelo padre Léo ficou para quando fossem recapturados. Dr. Brás Neto sabia fazer as coisas.

Prisão de Arno e violência contra o padre foram logo ofuscadas por acontecimento maior. Não parecera oportuno nos dias do Golpe, mas agora que a situação se acomodava, não havia porque adiar.

E eis a cidade, uma tarde de sol, narizes pro céu à espera da descida do helicóptero na plataforma da *Clínica Dr. D'Ângelis*.

De repente um ponto no azul sem nuvens (Lá vem ele!). O ponto cresceu (De certo vem da base militar de Agulhas Negras!). O ruído encheu os ares sobre as cabeças (Eu é que não montava num bicho desses!).

A aeronave fez uma volta baixa sobre a multidão e todos bateram palmas, puderam distinguir os ocupantes: o piloto atento, Dr. D'Ângelis a acenar, Dr. Chris atirando volantes. Era a foto do *Pássaro Branco: Salvador de Vidas*. com dez itens explicativos de sua utilidade.

O helicóptero deu-se ao luxo de uma volta ao longe, veio pousar vertical, suave, no heliporto embandeirado no alto da Clínica.

Gritos: Desce! Desce! Queremos ver de perto!

Besouro ruidoso, meia hora depois o *Pássaro Branco* baixou na praça. Para maior realismo, com um "acidentado" que ao saltar da maca, lépido, rindo foi envolvido de abraços e vivas, era o Totonho sacristão.

Porém o ponto alto aconteceu a seguir. Quando o chefe do Correio chegou esbaforido. Trazia uma mensagem telegráfica do Sr. Deputado Jorge Menescal.

Dr. D'Ângelis leu alto, em tom de discurso –

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS		TELEGRAMA	
NÚMERO DE EXPEDIÇÃO	1008	DESTINO DA ESTACÃO	Ao povo de
PROVEDOR			Santa Rita - MG
DE			A/C Dr. Albano
DE			D'Ângelis e Equipe
DOF			
Dep Jorge Menescal		16 CP MR	LK 876 FR
O remetente deve se servir das indicações de serviço emitidas pelo telegrafista, estação de origem, número do telegrama, número de páginas, data e hora de expedição.			
HABITUE-SE A INDICAR NO RECIBO DO SEU TELEGRAMA A HORA EM QUE O RECEBER, COM ESSA PROVIDÊNCIA, AUXILIARÁ O DEPARTAMENTO NA FISCALIZAÇÃO DA ENTREGA DOS TELEGRAMAS.			
TEXTO - ASSINATURA	POVO DE SANTA RITA E CORRELIGIONÁRIOS!		
	Saudações Revolucionárias		
	Eu, que como todos sabem, nunca busquei na vida pública nem proveito nem conveniências, honrosamente guindado a Coordenador da Coalizão de Minas Gerais, vejo-me infelizmente impedido de comparecer ao marcante acontecimento, o agigantado passo em prol do progresso em aeromedicina de nossa amada cidade.		
	Meus calorosos aplausos ao benemérito e incansável Dr. Albano D'Ângelis e Equipe.		
	Aproveito a ensanchar para lhes assegurar, meus patrícios, que o patriótico Movimento de trinta e um de março está vitorioso e Minas Gerais, hoje como ontem, na vanguarda intemerata. Neste momento histórico, zelosas damas horizontinas da sociedade revezam-se bordando nova faixa presidencial que será ofertada ao novo mandatário da Nação. Acabou a insegurança do povo, a incerteza do futuro do povo, esperamos uma Pátria grande e feliz, brasileira e democrática agora.		

Olhando decolar o helicóptero, o povo dispersou cantando vivamente o *Peixe Vivo*.

60 NÃO HAVIAM TOCADO NOS PAPÉIS. Ao lado da máquina de escrever, jornais e revistas, naquela ordem em que ele gostava de dispor as coisas. Levei-os para examinar com tranquilidade.

Entre a papelada, folhas bastantes riscadas, fragmentos –

Compridamente ouço o barulho do silêncio na manhã. Dentro dele, em alguma parte, cantam.

Em minha terra! Vão-se os dias... Sinto-me nesta tarde como um arbusto de raízes no solo, galhos voltados para o sol. Penso num outro Arnóbio que poderia ter sido. Se eu tivesse ficado aqui e sempre – nativo e rústico – longe e alheio aos ventos do mundo. Teria sido melhor?

Meus passos silenciam sobre as migalhas de malacacheta do caminho, brilham. Liberto, liberto. Momento significativo que há muito não me visita. Ah, enquanto triunfamos neles são momentos de eternidade.

Oblívio! Oblívio! que fria e bela palavra.

Este rascunho de carta, que minha mulher não recebeu:

MARGARIDA, Como estão vocês?

Outro dia tentei escrever, faltou vontade. Quem sabe hoje! Vocês me compreendem, e este espaçamento de uma palavra amiga. Fere fundo meu orgulho passar os dias na clandestinidade. Como se tivesse cometido um crime.

Sonhei esta noite com Soraya. Ninava nosso filho, eu perguntava-lhe que nome lhe daríamos, pedia para segurá-lo. Ela apertava-o mais ao colo, como um tesouro. Me passa muitas vezes ao dia o pensamento de viajar ao Recife, mas reflito, (ilegível).

Imagino que tão breve não terei condições sequer de retornar ao Rio, à minha antiga vida. Não quero porém agravar os amigos nem parentes com lamúrias. Você sabe que eu nunca simulei sentimentos que não existia, não vou agora...

Meu pai esteve hoje aqui, aliás vem quase todo dia. Letícia, quando não vem, telefona. Pai achou-me abatido. Justifiquei como um saldo de estresse citadino. Perguntou se devia mandar médico. Pedi que não e comentei sobre as preocupações sem cessar que lhe dava. Não me deixou continuar.

Mano querido:
Penso em você todas as horas. Aqui estamos, aqui sofremos e amamos. Não se deixe abater. Achei você triste ao telefone ontem. Vou fazer tudo para visitá-lo. Nas horas amargas, lembre-se que não está só.
Beijo, Letícia.

Meu querido irmão:
Um bilhete. Para pedir desculpas, embora você me justifique. Ando atarefada demais, demais. Mas penso em você, não o esqueço em minhas orações.
Abraço bem apertado, Letícia.

Obrigado, minha irmã.

Sei que não estou só, embora seja bom ouvi-lo do seu carinho. O que certas horas me espanta é esta calma de expectador de mim mesmo. Começo a ficar impaciente de tanta inação. Tédio, tédio e eu à margem do calendário. Hoje me levantei deveras triste, penso em Soraya, penso em meu filho, quero escrever pros amigos, não faço.

Levo uma vida de excluído. Se ela estivesse aqui seria outra coisa, porém desejar tanto seria felicidade demais. Dou umas estiradas por esses caminhos para espantar a melancolia, pois a inatividade, você me conhece, é o seu purgatório. logo volto para o meu covil...

Seu irmão, Letícia, se entregou à ação entendendo como outros de boa-fé emendar as injustiças, modificar essa aparência de ordem, desordem perversa. Então é o mundo e a vida um charco? E temos de aceitá-lo, aplaudir e desfrutá-lo no acomodamento? Que terrível: aspirar o melhor, partir pra ele, e não conseguir alcançá-lo!

Não queria agravar você com uma palavra pessimista.

Que retrocesso! A cidadania de milhares de brasileiros jogada num buraco, não, não me calo nessa linguagem de tribuno. Mas francamente me passa pela cabeça mil vezes sair daqui e em qualquer órgão de imprensa que me queira, sob pseudônimo, combater o amordaçamento das liberdades, a supressão das garantias constitucionais, o Golpe que rotulam de Revolução.

Digo mais: gostaria de ser preso quando descobrissem quem se escondia sob o pseudônimo, responder (se há ainda algum arremedo de processo), pegar cadeia ou exílio, definir logo e enfim esta situação. Procurou meu delito, minha culpa. Onde está?

Um brasileiro publica artigos analisando e criticando - seu direito - atos e fatos políticos, que lhe acontece? Corre o maior perigo: é um gangster, deve homiziar-se. Ingenuidade! Vê você que não me corrijo.

Oh, Arnóbio! como se não fosse dos triunfadores da hora calar adversários, vendo-os tacanhamente inimigos.

Tempo é que não me falta para "filosofar". Ah, que seria o bicho homem sem os seus excessos, equívocos e acertos! Concluo que tudo sobrevém por conta de que se pode fazer alguma coisa, e eu fiz, franco-atirador através do jornalismo, tentando abrir uma brecha na muralha. Não, Letícia, não me envergonho de ser utopista. A vida, você sabe, sem Esperança, é nada. ELES GANHARAM, EU PERDI.

61 PARA ONDE o haviam conduzido? Esta foi a angústia da família.

Margarida, com habilidade de mulher, em resposta ao cartão de Soraya, escreveu-lhe que retornasse do Recife. O golpe militar, atingido o alvo, refluía. 16 de abril. Na véspera Castelo Branco tomara posse da presidência da República. Tudo voltava a certa normalidade, vigiada.

Encontramos Tio Justo na Fazenda com uma enfermeira atenta recostado nos travesseiros. Seus olhos se umedeceram. Segurou-nos as mãos. Pediu que eu localizasse o filho. Os bandidos, era o tempo deles, o tinham levado... Atentando em minha mulher, sorriu. Margarida inclinou-se para beijá-lo, enquanto ele murmurava:

– Como pôde acontecer essa desgraça, minha filha?

– Acalme-se, Tio. Nestor vai localizar Arno. Tudo há de dar certo.

– Que Deus te ouça! (voltando-se para mim): Fala com conhecidos. Vê um advogado. Quem sabe um detetive. Não aquele amigo, o Brigadeiro que esteve aqui uma vez?

Acalmei-o, tentei acalmá-lo. Havia de se resolver. Eu iria logo ao Brigadeiro Antunes. Era militar apolítico, demonstrara sempre amizade a Arno.

Calou-se. De repente quis saber de Jovita e da neta. Há quanto tempo não via a sua querida Aninha!

Margarida mentiu. Jovita ficara desolada, Tio. Chorara muito e empenhava-se com o padrinho, o Coronel Protásio; quanto a Aninha haviam poupado a criança, claro, não lhe tinha contado nada.

– Mas o Sr. não quer que a gente vá buscar Letícia em Dois Corações?

– Alarmá-la? Ela nada pode fazer.

– Uma companhia para o Sr.

Deixando cair o braço, de novo falou no Brigadeiro.

Partimos de Santa Rita ainda naquela noite.

Na manhã seguinte entrei em contato com o Brigadeiro Antunes. Recebeu-me em seu gabinete no Ministério da Aeronáutica, ouviu-me com a natural reserva de militar.

– Farei tudo que puder pelo nosso amigo. Escusado recomendar sigilo sobre isto até com familiares.

Ligou na minha presença. Seria algum colega, pois trocaram cifrados gracejos. Observei dali a instantes que falava com um coronel do Centro de Informações da Aeronáutica. Passou-lhe os dados sobre o tenente da reserva Arnóbio Franco de Melo.

Devíamos aguardar. Em vinte minutos, se ele estivesse detido na área da Aeronáutica, vinham informações.

Um cabo trouxe cafezinho.

Quando o subalterno saiu, o Brigadeiro pediu-me novos detalhes sobre a prisão.

Referi tudo. Não fez comentários. Lembrou sua ida com a mulher um dia à Fazenda da Arca. E quis saber do pai como estava.

- Precisava vê-lo ao comunicar a ele o fato.
- Compreendo. É viúvo, pois não?
- Há muitos anos. A única filha, freira em Dois Corações.

De chofre:

- Arnóbio tinha inimigos?
- Nenhum, que me conste, Brigadeiro.
- Pergunto, porque em situações de exceção há que formular hipóteses, todas as hipóteses.

Depois de breve silêncio:

- Ao ler os artigos dele, mais de uma vez eu me indaguei como podia um bacharel, todo de letras, meter-se com aquela *malta* de irresponsáveis.
- Arno era um protesto vivo contra tudo que no seu entender não estava certo. Desde jovem, temperamento.

E comentei a atuação jornalística dele na *Última Hora* naquele ano e meio de colaboração, às quintas-feiras, enfatizando que se colocava como analista político de atos e fatos.

- O pai, proprietário de terras, como encarava tudo isso?

Escolhendo palavras, esclareci que meu Tio, homem reservadíssimo, não tocava nesses assuntos com o filho nem o filho com ele. No fundo devia achá-lo um espadachim. Arno demonstrara a vida toda uma impaciente consciência crítica da organização social.

- Nestor, na prática a teoria tem que ser outra. Em nome da ordem, incumbe ao poder ocasionalmente agir à margem da ética, arranhar um pouco a cidadania. Vinte vezes pior que a injustiça, é a desordem.

Ia dizer ao bom Brigadeiro que injustiça é a maior desordem e que meu primo nada tinha de descompromissado atirando a torto e a direito nem se sentia bem na proximidade da tal *malta* a que se referira, mas calei. Não devia fazer de advogado, era demais querer que um homem da situação saísse da própria pele.

- Seus artigos. Lia-os todos. Se fossem medíocres, teriam passado despercebidos na grito geral. Mas não, apesar de nossas trincheiras opostas, reconheço que eram brilhantes. Aqui e ali uma farpas na farda...

- O Sr. o conhece. Comentava comigo que umas e outras eram para espertar o leitor que cochilasse à leitura. Um contestador, de fato, mas no terreno das ideias, não apelando nunca para a violência e sim para a reflexão.

E eu a cometer novo erro tático, a justificar! Brigadeiro Antunes ouvia e silenciava. Esperávamos.

O telefone tocou. E a informação veio negativa. Nenhum tenente da reserva com aquele nome detido na área de Ministério da Aeronáutica até ali.

– Aí está , Nestor.

Sugeri ao Brigadeiro que, sendo Arno oficial da reserva do Exército, talvez devêramos ter começado por aí. Respondeu-me que pensara nisso mas que seus contatos com o pessoal do Exército eram quase nulos. Tentaria.

Um capitão entrou e disse ao superior que estava em cima da hora a reunião da semana.

Enviando cumprimentos para minha esposa, estendeu-me a mão. Qualquer notícia me comunicaria de imediato.

Naqueles dia confusos tinha pedido a Margarida que ligasse para Jovita. Minha mulher negara-se redondamente. A antipatia entre as duas filhas de Eva era cordialíssima.

Liguei eu. Atendeu o Lincoln.

– Ôi, Nestor. Jovita? Vou chamar.

Ela me escutou sem perguntas, e então:

– De Roma eu telefono pra você.

– De Roma?

– Embarco agorinha mesmo, ao meio-dia. Com Saloméa. Viagem de negócios, pretendemos abrir uma terceira boutique, sabe? De confecções em couro.

Perguntei pela menina.

– Aninha anda a estas horas pelos Estados Unidos. Foi à Disneylândia, uma excursão com as coleguinhas do Centro Educacional. Sim, de Roma eu telefono, Nestor. Claro que estou chocada com a notícia, viajo preocupadíssima.

Atropelou desculpas, dispunha de hora-e-meia para estar no Galeão, como ia Margarida, beijos pra ela e as crianças, abraço, Nestor!

– Boa viagem, Jovita.

62 NÃO ESPERAVA que o Brigadeiro me telefonasse. Tomava eu mesmo a iniciativa. E recorria cada dia a outras amizades, a conhecidos. Mas graves eram as circunstâncias. As pessoas se esquivavam ou, pior, prometiam e nada faziam. Ninguém queria se comprometer.

Apenas Sadhoc, cunhado de um juiz militar, mexeu-se ativamente. Em vão. Logo entendi que devia mesmo era me agarrar ao Brigadeiro Antunes.

Soraya, chamada por nós, viera de Recife diretamente para nosso apartamento. E ao anunciar-lhe a situação, o desespero a esmagou. Cuidava do filho com um zelo exagerado e ansioso. Falava da carta que escrevera para Arno no avião e postara no Aeroporto dos Guararapes.

Margarida: Não nos falou em tal carta.

– Mas ele recebeu-a

Minha mulher acompanhou-a ao apartamento da Urca. Não a acharam. Por discríção não lhe perguntamos que importância dava àquilo.

– Vocês compreendem. No fundo, aquelas palavras não eram sinceras. Um impulso da hora, uma bobagem. Por que a escrevi? Se a achar, eu a quero queimar. Sem lê-la, sem lê-la. Arno! Arno! ele é minha vida. Eu não posso perdê-lo.

Teve uma crise nervosa.

Repetia frases desconexas, que Arno lhe dava a maior força na profissão, que sem ele sucumbiria, que seria do filho deles sem pai, que seria... Pelo amor de Deus pedia-me que eu saísse a localizá-lo, que ela enlouquecia.

Só a acalmamos fazendo-a ingerir uns comprimidos.

Uma semana de procura. De esperanças e de desespero. Nossos filhos silenciavam olhando-nos entristecidos.

No dia 1º de maio, enquanto a massa popular se dirigia para um Vasco-Flamengo no Maracanã com portões abertos pelo governo, o Brigadeiro passou por meu apartamento. Localizara o nosso amigo. Arno estava no Hospital Central do Exército.

Soraya e Margarida exaltaram. Crivavam o Brigadeiro de perguntas às quais não sabia responder. Queriam ambas acompanhar-nos na ida a Benfica. O Brigadeiro enganou-as: ele se encontrava recolhido à enfermaria dos incomunicáveis.

Acompanhei-o eu; mas também não me deram acesso até o preso.

Tornou dali a uns quarenta minutos, fisionomia acabrunhada. Entramos no carro. Quando o chofer partiu:

– Ruins notícias, Brigadeiro?

Sacudiu a cabeça:

– Não foi coisa de soldado. mas de policiais.

Arnóbio não o reconhecera. Pedia alto: – Água! Água! Estendera-lhe um copo à cabeceira. Bebera avidamente e bruscamente voltara-se para a parede, não o reconhecera.

Repetira o nome dele três vezes, ele nada, gemia sempre. Conversara com o major-médico. Havia conseguido que o transferissem da enfermaria para um quarto e maiores cuidados no atendimento. Acrescentou baixo que deixara dinheiro para uns medicamentos que escasseavam.

– Não pediu para o levamos?

Insinuara. Porém o comandante dissera-lhe que era preciso dar um tempo.

– Diga tudo. Notou em meu primo vestígios de violência física? falei com impaciência.

O Brigadeiro me encarou:

– Eu o compreendo. Arnóbio ali, o nosso amigo, naquele pijama de caserna... Não, não, aparentemente nenhum vestígio, a violência teve consequências internas. Continuemos a agir (bateu-me no joelho), cabeça fria e ação, Nestor.

Dia seguinte o Brigadeiro mandava o motorista à minha casa.

O rapaz me anunciou da parte dele a morte de meu primo, enviava pêsames dele e da mulher. Que procurasse em seu nome no HCE o capitão relações-públicas Genivaldo Hottz.

Seroa me acompanhou.

No corpo-da-guarda um sargento miúdo, pernas pra cima da mesa, escutava rádio-de-pilha ao ouvido e ignorou a nossa chegada.

– Eh, por favor! chamou Seroa.

Levantou-se espreguiçadamente:

– Sargento Amazonas, às ordens.

Disse firme que desejava ir à presença do Capitão Genivaldo.

– O Genivaldo gordo ou o Genivaldo magro?

– Genivaldo Hottz.

– Perfeito. É o magro.

Somente minha entrada foi permitida. Crachá de visitante ao peito, escoltou-me um soldado.

Evitávamos as poças d'água no pátio chovido.

– Esse sargento Amazonas é uma piada. Tem dois cigarros disponíveis aí, doutor?

Abandonei-lhe a minha carteira toda.

Tocou a corneta

– Hora do rango, a melhor hora! e deixou-me precipitadamente dizendo que podia entrar e esperar no gabinete.

Da antesala, através da porta vaivém, podia ver o painel na parede de fundo onde um helicóptero desfraldava uma faixa em céu de grandes nuvens

brancas convocando a amada Pátria acima de tudo.

O magérrimo relações-públicas de óculos escuros me recebeu de pé em seu gabinete. De pronto foi dizendo que o corpo se encontrava no necrotério do Hospital e que eu estava autorizado a providenciar a remoção.

– Bandidos! Assassinaram um brasileiro! explodi.

Não se moveu um músculo em seu rosto.

– No HCE, senhor, desde a primeira hora teve o tratamento devido.

Apresentou a papelada de liberação para que eu assinasse. E acrescentou duas ordens superiores: primeiro, que o sepultamento fosse feito no Rio, com a maior discrição. Segundo, devia ser evitada a imprensa. Entendido? O Sr. Major-Brigadeiro Antunes ficara fiador do cumprimento daquelas determinações.

Disse; e apresentou-me outro papel.

– Aqui está o atestado de óbito.

Corri os olhos. *Causa mortis*: insuficiência renal.

63 ROSTOS PERPLEXOS vieram chegando a noite inteira à capela 3 do São João Batista. Assinavam ritualmente a presença, detinham-se à cabeceira (as mulheres persignavam-se inspecionando a cara do morto), e apresentando os sentimentos a Soraya (alguns chamando-a de Sra. Franco de Melo), e a Irmã Letícia, dirigiam-se a mim.

Ninguém entendia. Surpresos e emocionados, ninguém entendia. haviam-se espalhado notícias de desastre, de suicídio. Como? Faziam-se perguntas, exigiam detalhes, certos de que eu ocultava alguma coisa. Aos mais próximos contei a verdade.

Os comentários, à luz velada do recinto, eram estes:

D'Aquino, companheiro de banca –

Estranho profissional, capaz de arrazoar durante vinte e mais horas e eclipsar-se três dias seguidos. Me confessou mais de uma vez a incapacidade de ser especialista em qualquer atividade. Agradavam-lhe aliás umas irreverências sobre a nossa profissão.

Vilanova (agora radialista) –

Dizer que há dois meses, se tanto, nos vimos na rua... Perdulário! Que fazes do teu imenso talento? provoqueei-o. Ficou na dele, esboçando um sorriso especial.

Desconhecido –

– Professor Nestor? – Sim. – Prazer, Major Colares. Ah, isto lhe afirmo: tivesse Arnóbio vivido uns dez anos mais e nos legaria uma bagagem literária respeitabilíssima. Dons não lhe escasseavam, nem cultura. Afirmava-me e não há muito: – Tenho sido, meu amigo, até hoje um aprendiz. Chego à hora de *um homem começar a escrever*.

Velho jornalista –

O nosso Franco de Melo, como eu, pertencia a uma espécie hoje em extinção: os espíritos lógicos. A par, nele, de imaginação prodigiosa, sensibilidade de primeira. E sequer um livro! Verdade que a Família bem pode amanhã descobrir um manuscrito. Você é a pessoa, está intimado a publicá-lo, Nestor. Tu não achas, querida?

Sua senhora –

Oh, sim. Não morremos uma vez, morremos com aqueles que amamos e partem cada dia. Uma só coisa conforta: a querida lembrança deles.

Um professor –

Oxalá, Gilberto, tenha Arnóbio conhecido, pelo menos, os catorze dias de felicidade que, depois de reinar cinquenta anos, contou o califa de Córdoba...

Gilberto, jovem estudante –

Um aí me perguntou o que os da alta roda acharam da virada política do Dr. Arnóbio. – Você que respondeu? – Virada? não houve. Ele nunca escondeu o esquerdismo dele, ou como quiser chamar. Dr. Arnóbio era um homem legal, cara.

Sr. Silva Xavier, meu vizinho –

Ouçá, bom Nestor. Assisti certa feita ao descarregamento de livros na calçada de um "sebo". O rapaz da camionete atirava-os ao chão como batatas de um saco. O mercador sorria, seguramente comprara aquilo por dois tostões. Lembro bem que nosso conterrâneo manifestou-me a nobre intenção de um dia doar o seu riquíssimo acervo à Faculdade de Santa Rita. Faça *questão* disso, Nestorzinho, vontade de morto é sagrada.

O boêmio do Bar 7 – (ruidoso) –

Meu ilustre Professor Castor! aquele abraço. Essa desgraça verde-amarela! eles não capiscavam, companheiro, o melhor dos artigos dele. E a ironia, hem? Que aliás camuflava o espírito sério que ele era, com todo respeito ao morto, que *ar nobre!* um artista de sua vida.

– Não! Não! Gente, Arno se suicidar?!

Em vermelho e negro a mulher investiu como um pé-de-vento:

– Golpistas! E ainda vão chamar esse crime, mais esse, de *acidente de percurso*.

Todos se haviam voltado.

– Recebi o telefonema, saí correndo (aproximando-se de mim) E você, querido Nestor? deixar a mentira se espalhar?

Dois agentes à paisana abraçaram lado a lado a intempestiva, que levada esbravejava:

– Vou botar isso no meu programa! Me larguem, seus tiras, vou...

Alguém: Quem é?

Jovenzinha: Mas não está conhecendo? Apresentadora Xaviera.

A noite caminhava com lentidão.

O mortuário das arandelas nos lambris fingindo velas; a fragrância forte das flores, a tampa do caixão verticalmente à parede; o ar morno no recinto; isto e aquilo entristece, enjoa, e mãos aos lábios disfarçam o tédio dos bocejos.

Verdade que fraudulenta é a realidade, mesmo junto à morte. Insidiosa. Insidiosamente...

O cafezinho quente no Bar interno; a cara despachada do garção; o cigarro do desconhecido de há dois minutos; aqui o burburinho dos diálogos amenos: o informe para o bom negócio, carro ou apartamento, o fato político, tudo vai ajudando a empurrar a obrigação piedosa e aborrecida.

Porém lá pela madrugada éramos apenas sete: um morto sob pétalas; Soraya mal penteada de óculos escuros; Margarida sem pintura; Irmã Letícia de cabeça baixa; Seroa e eu estremunhados, e o chofer Uziel, composto e novo, solícito como na primeira hora.

Aos poucos raiava o dia.

Esvaziavam todas as florálias do Rio de Janeiro?

Tristezas bem-vestidas chegavam com braçadas de rosas ou cravos em celofane. Coroas a manhã inteira. Dispostas nos cavaletes, exibiam em tarjas – ouro sobre negro – os nomes dos ofertantes.

Onze em ponto o padre entrou e fez as orações. Colocou-se à testa da carreta e processionais galgamos a encosta faiscante de carneiros caiados.

À sombra do toldo, roldanas desenrolando devagar as tiras retesadas, baixaram o caixão, que pousou no fundo sem ruído.

Discursos de ocasião a beira-túmulo.

Os presentes enxugavam os rostos na manhã de outono que mais parecia abrasado dia de verão.

Extramuros, da lonjura um eco indistinto soou: ô ô ôi...

O grupo de amigos desfilou silencioso atirando punhados de cal. E ali deixamos Arnóbio Franco de Melo sob a placa de cimento, por cima uma pirâmide de flores.

64 ATINGIDO pela tragédia que o feria pela segunda vez na vida, Tio Justo não viera ao sepultamento do filho. Veio, com Letícia e Monsenhor Brasil, que celebrou a missa de sétimo dia na Candelária.

À saída, nosso amigo colunista social aproximou-se de mim recomendando que não deixássemos de ver a sua coluna dia seguinte, domingo, no jornal. Desculpou-se: no pequeno espaço de que dispunha, não pudera fazer algo mais satisfatório, como gostaria.

Zózimo (do Amaral) escrevia –

CADERNO B JORNAL DO BRASIL Rio de Janeiro Domingo 19 de Abril de 1964

ZÓZIMO

Amo advogado vitorioso, arquiteto criativo, conferencista e causeur, centro das rodas de que participava a abrilhantar as suas intervenções sem buscar impressionar, Amo batalhador nos confrontos que a vida lhe armava, homem do mundo e da família – esse o tesouro que desapareceu no momento em que Arnóbio Franco de Melo cerrou há uma semana os olhos.

No curso de uma vida breve ele fez mais do que um círculo de fiéis amigos, fez enormes admirações. Não havia reunião ou simples formação de roda em mesa de bar que a chegada dele não fosse recebida com vivo prazer.

Era a garantia de que a partir daquele instante a troca de ideias ganharia mais brilho. Muito mais humor e inteligência: sua presença acordando nos outros o melhor da individualidade de cada um.

Adotava-se imediatamente postura atenta e curiosa. Além de sua simpatia, irradiava a riqueza de uma singularíssima personalidade. Sabia ser ferino quando convinha, sagaz na apreciação de uma intrincada questão, rápido na construção de uma linha de raciocínio, exato na avaliação e preciso nas conclusões a que chegava ou propunha.

Em entrevista que me concedeu há anos, à pergunta qual era para ele o cúmulo da miséria, respondeu: não saber admirar; e quanto à maior desgraça, esta: perder o sentido lírico da vida. Autêntico e espontâneo. Esteta e ético. – Amo era assim.

Para ele, tudo que fosse excepcional valia a pena. Indispensável como árbitro, continuará a sê-lo na saudade incomensurável de seus amigos.

Zózimo

Numa segunda-feira, oito dias depois, Soraya decidiu voltar para o apartamento da Urca. Margarida acompanhou-a. Foi de lá que minha mulher me telefonou para a Universidade. Soraya encontrara a carta.

– Onde?

– Dentro de um livro. Só vendo a alegria dela. Apertou-a ao peito como um tesouro. A carta estava fechada, Nestor! Decerto Arno adivinhou o conteúdo, preferiu não abrir.

Ia dizer mais. Interrompeu-se abruptamente. Soraya entrava na sala, eu queria dar uma palavra com ela?

– Sim.

Declarei-lhe a minha admiração em ver a firmeza com que se vinha comportando.

– Só eu sei o caos que estou por dentro, Nestor. É uma realidade irrespirável, sobretudo à noite. Ah, aquele momento terrível, o da notícia. Sinto que o tempo parou, que a minha vida se imobilizou ali. Se eu tivesse fá, seria outra coisa. Não fosse meu filho... e pôs-se a chorar.

Animeei-a como pude.

Em casa, Margarida me contou. Soraya não quisera de início falar no assunto da carta. – Ah, pra que mexer no passado, num momento desagradável? Ela forçara um pouco, acabara falando e até por fim se exaltando.

Fora a única questão entre ambas. Que eu considerasse se ela não tinha alguma razão. No fundo, pensara em voz alta, nem sabia como lhe viera aquilo de repente à cabeça. Arno já havia quase dois anos que estava separado. Aquilo era definitivo. E ainda mais com o nascimento do filho... Estava na hora de começar a considerar a situação deles. Acontecera na véspera de viajar pro Nordeste, e ele se aborrecera. – Isso é amor de mulher! Ela silenciara. Arno logo pedira desculpas. E haviam ficado sem se falar. Na viagem, lembrando-se ainda da frase dele tivera um acesso tardio de ódio, garatujara num papel de avião duas ou três bobagens, postando a carta no Aeroporto de Recife. E no carro do irmão pra casa da mãe já estava arrependida, mas que fazer? Eu podia bem imaginar, consumira-se com o pensamento do escrito. Ah, se a carta se extraviasse! Quando estourara o Golpe, ao invés de ficar apreensiva, se alegrara, pensara logo: Quem sabe se naquela balbúrdia nacional ela se perderia pelo mundo...

Que alegria quando Arno lhe telefonara naquela noite pro Recife! Claro, ela não tocara no assunto. No telefonema seguinte, não conseguira se calar. Não, não recebera carta nenhuma, ele dissera. Bem, se recebesse, que a rasgasse, fora escrita num momento de raiva, e Arno prometera que sim. Não a rasgara, ali estava, fechada.

Calara; e depois:

– Arno, na intimidade, tinha umas durezas amargas de aceitar. Felizmente ocasionais. Nossos desencontros duravam pouquíssimo, ele não suportava

vinte e quatro horas de frieza. Ficava inquieto, era o primeiro a tentar desfazer o mal-estar. Então, como um menino grande, abria-se. A sua luta, que eu o entendesse, fora sempre libertar-se das convenções. Nem bem luta, uma verdadeira guerra dentro dele. Libertar-se da Convenção, essa camisa-de-força! Quebrava o gelo. Contava-me com graça o triste fim de alguém que se propusera retirar as máscaras por um dia. Não se justificava nunca, experimentava apenas explicar-se... Arno era um homem que tinha de ser aceito inteiramente ou rejeitar inteiramente. Eu o amava.

65 DUAS SEMANAS depois recebi pela manhã um telefonema. Era Jovita.

Justificando-se, disse que andara pelo interior da Itália e, de volta a Roma, encontrara no Hotel o meu telegrama. Viajara imediatamente.

Estranhei que não fizesse perguntas sobre a morte de Arno. Talvez estivesse informada por outras pessoas. Apenas indagou sobre o Tio Justo. Pediu-me por último para eu acompanhá-la em visita ao cemitério. Fui à tarde esperá-la à entrada do São João Batista.

Frágil e abatida, assim a notei. Minha velha e pouca simpatia para com ela envergonhou-se de repente. Atropelei umas palavras sobre Aninha; como havia a menina recebido a notícia?

– É criança, ficou pensativa. Dali a dez minutos já telefonava para uma coleguinha.

Ao chegarmos à beira do túmulo. Jovita rompeu a chorar.

– Eu devia ter trazido umas rosas.

Ofereci-me para ir buscá-las.

– Não, não, Nestor! Não me deixe sozinha.

Ajoelhou-se, e rezava.

Depois, enxugando os olhos, ergueu-se.

– Eu nunca fiz esforço para compreendê-lo. Num murmúrio, instantes após: Nem ele a mim.

– Oh, Jovita, não se martirize.

– No entanto, Nestor, tínhamos tudo para sermos felizes.

Quedou ali. Recolhida. A tarde acabava entre aquelas formas brancas devagar.

Não sabia o que fazer de mim, quando um homem se aproximou. Por favor, doutor! por favor, era agente credenciado da maior e melhor marmoraria da cidade, líder no gênero, e oferecia o mais satisfatório serviço na especialidade. Trabalhavam com mármore e granitos, nacionais e importados, retratos inoxidáveis, crucifixos em bronze, peanhas, vasos em alabastro ou gesso. Arquiteto próprio, agora a Casa dispunha inclusive de um poliglota para epígrafes de sentimento e respectivo cinzelador. Preços? os da idade da pedra, doutor.

– Muito bem.

– Agradeço a atenção, doutor. Aqui todos conhecem o Mário, Mario Callado, para servir, da *Marmoraria Taveira Soares*.

Apresentou o cartão, dobrando-o no canto e corrigindo o número do telefone.

– Muito bem, eu o procurarei.

– Aguardo então um fio para a honrosa visita domiciliar.

Jovita decidira partir.

Um enterro azul de criança galgava a colina pela aleia das acácias. Descemos em silêncio. Já perto da saída falou numa missa de trigésimo dia que desejava mandar celebrar.

– Você vai, sim. Quero ver lá também Margarida.

Conduzi-a até o carro onde o chofer esperava. Vi-a tão triste que propus acompanhá-la ao apartamento.

– Não, não, obrigada por tudo! Eu telefono. Preciso conversar muito, muito, com você, Nestor. Preciso.

Comuniquei-me com Soraya.

Não estaria disposta a viajar a Santa Rita naquele fim de semana, apresentar o neto a Tio Justo?

Já pensara nisso, mais de uma vez. Não via jeito...

Observei que a coisa tinha que ser feita e quanto mais cedo melhor. Era aquela a hora, inclusive para consolar um pouco o velho.

– Também acho, meu amigo. Você leva Margarida?

– Claro que vai conosco.

Ainda insistiu:

– Você acha, Nestor, que ele... Não sei, vai me condenar?

– Condená-la, por quê? Tio Justo é homem para quem nada há de estranho na vida. E com o herdeiro dos Melos nos braços! A grande dor não a esqueceria mas ia sorrir. Convinha até que ela ficasse por lá um ou dois meses.

Fomos. E tudo aconteceu como previsto.

66 PAÍS DOS FATOS CONSUMADOS, veio o Golpe se consolidando.

Metade da imprensa dissera sim, a outra não, ambas em forma comportada. Os das letras glosaram e glosam com epigramas, espirituosas crônicas, pequenas cobranças e a vida continua...

Os donos do poder afastaram sem mais os paisanos aliados e a farda vai-se entredevorando pelos primeiros lugares. Já não se diz Golpe, é Revolução de 64. O povo, depois dos primeiros sustos, retorna aos hábitos, ao ganha-pão suado e há futebol no Maracanã.

Os que em tempo escaparam para o estrangeiro enquanto outros foram massacrados, penam por lá ou acomodaram-se a lecionar. Os que ficaram, grande parte da *intelligentsia* agora apagou-se, depois da preocupação enorme no início de descobrir se estavam no *Listão* pra cassar, demitir, pra – "*Amar o Brasil ou deixá-lo!*"

Nunca esquecido em Ouro Preto o 21 de Abril cada ano vai passando numa comemoração discreta e chocha. Meu vizinho, descendente do Protomártir, que há trinta e tantos anos não perdia a homenagem, torna das montanhas de Minas afrontado e defraudado. Ao encaminhar-se para o palanque oficial, um polícia a paisana: Só sobe os da farda. O Sr. é? Ele, que é altivo e violento, fechando o paletó: Hem? E se for? Barraram o acesso do velhinho que desta vez teve de guardar o seu patriótico discurso, anualmente retocado, peça oratória.

Para agravar a mágoa do orador frustrado, na Rodoviária um rapazola disse-lhe que o Tiradentes fora substituído na execução por um criminoso comum, obra da Maçonaria. Tinha lido aquilo numa revista.

O bom velho fecha os olhos quando fala.

– Ah, Nestor, se eles tivessem restabelecido a ordem, recolhido as baionetas e entregue o poder aos civis, teriam sido dignos de aplauso. Eu, desta data em diante, cerro fileira na Oposição.

– Braavos! É o lugar de um republicano histórico, Sr. Silva Xavier.

Lembro minha assistente, marcando o ponto sempre atrasada, trazendo cada manhã o jornal dobrado dentro da bolsa, entusiasmada com seus cronistas que a Censura ia ignorando pois aquilo não passava de "literatura".

A risada saudável da carioca: Já que subvivemos, Mestre, vamos rir! Televisão está de não se aguentar dois minutos. Olha Fulano, comparece hoje num dos melhores dias.

Outra manhã era a crônica de Eduardo Rios, que ela conhecia pessoalmente, de quem se orgulhava de ser admiradora e amiga: Edu está ótimo nas três notinhas do *Dia-a-Dia*. Lê como ele goza a descoberta de

documentos com plano estratégico para... atirar pastelões na cara de pessoas gradas.

Eu lhe falava: Vejo que você abandonou o projeto do livro, Graça. Ela: Negativo. Deixa a poeira assentar e sacudo meu coquetel Molotov.

Inesperadamente, Graça sumira.

Do Sr. Silva Xavier este o cumprimento quase diário:

– Que me diz, Professor?

O desgosto consome a alma do velho, não se conforma com o rumo dos acontecimentos. Apenas me vê, corre para mim, querendo saber novidades dos bastidores (como se eu as tivesse) pois para ele tudo que se publica (mas lê todos os jornais) é balela.

– Toda gente sonhava com dias melhores. Onde? Quando?, meu Nestor? E vão-se os dias...

Já no primeiríssimo aniversário de 31 de março, com a maioria que no primeiro momento havia batido palmas agora decepcionada, a boa Graça, que não vi mais, respira longe.

Em tempo publicou o panfleto. Sem bilhete, sem nada, encontrei dois exemplares para mim no escaninho da portaria de meu edifício.

Mistura de fatos reais e de lances risíveis. Mais que simples panfleto, discorre com reflexão lúcida, inteligente, entre sério e grotesco, no fundo mais sério que grotesco, sob as expectativas frustradas, sobre o que depois de tanta violência e arbitrariedade continuará a não ser feito: coisa alguma.

Lança mão de tipos – Cascata, Sopapo, Bolha, Carcará, Tacão – e vai sob esses qualificativos num desfile de parada. Fácil identificá-los... Claro, nem podia faltar excessos, os deliciosos excessos femininos.

E DEU NO QUE DEU, PAISANO!

é de ler-se até o fim, desde a nota inicial –

Onde estão? Ninguém sabe, ninguém vê. Mas listas e atos continuam.

Ninguém os identifica na praça do Povo...

e vai por aí.

A brochurazinha, saída de editora fictícia, foi de imediato apreendida, o nome dela riscado da Universidade. A filha de militares escapuliu pra França e lá fez-se na primeira hora taxista em Paris.

A boa Graça, a ordem pacífica das coisas! Conheceu numa "corrida" certo tenente que acabava de ser transferido para a Provença, lá se foi para Avignon com o novo amado...

Em carta recente desta ensolarada província me anuncia que breve será mãe e que, não fossem as lembranças do que vocês todos, queridos, estão curtindo aí se diria *la plus fortunée personne du monde*.

67 E NUM DIA QUALQUER de março 68, a correspondência de Editora paulista me notifica sobre os livros do Dr. Arnóbio Franco de Melo. Acerto comercial, Professor Nestor Leoni de Melo, era preciso. Quanto mais urgente, melhor, prezado senhor.

Dei uma chegada a São Paulo.

Pensava na tradução de Tocqueville e no vade-mécum ao tempo de meu primo vivendo ali recém-casado. Talvez pretendessem reeditá-los, coisas de Direito.

O Editor recebeu-me na mesma hora.

Agradecia a presteza de meu atendimento. Desculpou-se – imperdoável! – pela demora no caso. É que o escritor havia submetido à Casa dois originais. Tinham sido examinados e aprovados. Com a programação do ano fechada, não os editara logo. Um belo dia recebera telefonema dele para reter a publicação. Explicara Dr. Arnóbio: estava publicando artigos políticos e não desejava misturar literatura com ação social...

– Ação! foi o demônio de meu primo.

... ora como ele nem ninguém muito tempo não buscasse notícias, tinham ficado os dois livros esquecidos. E agora que vou erguendo a cabeça de dificuldades grandes trazidas pelo Golpe de 64 estou disposto a pôr os dois títulos na rua.

– Que originais são esses, senhor, que eu desconheço?

Pelo interfone mandou que os trouxessem.

Perguntei-lhe se conhecera pessoalmente Arnóbio. De passagem. lá ia tempo, quando ele morara em São Paulo. Melhormente quando lhe apresentara os originais. Pelo Raimundo Uchôa da Galaxia Editora havia pouco fora informado de sua morte. Tal notícia o levava às pastas verdes. Mas estava intrigado – Não sabia eu dos romances do parente?

Vieram as tais pastas verdes. Atirei-me curioso ao exame dos datiloscritos. Ora ali estavam nada menos do que as obras de ficção de Arno! A história de Olívia e a do jovem casal de pintores.

E referi-lhe que alguns anos de fato tivera conhecimento de umas tentativas dele, ignorava porém que as tivesse concretizado. Após críticas que eu e outros fizéramos, o assunto morrera. Entendia eu agora o que não entendera então. Dissera em meio a uma discussão que um dia nos surpreenderia a todos. Ali estava a imensa surpresa. E eu que viera à capital paulista pensando em dois outros livros, esses de advogado.

– Vi-os, muito úteis.

– A par da surpresa, tão grata para mim, quero agradecer a sua atenção em toda esta aventura dos dois romances.

– Meu professor Nestor, isso faz parte do ofício. Pode a Casa lançá-los a intervalo regular um do outro, pois o mercado...

Nisto, entra uma jovem de suéter, calça *jeans*, todo jeito de universitária. Apresentou-nos.

Simpática, cabelos soltos, falou que o pai, ele só lia os seus editados depois de impressos, que excepcionalmente lera aqueles. Levara-os para uns dias de lazer na fazenda e nem ela nem ele tinham conseguido largá-los, apesar das trezentas laudas de um e duzentas do outro. Aliás queria relê-los, certa que o faria, pois detectara em ambos vários níveis de leitura. O pai lhe dissera um pouco do autor. Indagou particularidades, era curiosa de pessoas, principalmente escritores.

Havíamos sentado. Acendeu um cigarro e eu satisfiz-lhe a curiosidade. Parecia ouvir com os negros olhos falantes.

– Vejo que era alguém. Pessoa que nem ele está exposta a todas as ameaças dos medíocres.

Fora ativista política, quando se podia ainda ser ativista política. Em repressões de passeata conhecera a violência policial, o avanço de cães. O pai a levava para a fazenda, ela e uma colega, e as retivera lá de vigia à vista. Mas o velho era legal. O primo, coitado! é que andava penando pela Holanda.

Tragou o cigarro com evidente prazer.

Eles souberam fazer a propaganda contra, Professor. Forjaram imagens distorcidas dentro do figurino golpista, levaram a burguesia burra à paranoia. O Senhor, que está por dentro como professor de História, por que não escreve sobre? Vejo aí um enorme tema.

– Ouço uma sugestão inteligente.

– Vivenciamos neste 1968, aqui e lá fora, um ano de forte ebulição social muito promissora. O aumento de desemprego e a elevação do custo de vida fazem surgir essa onda de revolta. Apesar da repressão que continua, há no fundo grandes esperanças.

– Se não vier por aí um Ato Institucional nº 5.

– Então, Professor, é o fim de vez e – esmagou o cigarro no cinzeiro.

O pai: Oh, dentro em pouco estamos todos de coração novo! Olhem o nosso Dr. Zerbine prometendo o primeiro transplante no Brasil.

Ela: Como seu primo, o romancista, merecia ter sobrevivido e participar deste momento, não é mesmo?

– Assim julgarão todos os amigos dele.

E cumprimentei tão comunicativa criatura declarando que me sentia deveras feliz por ter encontrado a leitora em quem decerto o romancista cogitara ao escrever os dois livros.

– Obrigada. Mas estou convicta de que outros o irão entender. Em ambos ele deslancha de maneira, digamos, crônica poética, embora já de modo a motivar. No instante seguinte porém lança mão de ardis proibindo a apreensão dos signos habituais. Isso obriga o fulaninho (girou o indicador) a usar a cabeça. E o gratificante é constatar que ali existe, como falei, mais de um nível de leitura. Essa articulada continuidade de invenção referenciada mantém o foco de interesses o tempo todo, o autor jamais perde o pique.

O pai: Kátia, qu'ê isso? Assim, filha, você parece querer dar uma aula ao Professor.

Ela riu juvenilmente, Rimos os três.

– Até parece! Desculpe, Professor. Tenho que ir. Olha, pai, só passei aqui pra lembrar, hém? Hoje à noite, às nove horas.

– Certo.

– Tchau pros que ficam! e nos beijou.

– Bem, vamos ao que importa, disse o Editor.

Convidou-me, se eu quisesse, a elaborar as respectivas "orelhas". Uma condição, por favor! não fizesse referência à conjuntura política. Havia já sido bastante incomodado pelo Poder, todos os que editavam estavam sob o regime de autocensura. Ia esquecendo... Arranjasse um bom retrato do autor. Tinha um novo capista, veríamos com que cara bonita ia sair *A Fonte Luminosa*. Eu estava convidado a comparecer com outros naturalmente ao lançamento. Telegrafaria.

68 TROUXE as duas pastas, comuniquei-me com Seroa, que não se espantou menos do que eu. Veio à minha casa, queria ver logo logo os tais originais.

Folheou avidamente os dois volumes. E ia repetindo: Ótimo! Ótimo! Sem dúvida, Nestor, ele deu aqui o melhor de si, isso se vê.

– Vim lendo no avião. notei cá e lá certas negligências.

– Não vamos corrigi-las.

– Arno decerto o faria.

– Não creio. Ele as deixaria. A fim de mostrar que era maior que seus livros. Vou pra casa, vou ler até o amanhecer.

Pedi-lhe que escrevesse as "orelhas".

Entregou-me as pastas e os escritos mais depressa do que eu esperava, redigidos com aquele toque de originalidade que punha em tudo e desta vez, como me confessou, com o maior prazer.

Fomos ambos ao lançamento de *A Fonte Luminosa* em São Paulo.

*

* *

Como tinta correu, a favor e contra, o Editor aproveitando a onda lançou a seguir o *Dossiê da Pintura*.

A crítica nova enfim polemiza se se trata em ambos os livros de ficção em patamares ou em círculos, de mensagens simbólicas ou alegóricas, etc., qualificando os dois títulos de "importantes realizações na moderna novelística brasileira."

Observei a Seroa um dia:

– Pensar que Arno ainda escreveria outras coisas...

– Se vivesse além dos quarenta?

– Exato.

– Conjecturas.

– Plausíveis.

– Meu caro Nestor, a vida de um homem não é isto ou aquilo que poderia ter sido ao sol e escuro de seus dias – é o que foi, por inteiro.

– Escreva então a de Arnóbio.

– Deixa-a para seu primo.

fim